

ALUIZIO AZEVEDO



LIVRO

DE

UMA SOGRA



RIO DE JANEIRO

DOMINGOS DE MAGALHÃES — EDITOR



LIVRARIA MODERNA

54 Rua do Ouvidor 54

1895

LIVRO DE UMA SOGRA

DO MESMO AUCTOR

ROMANCES

O MULATO.....	1 vol. in-8°	Nova edição
CASA DE PENSÃO.....	2 » » » »	
O CORUJA.....	1 » » » »	
O HOMEM.....	1 » » » »	
O CORTIÇO.....	1 » » » »	
MEMORIAS DE UM CONDEMNADO..	2 » » » »	
PHILOMENA BORGES.....	1 » in-4°	Edição esgotada
UMA LAGRIMA DE MULHER.....	1 » in-4°	» »
A MORTALHA DE ALZIRA.....	1 in-8°	
MYSTERIO DA TIJUCA.....	1 » in-4°	
LIVRO DE UMA SOGRA.....	1 » in-8°	

NOVELLAS E CONTOS

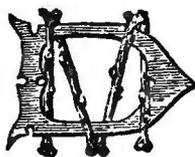
DEMONIOS..... 1 vol in-8°

THEATRO

O MULATO.....	Dram. 3 ac. Rep. no th.	<i>Recreio Dramatico.</i>
OS SONHADORES.....	Com. 3 ac. Rep. no th.	<i>San'Anna</i> com o titulo <i>Macaquinhos no sótão.</i>
PHILOMENA BORGES.....	Com. 1 ac. Rep. no th.	<i>Principe Imperial.</i>
CASA DE ORATES.....	Com. 3 ac. coll. com Art. Azevedo.	Rep. no th. <i>San'Anna.</i>
FLOR DE LIZ.....	Op. 3 ac. coll. com Art. Azevedo.	Rep. no th. <i>San'Anna.</i>
FROTMACK.....	Rev. de anno. coll. com Art. Azevedo.	Rep. no th. <i>Variedades.</i>
A REPUBLICA.....	Rev. de anno. coll. com Art. Azevedo.	Rep. no th. <i>Variedades.</i>
VENENOS QUE CURAM....	Com. 4 ac. coll. com E. Rouede.	Rep. no th. <i>Lucinda.</i>
O CABOCLO.....	Dram. 3 ac. coll. com E. Rouede.	Rep. no th. <i>San'Anna.</i>
UM CASO DE ADULTERIO.	Dram. 3 ac. coll. com E. Rouede.	Rep. no th. <i>Lucinda.</i>
EM FLAGRANTE.....	Com. 1 ac. coll. com E. Rouede.	Rep. no th. <i>Lucinda.</i>

ALUIZIO AZEVEDO

LIVRO
DE
UMA SOGRA



RIO DE JANEIRO
DOMING S DE MAGALHÃES — EDITOR
LIVRARIA MODERNA
54 — RUA DO OUVIDOR — 54

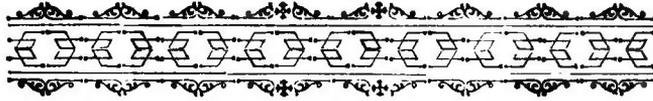
1895

Typ. da EMPRESA DEMOCRATICA EDITORA—Rua do Hospicio n. 149

Plusieurs choses certaines sont contredites ; plusieurs fausses passent sans contradictions : ni la contradiction n'est marque de fausseté, ni l'incontradiction n'est marque de vérité.

Dire la vérité est utile à celui à qui on la dit, mais désavantageux à ceux qui la disent, parce qu'ils se font haïr.

PASCAL — *Pensées.*



I

...ce travail offre un autre découragement: que des choses hardies, et que je n'avance qu'en tremblant, seront de plats lieux communs dix ans après ma mort.....

STENDHAL—*Souvenirs d'Egotisme.*

E volta da minha ultima peregrinação a Europa, depois de cinco annos de saudades do Brasil, foi que, pela primeira vez, senti todo o peso e toda a tristeza do meu isolamento e pensei com menos repugnancia na hypothese de casar. Foi a primeira vez e tambem a ultima que semelhante velleidade me passou pelo espirito; d'ahi a vinte e quatro horas tinha resolvido ficar eternamente solteiro.

Estava então com trinta e cinco annos. Dessa vez, como sempre me succedia ao pensar no casamento, veio-me logo á idéa o meu amigo Leandro, e vou dizer porque:

Leandro de Oviedo era, entre os meus companheiros da primeira juventude, o unico que se conservou fiel á nossa amisade. Os outros tinham todos desaparecido; alguns simplesmente do Rio de Janeiro ou do Brasil, mas, ai! a melhor parte havia já desertado deste mundo, para nunca mais voltar.

Leandro foi sempre um rapaz bem equilibrado: coração generoso, caracter serio, intelligencia regular, sobriedade nos costumes e tino para arranjar a vida. Do nosso grupo era elle o mais moço e tambem o mais forte e bem apessoado. Tinha excellente educação physica, adquirida num collegio da Inglaterra; conhecimento perfeito da esgrima e jogos de exercicio; destreza na montaria e plena confiança nos seus musculos.

Ainda não contava elle vinte annos quando o conheci, e a nossa intimidade foi apenas interrompida pelas minhas viagens. Fui eu o confidente da grande paixão que o levou a casar, quatro annos depois, com uma encantadora rapariga, filha da velha mais phantastica, mais diabolica, mais sogra, que até hoje tenho visto.

A furia, para consentir nesse casamento,

aferrou-se ás mais leoninas exigencias ; impôz condições as mais humilhantes para o futuro genro. Já me não lembro ao justo quaes foram ellas, posso afiançar porém que eram todas originaes e ridiculas. Havia uma, entre taes clausulas, de que nunca me esqueci, a da assignatura de certo documento, em que o desgraçado pedia á policia não responsabilisasse ninguem pela sua morte, caso elle apparecesse assassinado de um dia para outro.

Mas Leandro estava irremediavelmente perdido de amores ; e a moça era muito rica, e elle o que se póde chamar pobre. Não havia para onde fugir ; sujeitou-se a tudo e—casou.

Ainda porém não tinha desfructado o primeiro mez da sua lua de mel, e já a sogra achava meios e modos de interrompel-a, separando-o violentamente da noiva. E d'ahi em diante o casal nunca mais teve occasião de absoluta felicidade. O demonio da velha parecia não poder soffrer o genro ao lado da filha, e o pobre rapaz, que amava cada vez mais apaixonadamente a esposa, não lograva um segundo de ventura junto desta, sem ver surgir logo entre elles o terrivel espectro. Não os deixava um instante socegados ; não os perdia

de vista um só momento, rondava-os, fariscava-lhes os passos, como se vigiasse a rapariga contra um estranho mal intencionado; perseguia o género só pelo gostinho de atormental-o; contrariava-o nas suas mais justas pretensões de marido, azedando-lhe a existência, intromettendo-se na sua vida íntima, desunindo-o da mulher, sobre quem conservava os mais despoticos direitos.

Causava-me elle verdadeira compaixão.

Um dia vi-o entrar por minha casa, desesperado, afflicto, e atirar-se a uma cadeira, soluçando. Sem que lhe apanhasse uma só palavra das muitas que os seus soluços retalhavam, consegui, de dous dos seus monosyllabos mais estrangulados, perfazer a de «Sogra», e exclamei-lhe desábridamente :

— Mas, com um milhão de raios ! porque não te livras por uma vez dessa vibora ? !

— Livrar-me, como ? ! De que modo ? ! perguntou-me o infeliz entre dous arquejos.

— Ora, como ? ! De que modo ? ! Seja lá como fôr ! Foge, ou torce-lhe o pescoço ! Atira-a no meio da bahia ! Sacode-a do alto do Pão de Assucar !

— Impossivel ! Amo loucamente minha

nulher, e minha mulher adora a mãe! Não consentiria em separar-se della, nem m'ò perloaria, se o tentasse!

— Historias!

— Além de que, sabes qual é hoje a minha posição na Praça do Rio de Janeiro; não das peiores! mas sabes tambem que só agora começo a colher o resultado de enormes sacrificios feitos para obtel-a!... Pois bem, tudo o que tenho, tudo o que sou, devo a minha sogra! O capital é della! O credito foi ella quem m'ò deu! Um rompimento seria a minha ruina completa!

— Oh, diabo!

— E' o que te digo! Vê tu que posição a minha!

— Então, meu amigo, só te restam os extremos—resignação ou... suicidio!

Elle, ao que parece, resignou-se.

Um anno depois encontramos em Paris.

— Olá! bradei-lhe—Fugiste?...

— Qual ! Estou de passeio. Minha sogra mandou-me passeiar...

— Expulsou-te de casa?...

— Não. Mandou-me passeiar por algum tempo. Eu volto...

— Ah ! compreendo ! quer que a filha se distraia um pouco pela Europa. Dou-te os meus parabens !

— Não ! vim só.

— Hein?! E tua mulher ?

— Ficou.

— E tua sogra acompanha-te?...

— Ah ! não !

Fiz-lhe, intrigado, ainda algumas perguntas, a que elle respondeu com reserva, procurando evital-as. Percebi que me não queria fallar francamente, talvez por medo do ridiculo, e não insisti.

Jantamos em companhia um do outro, e desde então pegamos de ver-nos todos os dias. Fizemos juntos uma viagem á Suissa, e a nossa amisade revigorou-se com essa jornada ; ficamos inseparaveis até que elle, mezes depois, deixou a Europa para tornar ao Brasil.

E eu, agora, aqui no Rio de Janeiro, ao accordar da primeira noute, passada no detes-

tavel Freitas-hotel, senti cahir-me em cima, com o peso de mil arrobas, todo o negrume da minha solidão. A idéa da solidão fez-me pensar no casamento; a idéa do casamento fez-me pensar em Leandro.

E' verdade! Que fim teria elle levado?...

— Vou vel-o! deliberei, saltando da cama.

Procurei o endereço da sua actual residencia. «Tijuca. Alto da serra.» Era longe, mas o dia estava magnifico. Porque pois não ir? Emquanto lá estivesse disfarçaria ao menos o meu tédio de celibatario. Leandro era afinal o meu melhor amigo; além do que, appetecia-me á curiosidade saber noticias do seu casamento e da sua phenomenal sogra. Não nos viamos havia quatro annos. Como seria agora a sua existencia? Que fim teria elle dado ao demonio da bruxa?...

Vesti-me, almocei, sahi, dei um passeio pela rua do Ouvidor e tomei o tramway da Tijuca. Na raiz da serra procurei informações sobre a casa de Leandro; deram-m'as na mesma cocheira que me alugou uma victoria para lá subir.

A's cinco e meia da tarde entrava na residencia do meu amigo. Uma deliciosa cha-

cara, com o seu cottage ao fundo, na fralda da montanha, escondido entre arvores floríferas e cercado por um jardim de rosas e camelias. Adivinha-va-se logo, desde o portão da rua, haver allí todo o conforto e regalo que nos podem proporcionar os maravilhosos arrabaldes do Rio de Janeiro. Toquei o tympano na varanda. Fizeram-me entrar para a sala de espera ; não mandei o meu cartão intencionalmente, e, quando Leandro chegou e deu comigo, soltou uma sincera exclamação de prazer.

Atiramo-nos nos braços um do outro.

— Que bella surpresa ! bradou elle. — Não sabia que tinhas chegado !

— Cheguei hontem. E tu como vaes por aqui ? A senhora como está ? E tua sogra, que fim levou ?

— Minha mulher não está ahi. Sahio na minha ausencia com os filhos e com o velho Cezar. Não sei para onde foram... Mas vae entrando ! vae entrando !

— Estão esparecendo naturalmente por ahi perto, aventei, passando para a sala de visitas.

— Talvez, mas talvez não. Não sei ! Pode

ser que voltem já e pode ser que se demorem. Desconfio que foram fazer uma viagem...

— Como ? Pois tu não sabes se tua mulher foi fazer uma viagem, ou se está passeiando pela vizinhança da casa ?... Ora esta !

— Não, filho, não sei. Temos uma vida muito especial. Ella ás vezes me foge, ou eu lhe fujo. Levamos tres, quatro dias fóra, uma semana, um mez até, longe um do outro, visitando parentes e amigos, ou simplesmente passeiando, viajando...

Calei-me, por falta absoluta de palavras, e comecei a desconfiar que a sogra afinal acabára por derreter os miolos ao meu pobre amigo. Era de esperar !

Depois de uma pausa, approximei-me d'elle e perguntei-lhe, em voz soturna, olhando para os lados :

— E a serpente ?...

— Que serpente ? !

— Ora, qual ha de ser ? A furia infernal, o diabo de saias, tua sogra !

— Coitada !

E Leandro soltou um grande suspiro.

Escancarei os olhos e a bocca, sem comprehender.

— Coitada !... repetio elle, com um novo suspiro—Já não existe... ah ! infelizmente já não existe !...

Recuei aterrado ; senti o sangue gelar-se-me nas veias. Que estava eu ouvindo, meu Deus ? que estava dizendo o misero rapaz ? Oh ! agora já não havia a menor duvida—era um caso perdido !

— Regenerou-se afinal?... interroguei-lhe, fingindo sangue frio, e sem me approximar muito desta vez.

— Não zombes, meu amigo ! A memoria de minha sogra é hoje para mim tão sagrada, ou mais, do que a memoria de minha propria mãe !...

— Mas, espera ! quantas sogras então tiveste tu ?... perguntei, receiando tambem já um pouco pelo meu juizo.

— Uma só.

— E essa, a que te referes agora, é aquella mesma, a celebre ? aquelle terror, aquelle molestia, aquelle mal que te roía a existencia ? aquelle diabo, a quem devias o implacavel inferno, em que te vi espernear de desespero ?...

— A mesma, Leão. Simplesmente eu, nesse tempo, era injusto...

— Aquella que, só pelo gostinho de contrariar, se mettia entre ti e tua mulher, cortando-lhes no meio as caricias e perturbando-lhes o amor?...

— Não a comprehendia nessa epocha. O imbecil era eu!

— Aquella, que te trazia suspensa sobre a cabeça uma ameaça de morte?...

— Fazia-o, porque era adoravelmente boa!

— Aquella, que te não permittio fosses o dono do primeiro beijo de teu filho?...

— E' verdade, a mesma!

— Aquella furia?

— Era uma santa!

E ficou muito serio, com o rosto compungido e constricto.

Até hoje ainda não sei como não cahi para traz, fulminado.

Metti as mãos nos bolsos das calças, abri as pernas á marinheira, ferrei o olhar no tapete do chão, apertei os labios, arregacei as sobranceiras, e embatuquei.

— Sim senhor!...

Estava preparado para ver, sem me alterar, o meu estimavel amigo Leandro de Oviedo

atirar as mãos para o chão, e pôr-se a percorrer a sala de pernas para o ar.

Que digo? Poderia ver, sem pestanejar, o retrato da propria sogra de Leandro desprender-se do seu caixilho dourado, e vir dar-lhe um beijo, ou dansar um fandango entre nós dous.

Naquelle instante nada me causaria abalo!

Mas, ao fim do jantar, reanimado por um velho e generoso Barbera, pedi ao meu paradoxal amigo que me explicasse o milagre daquella sua tão absoluta inversão de pontos de vista. Sempre queria ouvir!

— Não te darei uma palavra e terás a mais satisfactoria explicação do mysterio, disse-me elle.— Dormes aqui, não é verdade? Dormes de certo!

— Mas...

— Podias até passar alguns dias commigo. Isto por cá é muito aprazivel nesta epocha. Onde estás morando?

— No Freitas.

— Ora! Não te largo esta semana! Seria deshumanidade deixar-te ir! Hospedado no Freitas!...

— Mas é que... não contava com isto... Vou sem duvida imcommodar tua familia...

— Qual! Minha familia não sei quando virá... Tu agora não tens ainda com certeza o que fazer... De resto não ficas totalmente preso: podes ir á cidade quando quizeres; trazer de lá ou mandar buscar o que precisares. Olha! aqui pelo menos estás livre de qualquer febre! e podemos dar magnificos passeios, a cavallo e de carro, pela Floresta, á Vista Chinezta, á Gavea. Amanhã mostro-te as minhas estrebarias; se ainda conservas gosto pelo genero, encontrarás o que ver.

Confessei-me vencido, mesmo porque sentia já a curiosidade excitada.

Jogamos á noute uma partida de bilhar e, ás onze horas, na occasião de recolher á camara que me destinaram, exigi de Leandro a promettida explanação do milagre.

— Entra para o teu quarto, que lá t'a levarei, respondeu elle, affastando-se.

E pouco depois voltava, trazendo com todo o carinho um pequeno estojo de ebano.

Abriu-o defronte de mim com uma chavesinha de prata, e tirou de dentro um livro preciosamente encadernado.

Mostrou-me o livro, em silencio, cheio de gestos e desvellos religiosos. Na capa, entre guarnições de ouro e pedras finas, havia um delicadissimo esmalte, retratando em miniatura o busto da sogra. Estava a primor, com o seu distincto e singello penteado de cabellos brancos, com as suas lunetas de crystal, e com a quelle subtil sorriso malicioso, que lhe conheci n'outro tempo.

— Não poderia dar-te maior prova de amizade, do que te confiando este sagrado thesouro, disse-me Leandro. — E' um manuscripto de minha sogra. Começa a lê-lo hoje antes de dormir, e depois, quando o tenhas concluido, conversaremos a respeito da mãe de minha mulher...

Tomei nas mãos, cuidadosamente, a seductora reliquia, examinei-a devéras intrigado, depul-a de novo no seu estojo, agradeci a Leandro o obsequio, apertei-lhe a mão e dei-lhe as boas noutes, impaciente por vel-o pelas costas.

Logo que me pilhei sosinho, fiz em tres

tempos a toilette, aninhei-me na cama, cheguei para perto a luz do velador, e, com uma volupia repassada da mais legitima curiosidade, abri a primeira pagina e comecei a leitura.

Mal sabia eu que grande influencia ia exercer esse manuscripto sobre minha vida !... E como hoje posso publical-o, não ponho nisso a menor duvida.

E' o que se segue :



II

MANUSCRITO DE OLYMPIA

*La nature a des perfections pour
montrer qu'elle est l'image de
Dieu, et des défauts pour mon-
trer qu'elle n'en est que l'i-
mage.*

PASCAL—*Pensées.*

RPHÃ de pae e mãe, tinha eu dezoito
annos de idade, quando passei das
mãos de meu tutor para as mãos do estimado
e sympathico Dr. Virgilio Xavier da Camara,
que me recebeu por esposa na igreja de São
João Baptista em Botafogo.

Meu noivo contava vinte e sete annos.

Eramos ambos de boa familia, ambos
muito bem relacionados, ambos sadios, e am-
bos até bonitos. Elle—medico, intelligente e
trabalhador, conservando intacto um patrimo-
nio de quarenta contos, que herdára ainda cre-
ança; genio feliz, costumes irreprehensíveis,

nada de vícios perigosos e nada de paixões de qualquer genero, nem mesmo desses perturbadores sonhos de gloria ou dessas ambições descommedidas, que nos fazem sacrificar ás vezes a doce tranquillidade do presente garantido, pela hypothetica e fascinadora conquista de um nome no futuro incerto. Eu, pelo meu lado,—innocente e pura, educada sob os mais austeros exemplos de moral e virtude, tendo feito a minha aprendizagem domestica sem prejuizo dos meus pequenos dotes sociaes; sabendo coser, como sabendo bordar; dirigir o serviço dos creados, governar uma casa, como sabendo tocar piano, receber visitas e dansar uma valsa; e mais: tinha boa orthographia, alguma leitura, que não era composta só de máos romances, um pouco de francez, um pouco de inglez, um pouco de desenho, sessenta contos de dote, principios religiosos bem regulados, character sereno, temperamento garantido por hereditariedade natural, seguros habitos de acceio, alinhio e gosto no vestir, que nada deixavam a desejar quanto á elegancia, mas que jamais roçavam, nem de leve, pelos arrebiques do janotismo equivoco.

Eis como nós eramos os dous. E eu —

meiga e delicada ; e meu marido—extremoso e forte.

Casamo-nos por inclinação de parte a parte, com o applauso de ambas as familias, depois de um calmo namoro de seis mezes, regular e honesto, abençoado por todos os nossos parentes e amigos.

Não se poderia pois desejar casamento mais equilibrado, nem se poderia conceber um par mais harmonioso, e até mais symetrico.

Não obstante, apesar de que nunca transigi dos meus deveres conjugaes ; apesar de que meu marido prosperou sempre de fortuna na sua carreira medica e, depois, na sua carreira politica ; apesar de que elle era bom, e apesar de que sempre nos estimamos ; apesar de tudo isso, tanto elle como eu fomos igualmente muito desgraçados, emquanto nos não separamos ; fomos os dous um casal de infelizes, amarrados um ao outro pelo duro e violento laço do matrimonio ; fomos dous calcetas, seguros na mesma corrente de ferro, condemnados a supportar a existencia eternamente juntos.

Não foi possível ! Quebramos a cadeia, arrancamo-nos da grilheta. O governo no-

meou-o para uma honrosa commissão fôra do Brasil; aproveitamos o ensejo e separamo-nos. Tinhamos dous filhos, um de cada sexo; a meniña ficou commigo e o menino seguiu com elle.

Ao contrario do alvitre juridico, entendi sempre que, na separação de conjuges, mormente abastados, o filho ou filhos varões devem acompanhar o pae, e a filha ou filhas devem ficar ao lado da mãe, porque esta é sem duvida mais apta, que um homem, para zelar pela boa educação e pureza de uma menina; ao passo que aquelle outro póde, melhor que a mulher, dirigir e encaminhar a vida de um rapaz.

O contracto moral e intimo do nosso apartamento foi ainda mais digno e mais sincero do que o contracto publico e material da nossa união. Não nos preoccupou a questão de dinheiro, porque eramos já bastante ricos, e podiamos ficar ambos pecuniariamente independentes. Obriguei-me a não macular jamais o nome que elle me déra, e esse preceito foi por mim cumprido á risca; elle, pelo seu lado, comprometteu-se a se não descuidar nunca de nosso filho, e assim o fez durante os curtos

annos que viveu ainda o meu pobre Gastãozinho.

Separamo-nos bons amigos, mas, ai de nós! depois de grandes desavenças domesticas e brigas de cada instante, que fizeram até ahi da nossa vida um triste inferno, e que para sempre nos tornaram incompativel a existencia em commum. O que nos valeu foi o nosso espirito. Num momento lucido comprehendemos tudo, encaramos a sangue frio a situação; e abraçamos com coragem o unico partido digno de nós. Se continuassemos a viver juntos, teriamos chegado ás ultimas degradações da falta de respeito um pelo outro, e talvez ao crime. E' possivel que Virgilio me batesse, ou me matasse, num dos nossos muitos impetos de irreprimivel colera nervosa. Só os casados, só estes poderão calcular e comprehender quanto nos injuriamos os dous, quanto nos aviltamos, por palavras e gestos, nessas secretas e constantes luctas. O arrependimentò chegava sempre, porém tarde, e nunca aproveitava para impedir novas crises; o arrependimento só servia para mais nos rebaixarmos aos nossos proprios olhos, com a consciencia da nossa degradação. Mais do que as rixas, os

sequentes amores na confirmação das pazes, deixavam-nos humilhados e corridos de vergonha; e esse facto, só por si, a deprimente certeza da nossa ignominia, era já um novo rastilho prompto e acceso para uma nova explosão de colera.

Afinal, o contacto, ou a só presença de qualquer dos dous, tinham se tornado absolutamente insupportaveis para o outro. A's vezes, sem razão, não podia demorar a vista sobre meu marido : irritavam-me nervosamente os seus gestos mais simples e naturaes. Uma occasião, em que o contemplei pelas costas, assentado á sua mesa de trabalho, todo embebido no que estava fazendo, com a cabeça baixa, um gorro de seda preta, os hombros envolvidos num chale que lhe escondia o pescoço, desejei-lhe a morte, e tive de fugir d'alli para não disparatar com elle.

Mas porque? porque razão eu, que sem duvida estimava e comprehendia meu marido, não podia ás vezes supportal-o?... porque razão elle, que me amava, não poude continuar a viver junto de miun?

Porque?

Eis o difficil de explicar, e eis do que,

tendo estudado minuciosamente o meu proprio coração e o coração de meu marido, e depois de uma longa e paciente observação de todos os instantes da vida de casados que nós dous tivemos, tirei a base e a substancia da minha philosophia sobre o amor conjugal e os meios praticos de obter-lhe a duração.

Não o fiz por mim, mas só por minha filha, a minha Palmyra, a flor mimosa dos verdadeiros encantos da minha vida de moça, o ser unico a quem neste mundo dei, até certo momento da velhice, todo inteiro o meu coração, a quem dei todo o meu amor, sem a mais ligeira reserva de ternura e sem a menor hypocrisia nos sorrisos e nos beijos. Amei-a mesmo antes que ella nascesse, amei-a cada vez mais durante a existencia, e creio que ainda a amaria sempre depois da sua morte. Nunca neste amor descobri as falhas de tedio, de cansaço, e até de absoluto enjôo, que infelizmente, logo desde o começo da minha vida conjugal, descobri no amor que eu votava ao meu bom e querido esposo. No meio do maior aborrecimento, no mais ingrato instante das horas de desanimo, a presença de minha filha era sempre uma consolação e um repouso;

nunca beijo nenhum que ella me deu foi inoportuno; nunca as suas caricias chegaram fóra de proposito, e nunca deixaram de produzir em minha alma o mesmo delicioso effeito de suave refrigerio. Entretanto, quantas vezes, ainda na lua de mel, não me revoltei contra mim mesma e não amaldiçoei as rebellias do meu coração, por não poder evitar que, a despeito da minha traiçoeira affabilidade externa, o enojo repellisse no meu intimo as caricias que nessa occasião me dava meu marido ?!

Ah! elle não percebia a verdade, porque eu com uma hypocrisia, que nesse tempo acreditava honesta e generosa; uma hypocrisia, que eu suppunha fazer parte dos meus deveres de boa esposa, obrigava meus olhos, meus labios, meus braços, meu corpo inteiro, a mentirem, representando sem vontade essa cousa inconfessavel, ignobil, que me tinham feito acreditar, secretamente, que era «o amor». Que blasphemia! e mais — que era «o matrimonio». Que desillusão!

Oh! quantos sorrisos, quantos suspiros de volupia e quantos beijos dados por mentira, meu Deus! Oh! quanto me prostitui nos braços de meu marido!

E que vergonha, que repugnancia, delle e de mim propria, não me assaltaram quando descobri que com Virgilio se dava a mesma cousa a meu respeito; e que ambos nós, procurando illudir um ao outro, representavamos cada qual no seu transporte a mesma degradante comedia de amor? Quantas vezes percebi que seu espirito bocejava de tedio, emquanto seus labios me cobriam de beijos fervorosos?

Mentirá todo aquelle e mentirá toda aquella que disser que a presença de sua esposa, ou que a presença de seu marido, lhe foi sempre agradável; e mentirá, se não confessar que muita vez se prestou a satisfazer os desejos do conjuge com sacrificio de todo o seu ser.

Eramos já dous desgraçados, e d'alli em diante começamos a ser duas victimas e dous verdugos reciprocos, chumbados á mesma dôr e á mesma crueldade, a torturarem-se, a devorarem-se num estreito abraço de exterminio.

Oh! definitivamente não podiamos continuar a viver juntos! E, no entanto, eu amava meu marido, e sei que era amada por elle. Nenhum casal até hoje se estimou e res-

peitou mais do que nós no fôro intimo da sua alma. Juro que tínhamos em segredo um pelo outro a maior e mais sincera consideração, e que ambos, de parte a parte, apesar dos constantes attritos, faziamos de cada qual o mais alto e digno conceito. Mas juro tambem que muita vez me senti verdadeiramente desgraçada nos seus braços, e elle nos meus ; e que por ultimo, muitas e muitas vezes nos injuriamos, com as mais duras palavras de desprezo, quando, no fundo da consciencia, julgavamos mutuamente o contrario do que blasphemavamos.

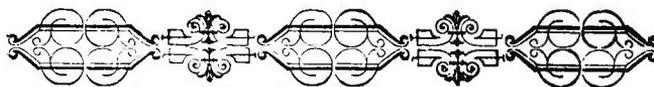
Que singular monstruosidade !

E não me venham dizer que nos amavamos só com a razão e não com os sentidos. Vou copiar fielmente um fragmento das notas posthumas de meu esposo, onde o contrario se acha bem demonstrado. O que adiante se segue escreveu elle já depois da nossa disjunção, longe de mim, na Italia, poucos annos antes de morrer.

Descobri essas notas entre os papeis do seu espolio. Sem as transcendentes revelações que ellas me depararam, é natural que nunca chegassem minhas pesquisas philosophicas a

qualquer resultado, e nunca me animasse eu a empregar este doloroso manuscripto.

Atenção ! E' Virgilio quem agora falla :



III

«.....

«**S**IM! minha mulher foi a unica mulher que amei. Em meio do maior enjôo da vida domestica, sentia eu perfeitamente, no amago da minha consciencia, que nenhuma outra valia tanta como Olympia, quer no physico, quer no moral e até no intelletual ; sentia que, se ella não fosse minha esposa, minha companheira obrigada de cama e mesa, de todo o instante, havia de desejal-a apaixonadamente ; sentia, adivinhava que, se eu viesse um dia a deixar de possuil-a, como fatalmente succedeu, havia de soffrer muito, como effectivamente soffri, sem nunca mais encontrar mulher que a substituísse ou que lograsse fazer-me-la esquecer.

« Não ! Não podia amal-a mais do que a amei no meu noivado, do que a amei depois nos intervallos da colera, do que a amo hoje principalmente, nesta irremediavel viuvez da nossa fatal desunião. Todavia, antes de nos separarmos, só a desejei devéras como mulher, além daquella epocha, uma vez em que tivemos de afastar-nos um do outro por oito mezes seguidos ; de resto foi sempre o mesmo tedio e os mesmos enfastiamentos na communhão da cama. Muita vez o perfume dos seus bellos cabellos, o cheiro do seu corpo, aliás sempre limpo e bem tratado, o contacto macio da sua pelle e a frescura de seus labios relentados no deliquio amoroso, me fizeram repugnancia.

« Porque ? Não achei nunca a explicação. Mas a verdade é que, antes mesmo da nossa primeira contenda domestica, quando eramos ainda um para o outro, só rffagos e sorrisos, eu, apesar de amal-a muito, gostava já de vel-a arredar-se de mim por qualquer tempo. Amava-a muito, mas se por condescendencia ficava um dia inteiro ao seu lado, depois de passarmos a noute juntos, como de costume, sentia certo prazer estranho, sentia um incon-

fessavel gozo de alivio, se me vinham annunciar que algum amigo, mesmo dos mais insignificantes, estava á minha espera na sala de visitas.

« Quantas vezes não detive perto de mim pessoas que o não mereciam, só porque, emquanto estivesse eu com ellas conversando, não estaria conversando, ou procurando o que conversar, com a minha querida esposa?... só porque, emquanto eu estivesse abrigado naquella visita, não sentiria no meu corpo o calor do corpo de minha mulher, e não lhe sentiria o cheiro penetrante das carnes e dos cabellos?...

« E como todo esse contradictorio martyrio cresceu depois do nascimento do nosso primeiro filho? Como fiquei eu amando moralmente muito mais minha esposa e desejando muito menos possuil-a como mulher?

« Depois do nascimento de Palmyra, nunca mais o meu espirito amou minha mulher associado com o meu corpo. Meu espirito continuava a amal-a, como sempre, meu corpo continuava, tambem como sempre, a unir-se ao della para o matrimonio; mas espirito e corpo completamente alheios e separados durante o

acto conjugal. O amor do meu espirito nada tinha de commum com o amor do meu corpo; como aliás succedia dantes, na primeira phase do casamento; e ai! só nesse irrecuperavel periodo o nosso amor foi completo, e foi amor, porque nos unia de corpo e alma! O amor de meu espirito era um sentimento insexual, respeitoso, nobre, feito de uma ternura de amigo, de irmão mais velho, um sentimento baseado na protecção do mais forte que se dedica pelo mais fraco. Havia nelle um que de mystica doçura, de sagrado voto cumprido lealmente, um que da consoladora satisfação do desempenho de um dever honroso, um que de religião e de ideal. Ao passo que o amor do meu corpo era quasi inconsciente, irresponsavel até, nem merecia o nome de amor, porque, no fim de algum tempo era, por bem dizer, preenchido sem o menor concurso do coração.

« E pensar que o abuso deste segundo falso amor prejudicou o primeiro, o verdadeiro; a ponto de privar-nos da sua doçura e do seu enlevo!

« Com minha mulher devia succeder a mesma cousa que succedia commigo, porque

certas vezes, despertei-a á noite para o fim genésico, e, mais dormindo que acordada, deixava indiferentemente, com os olhos fechados, que eu saciasse nella o meu desejo material. Tanto o nosso espirito já por fim não tomava parte no desempenho da funcção matrimonial, que em muitas occasiões, emquanto nos dispunhamos para cumpril-a, conversavamos de varios interesses domesticos, alheios ambos ao supremo destino que naquelle instante nos approximava um do outro.

« Não ! isso não era amor ; isso era instincto sómente ; isso era brutalidade ! Entretanto, hoje, que já não possuo minha mulher ; hoje, que me acho para sempre incompatibilisado com ella, e me vejo na mesquinha contingencia de recorrer, para satisfação das minhas necessidades physiologicas, a essas pobres machinas vaginaes que se alugam por instantes, quanto não daria em taes momentos para poder tel-a ao alcance de meus braços ? Quanto não daria para dispôr então daquella valiosa creatura, ao lado de quem não consegui viver, e ao lado de quem, ainda hoje, me seria impossivel supportar a existencia, apezar de desejal-a tanto ?

« Sim ! ainda applaudo e comprehendo a nossa separação, e ainda a amo. E se agora, neste instante, por um effeito maravilhoso, me dessem a escolha de uma mulher, entre todas as mais seductoras e formosas que tenho visto, reclamaria, sem hesitação, a minha própria esposa, e juro que a amaria com o mesmo arrebatamento do primeiro desejo que ella me inspirou.

« Todavia, ridiculos monstros que somos nós ! no tempo em que viviamos juntos, quantas vezes, deitados no mesmo leito, me senti, apezar da sinceridade do meu empenho em respeitar o voto nupcial, perturbado pela lembrança de outras mulheres, que sem duvida não valiam a sombra daquella que eu tinha ao lado ? Quantas vezes, com a consciencia resentida, não conjecturava eu a hypothese traço-eira de ter nos braços, naquelle momento, certa provocadora mulher com quem estivera conversando essa noute, durante o baile ? E isto dava-se estando eu deitado junto de minha esposa ! Revoltava-me contra tão hypocrita deslealdade ; repellia indignado semelhantes pensamentos inconfessaveis ; mas a mulher, que não era a minha e que não valia tanto

quanto ella, mas que eu só avaliava por conjecturas, e cujo perfume de cabello ou cheiro de corpo nunca me tinham sido revelados na intimidade da posse, impunha-se despoticamente aos meus culposos sentidos, accordando-me amores fogosos e energicos, como os já não accordava a minha bonita companheira.

« Oh ! que me perdões, Olympia, as vezes que em ti matei desejos que vinham de outras mulheres !

« E, em consciencia, não será isto já o adulterio ? A idéa do toque amoroso com outra que não seja a propria esposa, não será uma traição conjugal ? *Castus est qui amorem amore, ignemque igne excludit*, diz Santo Agostinho. Se assim é, hade ser difficil descobrir um casal que se não adultere de parte a parte, pois estou bem convencido de que com minha mulher, por excellencia virtuosa, devia succeder outro tanto ; assim como estou amplamente convencido de que tudo, tudo que em mim observei, se verificou tambem com ella. »

Ahi termina o trecho das notas de meu marido. Elle tinha razão : Amei-o e desejei-o

tambem na sua ausencia e, justamente quando pensava em tentar uma reconciliação, o que hoje comprehendo que seria loucura, recebi a triste noticia de sua morte. Então a saudade e o amor que elle de longe me inspirava transformaram-se em verdadeiro culto. Idolatrei a sua memoria; mas, só depois dos estudos que determinaram este manuscripto, pude comprehender de todo quanto esse pobre homem era bom, digno e recto, e quão pouco nos cabia, a elle e a mim, da responsabilidade de nossa desgraça.

De mais o seu logar no meu coração, quando por mais nada, estava garantido como pae que era da minha Palmyra, da minha filha idolatrada, laço unico que me ligava á vida e ao mundo. E se fui bôa mãe; se consegui, a força de desvellos e de extremos de amor, aplanar-lhe a existencia das miserias que a minha corromperam, dil-o-ão estas paginas, para ella escriptas.



IV

SIM, minha filha era a minha vida, porque era o meu verdadeiro amor. Se eu não tivesse outras razões para conservar-me honesta e digna, depois da ausencia e da morte de meu marido, tel-o-ia feito só pelo muito que a amava.

A' proporção que Palmyra se desenvolvia, fortificava-se o meu character, apurava-se a minha intelligencia, e o meu coração fazia-se melhor. Meu pensamento pertencia-lhe quasi que exclusivamente, mesmo já nos melhores tempos de minha vidã de casada. Se então meu marido ganhava terreno na minha estima e eu na d'elle, era só porque elle era se

pae e eu sua mãe; e o desenvolvimento dessa affectuosa solidariedade estava na razão inversa do nosso amor physico.

Ah! eram inevitaveis as tristes consequencias desse deslocamento de amor. Foi talvez dessa epocha que se decidio a nossa incompatibilidade, e que se originou a nossa separação; entretanto ainda então sabiamos conter-nos um defronte do outro. Em uma nota, muito anterior áquella que ficou atraz, meu marido revela-se claramente a esse respeito. Vou transcrevel-a e será esta a última; insisto em fazel-o, porque todo o estudo que forma o cabedal deste meu querido livro foi inspirado nessas notas de Virgilio, e tambem porque ellas dizem o que eu talvez nunca tivesse a coragem de confessar a meu respeito.

Eis o que elle escreveu. Nesse tempo, note-se, ainda se não tinha quebrado a apparente harmonia da nossa vida intima; ainda não tinha estalado a caldeira, onde ferviam já os humores da reacção :

« Noto que os subtis effeitos desse facto (refere-se ao exclusivismo do seu amor pater-

no) começam a pantenteiar-se tristemente na intimidade egoísta da minha vida conjugal. Começo a perceber que o arrefecimento do meu ardor amoroso para com minha mulher vae lentamente toldando, de vaporosas magoas, a sua calma existencia de esposa infeliz e honesta. Ella se não queixa nunca, mas a progressiva expressão de desgosto que vão adquirindo seus formosos olhos; o indefinivel sorriso de resignação que lhe entreabre os labios quando eu, ao seu lado na cama, lhe fallo com enthusiasmo de nossos filhos, e só delles, esquecido do resto do mundo, esquecido de tudo mais, tomado, possuido inteiramente pelo meu amor de pae; tudo isso me faz cahir em mim e enche-me de revolta contra o exclusivismo do meu coração. Estudo-me e descubro com horror que já não ha em mim a menor sombra de enthusiasmo amoroso por minha mulher. — Fico indignado! Quero convencer os meus rebellados sentidos de que isto é uma indigna injustiça, e chamo em soccorro dos meus deveres de bom marido a idéa dos encantos de Olympia, evocando o ardor com que a desejei durante o noivado e durante a lua de mel.

«E' tudo inutil !

« Minha mulher tem agora vinte e seis annos. Está em pleno desenvolvimento de suas graças phisicas ; nunca foi tão bella, tão seductora e tão mulher. E eu, com trinta e cinco annos, na força da idade e da saude, reconheço tudo isso, admiro-lhe os dotes phisicos, tenho orgulho da sua belleza e, em consciencia, não comprehendo mulher mais perfeita e mais digna de amor que a minha. E comtudo, o amor entra no commercio da nossa vida intima apenas como ligeiro e fugitivo incidente. Apesar de reconhecer o seu inapreciavel valimento feminil, a riqueza daquelle palpitante thesouro de fórmãs brancas e formosas, o preço daquelle corpo carinhoso e casto, só vejo, só enxergo nella, a mãe dos meus filhos, só vejo o ventre sagrado, donde nasceu em ondas de sangue a minha felicidade de ser pae.

« Beijo-a, acarinho-a sinceramente, ao sair de casa, ao entrar da rua ; ás vezes interrompo o meu trabalho para tomar-lhe as mãos, assental-a um instante sobre os meus joelhos, passar-lhe o braço na cintura. Mas estes affagos, alheios ao transporte amoroso, são feitos

de fria ternura de amigo, são meigo reconhecimento da minha paternidade feliz.

« Donde vem, pois, esta estranha cousa, esta incomprehensivel anomalia, de que eu ame cada vez mais minha mulher e menos a deseje amorosamente ? Porque ?

« Não sei, não atino com a verdadeira causa ; e a convicção do facto, que no meu espirito de marido leal e virtuoso attinge as proporções de feia inonstruosidade, começa a torturar-me seriamente.

« Sim, sim, a certeza de que a felicidade moral de Olympia subsiste em prejuizo da sua felicidade de mulher, atormenta-me de modo atroz. E percebo ainda, com o coração envergonhado e a consciencia em revolta, que a grande dôr sahida dessa convicção não é determinada pelo mal que ella por ventura cause á minha pobre esposa, mas pela ameaça do mesmo mal promettendo cahir mais tarde sobre a cabeça de minha filha. Sim, porque minha filha ha de tambem um dia ser esposa e ser mãe, e terá nesse caso de soffrer as mesmas injustiças que eu faço hoje a minha mulher, e que agora lhe entristecem a vida e lhe dão ao bondoso semblante aquelle doloroso ar de resignação.

« Pois se eu, conscio da minha intima probidade conjugal, amando minha mulher como a amei sempre, não pude furtar-me á cruel e mysteriosa lei que me obriga, contra a propria razão, a sentir-me farto e cansado da sua ternura, quanto mais se eu fosse um esposo vulgar, sem escrupulos, e sem dominio sobre si para chamar a consciencia, o coração, e até os sentidos, ao bom e leal desempenho dos seus deveres?... O que seria então?... Que horrorosa vida não teria dado a minha mulher se não fora eu tão honestamente rigoroso no desempenho do meu papel de esposo?... Que mundo de dôres e desgostos lhe teria eu proporcionado, se ella descobrisse o sacrificio com que ás vezes supporto as suas caricias e a hypocrisia com que as retribuo ou provoco?...

« O marido de minha filha terá, como eu, a delicadeza, a bondade, de se não revoltar, de submeter-se passivamente á convenção matrimonial, calcando no intimo as revoltas do tédio, e resistindo heroicamente ás solicitações externas, como eu resisti sempre até aqui ?

« A pertinaz seducção de mais de uma formosa mulher, que encontrei na sociedade, quebrou-se contra os meus principios de mo-

ral ; e Olympia, que é intelligente, bem o percebeu e bem m'o agradeceu, não com palavras, mas por delicados meios, que ainda mais me fizeram seu amigo. O marido que minha filha viesse a ter seria capaz de tanto ?...

« Eis o que me tortura principalmente !

« E minha filha será, como é minha mulher, uma virtude inquebrantavel, um espirito orgulhoso e forte, que resista ás tentações de procurar fóra de casa a felicidade, que o casamento lhe terá promettido e não lhe terá dado; ou, impellida pelo fastío da vida conjugal, irá refugiar-se nas criminosas illusões de novas crises de amor ; nessa especie de falsificadas luas de mel, que a mulher adultera inventa fóra do lar domestico, porque vê que neste não poderá nunca, nunca mais, obter a reproducção da lua de mel verdadeira e legitima ?

« E, admittindo mesmo a melhor hypothese, admittindo que Palmyra herde da mãe a energia e a honestidade do character e o rigoroso equilibrio do temperamento, será justo deixar que ella passe pelas mesmas provações e soffra as mesmas dubias e lentas infelicidades, que eu observo e estudo em Olympia, e

que me encham de compaixão por ella e de revolta contra mim mesmo e contra estes meus ingratos e miseraveis sentidos? Pois será esse o bello futuro que eu preparo para minha querida filha? destinal-a a servir de instrumento de tedio a um marido, que não será talvez tão resignado como eu e que não consiga amal-a como eu amo minha mulher? Condemnal-a a ser, por toda a melhor parte de sua vida, nada mais do que um ludibriado receptaculo de fingidas caricias? condemnal-a, coitadinha! a apagar com os seus beijos castos o fogo de inconfessaveis desejos, creados por outras mulheres, cuja unica superioridade sobre ella será a de não serem casadas com o homem que fôr seu marido? E, se este não tiver o meu genio e não conseguir arrancar de si os artificios de delicadeza, que eu mantenho para com minha pobre mulher, terei eu o direito de accusar minha filha, no caso que se desvie da linha inflexivel dos seus deveres, e procure fóra do tedioso matrimonio os regalos exigidos pela sua mocidade e pelos reclamos que, no seu sangue, pôz a natureza para garantia da especie e segurança da intermina cadeia da vida? Se assim acontecer, terei o direito de amaldi.

çoal-a ; terei o direito de castigal-a com o meu despreso e com o meu abandono ?

« E não será mais odioso crime punir semelhante desgraça, com outra desgraça ainda maior para ella ? Para ella e para mim, e para minha esposa ; pois que — desherdar qualquer filha do amor de seus paes — é sem duvida para essa infeliz um tremendo martyrio, porém nunca tão grande e tão doloroso como para os desgraçados que o inflingem ! »

Eis ahi fica uma sincera pagina, escripta por meu marido, antes da nossa crise das contendas e disputas que nos desuniram para sempre. Calcúlo quanto não teria elle soffrido mais tarde, pensando no destino de nossa filha e reconhecendo que nem elle proprio, que se considerava tão seguro na sua resignação conjugal e tão firme na sua energia para conter as revoltas do tédio, poderá evitar a explosão nervosa e o fatal rompimento, que nos arredaram, a elle de Palmyra, a mim do meu pobre filho ! Como meu marido devia ter soffrido olnge della, coitado !

Mas a semente do seu amor paternal foi recolhida pelo meu coração de mãe, e já vingou, e ha de crescer, florir e dar bons fructos !

Sim, meu infeliz irmão, se lá no duvidoso mundo, para onde voou teu nobre espirito, acompanha-te a magoa do destino que terá nossa filha, e se guardas nessa outra vida memoria dos que nesta te amaram, põe a larga o coração, porque estarei ao lado della para evitar-lhe os escolhos, em que commigo naufragaste ; estarei a seu lado, vigiadora e fiel, para preserval-a do mal que nos separou, e para dar-me toda inteira, de corpo e alma, para sempre, á conquista de um meio de a fazer feliz ! Juro-te que nossa filha não passará pelas mesmas angustias porque passei, nem resvalará em nenhum dos muitos modos de ser da prostituição !

Não ! Palmyra não terá a desgraça de ser uma esposa adúltera e desprezível, nem será também uma victima ridicula da sua propria virtude, privada, na idade do amor sexual, dos direitos e dos gozos que a natureza conferio a cada uma das suas creaturas ; nem será tão pouco, como eu fui, a esposa mãe,

cujos beijos do marido nada mais eram que os restos frios do seu amor paterno ! Não ! minha filha ha de amar e ser dignamente amada, com todo o ardor, com todo o entusiasmo, com toda a grande e prospera volupia de que é capaz o verdadeiro amor ! E não sómente durante o noivado, mas sempre, por toda a vida, todos os dias e todos os instantes.

Minha filha ha de ser feliz !



V

Jurára pois a mim mesma, e á memoria de meu marido, que minha filha seria feliz :
Mas como realizar esse ideal ?

Eis a questão. Vejamos :

Dar-lhe um marido, quando chegasse á idade do amor ?...

Mas, se o meu, que fôra tão bom, tão leal, e tão justo, não conseguira proporcionar-me a felicidade ?

Dar-lhe um amante ?

Mas, sobre ser, debaixo do ponto de vista social, immoralissimo o facto, em que poderiam afinal consistir as vantagens de um amante sobre um marido ?

Não seria o amante nada mais do que um marido illegitimo, que trouxesse á mulher to

das as desvantagens domesticas do casamento e nenhuma das suas vantagens sociaes ?

Para o homem, sim, a amante parece incontestavelmente preferivel á esposa, porque a mulher de posição só acceita um homem para seu concubinario quando o ama fervorosamente ; ao pássso que pode tomar marido, ou só porque os seus interesses de vida social assim o exijam, ou só porque a sua vida particular não tenha outro meio de manter-se.

O marido é sempre para a mulher uma garantia do presente e uma garantia do futuro ; o amante é nada mais do que um incidente arriscado. O marido é uma conquista social ; o amante é um sacrificio feito ao amor. A mulher que não tem posição social, conquista-a com o casamento ; e aquella que já a tinha, perde-a tomando um amante. Por conseguinte o casamento eleva e o concubinato rebaixa.

No casamento o escravizado é o marido ; no outro caso a escravizada é a mulher. O casamento é o sacrificio de um homem em proveito da sociedade ; o concubinato é o sacrificio de uma mulher feito a um homem. A mulher casada vê no «seu» marido uma propriedade sua ; e, para manter a felicidade

burgueza do seu lar e para não perturbar a supposta tranquillidade da sua vida conjugal, quer que elle, ao entrar casado na camara nupcial, despeje para sempre o coração de todos os seus sonhos de gloria ; quer que elle abdique, em proveito do seu novo estado, de todas as suas ambições brilhantes, de todo o seu idéal de conquistas na vida publica. E desse dia em diante, tudo o que nelle fôr pessoal e de alcance exterior encontrará nella um inimigo terrivel. No triumpho individual delle ella verá uma perenne ameaça aos seus direitos de proprietaria conjugal. A felicidade particular delle, posto que de character moral, será por ella considerada um roubo, um attentado commettido contra a solidariedade do casal. Que elle seja um « Bom marido » é o essencial, é quanto basta ; é tudo o que ella exige delle e é só o que ella consente que elle ambicione.

E para ser um « Bom marido » convém que elle seja caseiro, methodico, pacato, previdente ; que disponha de recursos para manter a familia, e não tenha a menor ambição de nome. O que por ahi se chama « Bom marido » é um ser generico e colectivo, que, por si só, parti-

cularmente, nada representa, e que não pôde ser aproveitado, na cadeia dos interesses geraes da vida humana, senão como simples e obscuro elemento de procreação. Um bom marido é util somente porque produz filhos.

Para ser um bom marido não pôde o individuo ser um «homem de acção», como não pôde ser um «contemplativo». Não pôde ser um conquistador, um revolucionario ou um grande emprehendedor, como não pôde ser um poeta, um artista ou um sabio. E como são essas as duas unicas ordens em que se divide a humanidade productora, da summa de cujo esforço de acção ou de pensamento tira a evolução historica a sua grande força de impulso e de aperfeiçoamento geral, segue-se que o «Bom marido», na communhão da vida intelligente e na obra do progresso do mundo, não tem logar como homem, mas só como animal, e seu esforço só poderá ser aproveitado como passivo instrumento da vontade alheia.

Por isso um bom marido deve ser unica e exclusivamente um bom marido, e nisso limitar toda a sua aspiração. Um bom marido não deve ter patria, nem idéas. A sua patria é a casa, e o programma de todo o seu pensa-

mento é o seguinte : Ter ou obter meios para a regulada subsistencia da familia ; não perturbar nunca a paz burgueza do lar ; attrahir á casa, de vez em quando, amigos serios e respeitadores dos principios estabelecidos ; promover partidas de dansa, em que a mulher se divirta, em que as filhas, se já estiverem desenvolvidas, possam namorar para obter marido ; não faltar nunca ao lado da esposa com o provimento sexual de que ella, conforme o seu temperamento, careça para o seu bem estar e perfeita synergia do organismo ; e nunca, nunca, dar ou promover escandalos, sejam estes de ordem politica, artistica, amorosa, domestica, ou sejam de simples e innocente folguedo.

Para o satisfactorio desempenho desta ultima parte do programma, deve o bom marido abster-se de escrever, com assignatura, artigos em jornaes e livros principalmente ; não deve ler senão as obras que possa dar tambem a ler á sua familia ; não deve expôr ao publico e á venda qualquer producção artistica de sua lavra, mas reserval-as para ornamento da sua sala de visitas ou de jantar ; no seu modo de vestir nunca trazer a roupa muito á moda, nem

muito fóra da moda; deve, enfim, nisto, como em tudo absolutamente, escolher sempre o meio termo, o regular, o medio, porque a mediocridade deve ser o seu nivel. Razão esta para que evite, escrupulosamente, aperfeiçoar-se em qualquer ramo de conhecimento scientifico ou artistico, que da perfeição póde, mesmo sem querer, cahir no successo e applauso publico, o que lhe não convém de modo algum, por ser escandaloso. Todo o successo é um escandalo, e o bom marido deve temer o escandalo antes de tudo.

E mais: o bom marido deve recolher-se á casa sempre cedo; não sahir para o passeio ou para o theatro sem levar a familia; evitar a convivencia mundana com todo o individuo que fôr popular e apontado a dedo. Não lhe convém igualmente, e nem por sombra, a menor relação de amisade com os agitadores de idéas e com os artistas reformadores. O seu circulo, além da familia, só pode estender-se um bocca-dinho ás circumspectas classes conservadoras; o seu nome não deve figurar nunca senão em listas officiaes e graves. O bom marido deve ser, nos seus actos e nas suas funcções, inalteravel como uma pendula:—Da casa para o tra-

balho e do trabalho para casa. Qualquer desvio do movimento estabelecido pode alterar a marcha do relógio, que é o lar.

Logicamente, quem deveria perder o nome com o casamento e adoptar o do cônjuge era o homem e não a mulher, porque se o casamento fôr o que se chama «regular» e o marido sahir «um bom marido», é elle quem desaparece engolido pela familia; ao passo que ella, até ahí escondida atraz dos parentes, sem ter mesmo até então o direito de pensar, casando-se, surge desassombradamente á tona social e forma á direita do esposo um novo élo na grande cadeia.

E não ha mulher que não deseje que seu marido seja um «Bom marido». No seu indefectível egoismo, os interesses privados do lar impõem-se antes de tudo. Não admittirá ella nunca que seu marido pertença a qualquer outra cousa ou idéa que não seja o proprio casamento.

Algumas não amam o esposo, mas nem por isso deixam de pesquisar-lhe a vida inteira, até aos mais pequeninos actos da existencia. Esse vivo e feminino empenho de perquisição não vem do interesse carinhoso que elle in-

spira á mulher, mas do goso de desfructar um direito, o direito de zelar e governar o que lhe pertence, o que é só della e de mais ninguém ; pois que, na maior parte dos casos, a mulher não faz questão de que o marido seja este ou aquelle, desde que o sujeito preencha os já citados requisitos de bom marido.

E o que recebe o pobre do bom marido em troca de tudo o que dá á esposa ? só recebe uma recompensa—a felicidade de ser pae. Só esta resiste : tudó mais que elle, de longe, nas illusões do desejo, suppunha constituir um mundo de venturas, desfaz-se em tédio e obrigações maçantes. A mulher deixa em breve de ser a esposa para ser «A minha companheira—a minha velha—a madama». Deixam ambos de ser marido e mulher para serem «Feijão com carne secca», como elles lá dizem, os imbecis ! O lar deixa de ser o ninho da paz e do descanso para ser «a obrigação da casa». E em obrigação, e obrigação acabrunhadora, transforma-se toda a vida do homem, desde a mesa da comida até á cama, só lhe ficando intacta a consolação de ser pae.

Com a amante succede precisamente o

contrario. O homem a quem ella se entregou impôz-se ao seu coração por uma irresistivel fatalidade do amor. Essa ligação não entrava no programma da sua vida, como o casamento entrava no da vida da outra ; essa ligação veio como consequencia inevitavel de uma fascinação imprevista. Em vez de investigar se o homem a quem se «deu» tinha as qualidades e requisitos necessarios para tomar mulher, o que ella quiz saber, só, foi se elle a amava tanto quanto era amado por ella ; e, justamente ao inverso do que faz a mulher na occasião de arranjar marido, em vez de dizer : «Acceito este ou aquelle com tanto que dê de si um bom marido», o que a amante pensou foi o seguinte : «só este me convém e quero, só este me pode servir para amante, ainda mesmo que elle não disponha das necessarias qualidades para ser um bom amante». E ella assim pensa e faz, porque ama, e como o seu amor visa certo e determinado individuo, só esse, tenha elle as qualidades ou defeitos que tiver, poderá ser o seu homem.

E, como, unindo-se a esse homem; ella em vez de subir, apeiou-se da sua posição social, todo o seu empenho, depois de unidos,

se transforma em desejar vel-o crescer e elevar-se no conceito publico, porque, quanto maior fôr elle, tanto mais desculpavel será a queda da mulher que lhe pertence.

Ainda ao contrario do que succede no casamento, aqui a tranquillidade e a intima bem-aventurança do lar são sacrificadas aos interesses exteriores do amante, se este tiver ambições de character publico, quer como artista, quer como homem de acção. A paz domestica, os gosos do amor, tudo isso é rapidamente atirado para o lado, se a honra ou o interesse abstracto da gloria reclamam o sacrificio do homem amado.

Quando, nos grandes momentos decisivos para a vida publica de um homem, tenha este, sem hesitação, de arriscar tudo num lance resolutivo, num rasgo de coragem, e, ou galgar de assalto a victoria completa, ou cahir vencido para sempre ; se elle é casado, a mulher agarra-o com ambas as mãos, grita, chora, enlaça-o nas suas saias e não o deixa sahir de junto della, reclamando egoisticamente que o infeliz é seu marido e que ella não pode consentir que elle se exponha, porque seria expôr tambem a segurança do seu lar e da sua familia ; e, se

o homem não fôr casado, emquanto a esposa faz aquillo, o que faz a amante?

A amante, esquecendo a sua felicidade privada pelas conveniencias publicas do seu amado, e tendo pouco de si mesma que arriscar, porque tudo por elle proprio já arriscou, e não temendo cahir em posição falsa, porque falsa já é a sua posição, é a primeira a empurrar-o para o seu posto de honra e a instigar-lhe os brios, gritando-lhe que não perca um instante e cumpra resolutamente o seu dever, sejam quaes forem as consequencias.

Elle pode morrer! — Embora! Mas é preciso que vá, que se não deshonne, porque, se assim acontecer, ella terá perdido de um modo mais triste ainda a sua felicidade de mulher, porque terá perdido a sua illusão de amor, porque terá perdido moralmente o seu amante.

Que vá! Que vá! Antes morto que des-honrado!

E nisto consiste a grande vantagem que leva o concubinato sobre o casamento. Se eu, em vez de uma filha, tivesse um filho, não hesitaria em aconselhar-lhe que preferisse tomar uma concubina a tomar uma esposa.

Mas, na inversão do caso; quer dizer: sob o ponto de vista do interesse da mulher, o amante será preferível ao marido?

Vejamos:



VI

A' primeira vista parece que não ; parece que o amante, longe de levar vantagem sobre o marido, fica-lhe muito inferior, sob o ponto de vista dos interesses da mulher. A principio parece que um amante traz todas as desvantagens de um marido vulgar e nenhuma das vantagens moraes.

Já ficou estabelecido que o marido é o escravo e que o amante é o senhor.

Mas, sob o ponto de vista dos interesses domesticos e da verdadeira felicidade privada de uma mulher, não estará justamente nesse facto de ser senhor e não escravo a superioridade do amante sobre o marido? Qual será

mais apto para fazer a felicidade de uma mulher — um homem que a ame como senhor, ou um homem que a ame como escravo?

Dir-me-ão talvez que, tanto um como outro, não preenchem o idéal da mulher, e que o melhor partido é o de um homem que a ame de igual para igual.

Não. Essa igualdade é bonita, mas é impossível e, se fosse possível, seria inconveniente. A mulher, já pela sua especial constituição physica e intellectual, já pelo seu natural estado de passividade, não pode em caso algum ser a igual do homem com que vive.

O raro caso da absoluta superioridade da mulher é uma anomalia que traz fatalmente o desequilíbrio no casal.

E' justamente dessa desigualdade perfeita, desse contraste de aptidões physicas e moraes, que nasce a sublime harmonia do amor. E' com a variedade de competencias e de necessidades de cada um, que os dous se completam.

Pois se até na idade e na estatura physica é conveniente, para o bom equilibrio de um casal, que haja certa inferioridade da parte da mulher ! No que precisa haver identidade é no dondo de educação social e no gráo de collo-

cação na escala ethnologica. E, ainda neste particular, caso não seja possível obter a igualdade, dada a circumstancia de que uma das partes do casal tenha de ser, na raça ou na condição, inferior á outra, é preferivel, para todas as conveniencias e effeitos, que a parte inferior na raça ou na condição seja a mulher e não o homem. E' mais natural e acceitavel ver um branco casado com uma mulata ou um mulato com uma preta, do que ver uma branca ligada a um preto ou a um mulato ; pela simples razão de que, na apuração e aperfeiçoamento da casta, a mulher só entra em concorrência como passivo auxiliar.

A mulher, regularmente constituída, não quer para socio na procreação, nem só um individuo que lhe seja ethnogenicamente inferior, como não quer um homem organicamente tão ou mais fraco do que ella, nem quer tambem um que lhe seja igual na falta de energia e de acção, mas sim quer um ente superior, que lhe sirva de firme garantia á sua fraqueza e ao seu pudor ; quer um homem que lhe possa dar conselhos e amparo, e, se tanto fôr preciso, até o proprio castigo.

Sim, o castigo.—Um bom e verdadeiro amante é sempre um pouco pae da mulher amada.

O marido, esse é que nunca é mais do que o par de sua mulher, e com ella discute de igual para igual, com ella duelisa e lucta, cõmo um socio disputando sobre os seus interesses com o outro socio que o quer lograr. Ella não teme desgostal-o com as suas palavras duras e injuriosas, porque não tem receio que elle lhe fuja—o cabresto do casamento é rijo e apertado.

Desde que a mulher reconheça no amante a indispensavel superioridade, não póde, como aquella, ver nelle o seu escravo, mas o seu dono, o dono da sua vontade e do seu corpo; e, no passivo enternecimento de julgar-se um objecto d'elle, reside a sua felicidade de mulher que ama e é amada.

A mulher, creiam todos, sente prazer em reconhecer-se passiva, em ver em si um ente fraco e por isso mesmo digno de respeito; gosa com sentir indispensavel o apoio moral e phisico do homem a quem se entregou toda inteira, toda confiante, de olhos fechados. Se ama de veras o seu concubinario, póde este fazer

della o que quizer, uma heroína de abnegação e bondade, como pôde fazer o mais perverso dos facinoras. Delle tudo depende, porque nella é elle quem manda, elle é o senhor e governa.

As romanas antigas, talvez se divertissem menos, porém deviam ser muito mais felizes no interior do lar do que as nossas esposas modernas ; e eram mais felizes porque eram mais mulher, e os seus homens eram mais homem.

Ao inverso do que succede no commum dos casamentos de pura conveniencia burguesia, a mulher mais ama o seu amante quanto mais este avulta e cresce no conceito publico, por conseguinte mais o ama quanto mais ella diminue ao lado d'elle, até reduzir-se ás infimas proporções de simples femea amorosa. E só então é verdadeiramente feliz no amor.

Isto, já se vê, só se pôde dar no caso do amante e nunca do esposo, porque é justamente da pratica do opposto dessê factu que nasce o invencivel desconcerto entre os casados e o fatal desequilibrio da vida conjugal. E' que a mulher casada quer, geralmente, emparelhar com o marido e acompanhal-o nas regalias da consideração publica e na gloria das

conquistas sociaes, sem se lembrar de que, se elle cresce, é pelo talento, ou pelo bravura, ou pelas virtudes energicas, ou simplesmente pela actividade na intriga politica; cresce emfim pela acção ou pela producção intellectual; cresce porque lucha e vence. Ao passo que ella ambiciona acompanhal-o no mesmo vôo, substituindo aquellas azas fortes de que elle dispõe, por uma cousa unica—o amor; quando não é pela simples circumstancia ridicula de ser esposa delle. Mas, valha-me Deus! o amor physico é uma funcção material e privada, é um instincto, é o instincto da conservação da especie, como a fome é o instincto da conservação pessoal—nada mais! E, se o facto de ser mulher de um homem illustre lhe dêsse a ella os mesmos direitos por elle conquistados pelo talento ou pela acção, seria isso uma distincção adquirida sem esforço e por consequente sem merito e até odiosa.

Estou farta de ver todos os dias na imprensa o nome de certas senhoras figurando com indecorosa insistencia á frente de subscrições publicas, de programmas de festas patrioticas, de manifestações de varios gene-

ros, e até como titulo de estabelecimentos de instrucção ou de caridade, e tudo isso só porque são casadas com homens postos em evidencia pela politica do momento ou pela alta somma de seus haveres. Ora, tinha vontade de saber se essas esposas, que tão afoitamente emparelham com os maridos nos seus prosperos vãos de gloria, estariam tambem dispostas a acompanhal-os ao patibulo, ou a cumprir a pena de galés perpetuas, se a taes fossem elles condemnados.

E nada, todavia, seria mais justo, porque —quem come a carne deve roer os ossos!

O que fatalmente acontece, no caso vulgar dessa tentativa de emparelhamento no vôo da ambição do homem publico, é que a mulher não consegue subir com o esposo, nem fica tambem no ponto donde nunca devia ter sahido—o lar, que é o seu posto de honra, e onde, tanto mais ella cresce quanto mais se afunda.

D'ahi o desequilibrio domestico e a infelicidade de parte a parte, quando no casamento o marido é um homem notavel ou ambicioso.

E, se a mulher tem elementos individuaes para subir tambem, tanto peor para os dous,

porque nesse caso marido e mulher já não representam um casal, que se ama e se constituiu para procrear, mas tão sómente dous emulos, avidos de gloria, disparados em carreira, a disputarem o passo um ao outro.

Nessa hypothese, o convenio conjugal desaparece totalmente, sem deixar vestigios. Observe-se para exemplo a vida dos artistas, principalmente cantores e actores, que se casam entre si.

Se a felicidade conjugal fosse cousa possível no casamento, como elle é entre nós, o unico typo de esposo, ainda assim capaz de proporcional-a á mulher, seria o pacovio que lá para traz ficou etiquetado com o rotulo de «Bom marido», ou então, o que infelizmente deve ser muito difficil de acontecer, quando a mulher, por uma feliz intuição do seu destino, fizesse do proprio esposo o seu amante e tomasse corajosamente, não á sua direita, mas á sua esquerda, a posição subalterna de uma amiga apaixonada.

A estatura moral da mulher em relação ao seu homem deve ser como a sua estatura physica—ella não deve ficar-lhe nunca abaixo do coração, nem tão alto que chēgue a nivellar

a sua cabeça com a delle. O casamento seria talvez supportavel, se a esposa comprehendesse esta verdade, mas em geral a mulher casada, nem só pretende alcançar a estatura official do marido, como ainda quer excedel-a na consideração publica. Nada ha mais intoleravelmente ridiculo do que a mulher de um homem illustre possuida da sua alta posição, quer dizer, da posição que lhe reflecte o marido, porque ella só por si nada representa. E, ah ! quanto isto é frequente nesta nossa sociedade ! quanto é frequente o orgulho em pobres creaturas casadas com altos individuos, que todavia são, pelo seu lado, o mais singelo exemplo da modestia !

Com a amante não ha receio que aconteça o mesmo. Esta, não podendo acompanhar o amigo nos vãos empreendidos pela conquista da gloria, porque a sociedade não lh'o permite, deixa-se ficar cá embaixo, no lar, reduzida ao papel de caseira, e com isso tem garantido a sua felicidade e a delle.

Conclue-se pois que um amante é mais apto que um marido para fazer a felicidade da mulher ; e então, uma vez que minha filha não tivesse de viver eternamente só,

seria preferível dar-lhe um amante a dar-lhe um esposo.

Mas, e a sociedade?...

Sim, teria eu a coragem de affrontar com inabalaveis e velhos preconceitos estabelecidos até hoje?... Só o casamento, segundo os nossos illogicos costumes, tão injustos para o meu sexo, dá á mulher o livre exercicio de seus direitos naturaes e só d'elle podemos receber a consagração da maternidade, que é o acto capital e mais transcendente no destino genésico de nós todas.

Substituir o marido por um amante é facil de dizer aqui nestas paginas, mas, na vida real, é cousa delicadamente difficil de pôr em obra.

E minha filha, que não foi creada fóra da sociedade, estaria disposta a consentir nisso? Não se julgaria lesada na substituição e eternamente ferida no seu decoro? E afinal, no fundo, qual de nós duas teria razão e bom senso: eu em dar-lhe um amante; ou ella em regeital-o? E quem me diz que, assegurando-lhe a felicidade domestica, não iria por outro lado fazela-

muito mais desgraçada, privando-a dos gosos e das regalias, que o casamento proporciona á mulher, fóra dos limites do leito e do quarto, e que a sociedade nega formalmente a toda a infeliz que lhe não é endossada por um representante legitimo?... As quatro paredes de uma alcova de amor podem conter um vasto paraizo de interminas esperanças e um mundo de venturas ; o pequeno espaço de uma cama é, entre todas as vastidões da terra, o campo mais largo e mais importante no destino do homem—é ahí que elle nasce, é ahí que elle se reproduz, e é ahí que elle morre. Sim senhor! tudo isso é verdade e em tudo isso eu creio ; mas não entrarão tambem, como requisitos de felicidade da vida de uma mulher de hoje—os bailes, o lyrico, a estação em Petropolis, as aguas de Caxambú, os domingos de corrida, o jogo, os jantares diplomaticos, a palestra e a convivencia emfim com o escol da sociedade?...

E, o que é mais serio, um amante, por melhor escolhido por mim, faria com effeito a felicidade de Palmyra? ou, quem sabe, se a razão do tédio e das dolorosas falhas da vida conjugal não residiriam particularmente na forma da ligação, mas em qualquer outro facto

que tanto entrasse na esphera da ligação legitima como na da illegitima?...

Sim, porque meu marido foi em algum tempo tambem meu amante; unio-se commigo porque me amava e era fervorosamente correspondido; eu reconhecia nelle um ente superior e sentia-me feliz em precisar da sua protecção. E tudo isso não impedio, apesar de nossa lealdade de conducta, que Virgilio se sentisse farto de mim e eu delle igualmente; o que fez de nós, até nos separarmos para sempre, dous desgraçados que amaldiçoavam, cada um no segredo da sua intima miseria, a existencia de galés que arrastavamos ao lado um do outro.

Ah! minha filha, minha filha! inda uma vez te digo que em verdade só tu foste a minha consolação e a minha ventura; não quero que mais tarde possas, por tua vez, dizer o mesmo, porque a maternidade, só por si, não constitue, ou não deve constituir, a felicidade completa de uma mulher.

Não! Has de desfructar todo inteiro o quinhão que te toca no banquete da vida! has de gozar o que a natureza generosamente creou para conforto da tua alma e do teu corpo! Fruirás todas as delicias de que fôr capaz a poesia

do teu amor ; terás todos os beijos que te pertencem ; terás a realização de todos os teus castos e voluptuosos sonhos de moça ! E terás também, ao lado disso, todos, todos os prazeres, que a sociedade em que nasceste proporciona dentro do seu orgulho e dentro da sua vaidade !



VII

A promessa estava sinceramente feita, mas qual seria o meio de a cumprir? Onde estaria afinal a mysteriosa causa de se não poder obter essa felicidade que parece á primeira vista tão simples, tão natural e tão justa? Qual seria o meio de tornar, não só possível, mas deliciosa, a vida em commum de dous entes, que se amem e queiram viver eternamente um para o outro?

Como conseguir a vida recta de um casal, sem a privação do amor, que é a base de todas as felicidades da mulher perfeita, mas tambem sem essas intermittencias do tédio, sem os tristes desfallecimentos do entusiasmo de parte a parte? Como descobrir para a minha

Palmyra uma existencia larga, completa, boa e fecunda, sem as miserias do casamento e sem as miserias da mancebia; sem os beijos hypocritas, sem os vergonhosos recursos do fingimento conjugal, que fazem dos casados verdadeiros cabotins do amor; mas igualmente sem as decepções amargas, e as dores escondidas, e as melancolias da exclusão social e o esteril arrependimento dos casaes illegalmente constituídos ?

Oh ! Era impossivel que não houvesse recurso para obter um idéal tão logico e tão humano ! Era impossivel que não pudesse eu evitar para minha filha o grande mal que me estragou toda a vida ! Era impossivel que não houvesse um meio de salvar a pobre creança da desgraça que a esperava ; um meio de evitar que ella naufragasse como eu naufraguei, apesar da minha virtude e apesar do amor e das boas intenções de meu marido !

Sim, sim ! o meio havia de existir, e eu havia de descobri-lo !

E desde esse momento, não descansei mais um instante. Dediquei todo o meu pen-

samento, todo o meu coração de mãe, todo o meu esforço, em descobrir o meio salvador.

Principiei por estudar-me a mim mesma; estudei-me longa e pacientemente, dissecando, um a um, todos os grandes e pequenos factos que encheram a minha vida conjugal, e procurei descobrir quaes delles marcavam as epochas divisorias dos tres estados que conheci ao lado de meu marido; a saber: 1.º o estado de completa e franca felicidade moral e physiologica; 2.º o estado de transição, estado de duvida, de tristeza sobresaltada e vago aneiar por uma felicidade, que eu não podia determinar qual fosse, mas que me fazia muita falta á vida e me tornava inconsolavel como mulher. Foi durante esse segundo periodo que nasceu, e começou logo a accentuar-se, a minha indiferença genesica por meu marido. Foi tambem nesse periodo que acabei de amamentar Palmyra; 3.º o estado de crescente hypocondria, depois tedio e cansaço, e afinal repugnancia absoluta pela vida matrimonial, o que transformava em verdadeiro sacrificio, sacrificio insupportavel, a existencia em contacto com meu esposo, a quem todavia continuava a estimar muito, não

tanto quanto a minha filha, nem também em segundo logar, mas logo em terceiro. O segundo logar na minha affeição cabia já ao homem, que até hoje ficou sendo o meu amigo e o meu verdadeiro amado, o Dr. Cezar Velloso, de quem lá para adiante terei muito que dizer. Só o conheci já em meio deste terceiro periodo, e desde então minha alma foi, a pouco e pouco, se chegando para elle... Mas, não é disso que se trata por emquanto. Vamos ao que importa :

O primeiro estado começou na minha epoca de noiva e sustentou-se até quasi ao termo da aleitação de Palmyra. Esse periodo feliz foi apenas falhado por alguns senões da lua de mel, como explicarei depois ; cousas de grande alcance, mas de possivel correcção, quando se tratasse do casamento de minha filha. O segundo estado durou quatro annos, e o terceiro tres, até á minha definitiva separação de Virgilio.

Voltemos ao primeiro : Com a puberdade, como que se abriu defronte de meus nascentes desejos um mundo de mysteriosas delicias, um vasto caminho de ternura e de esperanças, verde, alegre, risonho, todo illuminado de um

sol novo e desconhecido para mim, que me embriagava a alma. E esse desejado caminho perdia-se infinitamente pelos meus sonhos de donzella, por entre uma cheirosa alameda de laranjeiras em flôr.

Como suspirei extendendo o meu casto desejo por esse longo e mysterioso caminho desejado! Como eu então, pobre de mim! suppunha que o meu destino fosse uma indefinida cadeia de satisfações de todo o meu ser; e que este, sob o fecundo effluvio do amor de meu noivo, iria desabotoar amplamente, como uma rosa ao sol, transbordante de seiva e de aroma! A idéa de um filho vinha-me já ao espirito, mas na poetica imagem de um pequenino botão de flôr ao lado de outra flôr maior, plenamente desabrochada, que era eu.

Dôres, decepções, fastios e tedios, não entravam jámais no cantante programma da minha felicidade. E note-se que eu não era, a semelhança de muitas das minhas amigas, o que se pôde chamar uma moça romantica. Não sonhei nunca para meu noivo algum principe encantado, nem algum singular e formoso aventureiro, que viesse de longinquas paragens, galgando precipicios e vencendo insupe-

raveis escolhos, para chegar até a mim e depôr a meus pés o seu coração de poeta enamorado e a sua gloriosa espada de cavalheiro.

Não, e acho que essas donzellas, que sonham assim torto, são verdadeiras aleijadas do coração, deformidade consequente de uma molestia que grassava muito quando eu tinha dezoito annos — a infecção romantica, com character pernicioso e acompanhada de crises agudas de delirio e perturbações cerebraes. O que eu via no casamento, graças a Deus o digo, em boa consciencia e com orgulho do meu bom senso, era o legitimo direito de uma felicidade natural e honesta. Sonhava um noivo razoavel e verosimil; sonhava um rapaz de gravata e fraque, sadio, intelligente, activo, honrado e bem parecido.

Era ainda sonhar muito, mas, apesar disso, encontrei o ideal dos meus sonhos.

Quando encarei com Virgilio pela primeira vez, meu coração disse-me baixinho: «Eil-o ahí está, o invasor! Prepara-te, pobre fortaleza, que vais ser tomada de assalto e conquistada!» Rendi-me logo ao primeiro ataque — o seu primeiro olhar venceu-me. Não sei o que me segredou estar alli naquelle moço, tão

serio e tão amavel, quem devia ser o meu companheiro no risonho mundo, que os olhos da minha alma, e os meus sentidos ainda mal accordados, presentiam com fremitos de felicidade.

Eu era um bom partido: além do dote, havia de herdar muito de minha avó; já não tinha pae nem mãe. Esta ultima desgraçada circumstancia era ainda considerada uma vantagem pelos burguezes mal educados, que veem na sogra e no sogro os principaes inimigos da sua tranquillidade; como se a tranquillidade absoluta fosse cousa possível no casamento commum.

O casamento é quasi sempre um duelo, em que um dos dous adversarios tem de ser vencido; os sogros nada mais são que as testemunhas officiaes, immediatamente interessadas na lucta.

O meu dote tirava-me pois da ridicula situação em que se acham muitas moças, coitadas! que não podem, como eu podia, escolher noivo. Virgilio, pelo seu lado, era tambem um excellente partido; de sorte que nenhum de nós dous teve de representar, nas salas em que nos encontrámos e namorámos,

o triste e odioso papel de caçador ou de caça.

Meu coração não me enganára quando m'o apontou como o ente destinado a iniciar-me na vida sexual. Desde o nosso primeiro encontro, senti logo que elle pensaria em mim com insistencia, e comecei a associar-o a todos os meus devaneios de donzella; comecei a amal-o.

A flôr da minha candida feminilidade expandia-se enamorada, ao idyllico frémito das azas de ouro, que lhe esvoaçavam em torno.

Cahia então em longas scismas deliciosas, suspirava sem saber porque, e, dormindo, abraçava-me aos travesseiros, extendendo os labios á procura dos beijos de alguém, que meus braços e meu collo reclamavam com impaciencia.

E era sempre e só com Virgilio que eu tinha desses sonhos. Quando elle me pediu em casamento, passei a noite inteira a chorar de alegria. Toda eu palpitava ao anhelos daquellas nupcias. Os seis mezes do nosso namoro pareceram-me seculos de invariaveis mágoas, tanto eu morria por poder confiar-lhe toda a minha ternura e dar-lhe toda a minha dedica-

ção. Sentia-me anciosa para lhe mostrar, para lhe provar, quanto eu era meiga, pura, casta ; para lhe provar quanto e quanto o amava ; para lhe mostrar por palavras, e por actos, e por acções de todo o instante, e por toda, toda a vida, tudo aquillo que eu sentia e que até ali não me permittira o pudor que lhe dissesse ou demonstrasse.

Oh ! Que loucura apressar essa época feliz !

E amei-o, amei-o com todo o enthusiasmo de minha alma, desejando-o mais e mais de dia para dia, vendo nelle o melhor, o mais perfeito dos homens, o unico digno de ser amado, o unico que eu amaria sempre.

E quanto é bello o amor de uma virgem ! Quanto elle é mais forte, mais sincero e mais corajoso que o primeiro amor do homem ! O adolescente só vê o seu primeiro sonho de amor atravez do prisma da poesia ; todo o homem é poeta nos arroubos da puberdade : não deseja possuir a mulher que ama, quer ao contrario divinisa-la, fazer della um idolo sagrado, diante do qual se ajoelhe compungido e

contracto, sem lábios; e sem voz, e sem mãos, senão para a divina prece; sem olhos senão para as estrellas confidentes do seu enlevo. E ella—não! a mulher desde o seu primeiro amor de donzella, já é a mulher, já é a carne, já é o peccado. Menos dominada pela poesia idéal, volta-se mais para o paraíso da terra do que para o paraíso dos ceus. Não vê no homem desejado e amado um idolo venerando, mas nelle vê o senhor e dono de todo o seu ser.

O idéal existe sempre, apenas o della é mais natural e humano.

O homem, na puberdade, ama só com o espirito; a manifestação do seu amor é um transbordamento de residuos de leituras romancescas e reminiscencias poeticas. O seu primeiro amor nunca aproveita para a geração. E' muito raro, é rarissimo, encontrar um homem que constituisse casal com o seu primeiro amor; em geral todo o pae, todo o chefe de familia, tem, guarda, e conserva, depois do casamento, escondidos aos olhos da mãe de seus filhos, a saudade e o culto daquella a quem elle consagrou, na puberdade, as poeticas e suspirosas primicias do seu coração. E a virgem, essa ama logo com todo o seu ser, com

todo o seu corpo immaculado. E gosa em sentir-se prompta a dar esse mimoso corpo, todo inteiro, ao carnal despotismo do seu amante ; gosa em sentil-o ameaçado pelas mãos sensuaes que se extendem avidamente para elle ; gosa em abandonal-o, vencida, e deixal-o invadir, rasgar, deixal-o alterar todo, transformando-o de um corpo de virgem em um corpo de mulher.

Ella prevê que o homem não se modificará physicamente com o novo estado que começa no leito nupcial ; elle era já um homem e continúa a ser um homem como dantes. E ella ? ella vae transformar-se toda, invadida pelo amor até ás entranhas ; ella sabe já que os seus delicados pomos virginaes avultarão, adquirindo novas curvas ; que os seus estreitos quadris de donzella ganharão voluptuosas protuberancias ; que o seu fino pescoço de creança vae carnear-se, formando uma garganta cheia de ondulações mysteriosas e seductoras, um branco e tepido ninho para os beijos delle ; e que seus olhos se rasgarão, banhados de novos fluidos de volupia, e que seus olhares serão outros e outros os seus sorrisos, depois do amor consummado ; e que seu vestre emfim vae ser con-

sagrado pelo maternidade, e seu sangue transformar-se em leite e seu amor transformar-se em vida.

Oh ! Pertence-lhe o amor muito mais do que ao homem ! O amor no homem é um incidente e nella é um destino, é a missão principal de sua vida. O amor pôde nascer ou não no homem e pôde abandonal-o sem deixar signal de raizes ; na mulher apodera-se de todo o seu ser, invade-lhe as entranhas, e nellas cresce, enfolha, floreja e fructifica. E por isso, porque nesse amor de uma donzella entra já a idéa do sacrificio de todo o seu corpo ; por isso que elle é mais da terra, mais natural e mais humano ; por isso esse amor é sem duvida melhor que o amor do homem, pois que este precisa para manter-se dos soccorros da illusão e do idéal.

E é por isso ainda que nós mulheres amamos, relativamente, com mais igualdade e mais firmeza que o homem. Em qualquer casal é sempre elle o que primeiro affrouxa de enthusiasmo no amor, sendo aliás quem principia com mais intensidade e com mais impeto ; ao passo que a mulher, passiva desde o berço, escrava por natureza, só chega, em geral, a

enfasiar-se do seu companheiro quando este, já não preenche, como homem, os requisitos de seducção, que no mister procreador a natureza exige em beneficio do filho.

Esta ultima razão é um dos pontos capitais da insignificancia do casamento como elle está instituido. O encanto, que enamora, que approxima dous individuos de sexo opposto, empenhados inconscientemente na formação de um novo ser, é cousa muito mais importante do que parece á primeira vista.

Para que o filho saia um ente perfeito—forte, intelligente e bello—é indispensavel que venha em consecuencia de um perfeito amor. A natureza, sempre amiga e providente, prepara o terreno para os amantes que têm de pagar o delicioso tributo da reprodução—dá á juventude os attractivos da belleza e a seducção da força e da innocencia, como dá á flôr o brilhante matiz, a frescura e o perfume, com que ella chama o trefego insecto conductor do pollen. Mas, quando assim não seja, quando mulher ou homem não tenha algum delles verdadeiros attractivos e reaes encantos, o amor, isto é, o instincto da conservação da especie, substitue no espirito do outro,

com a imaginação, os seductores attributos que faltam na pessoa amada.

«Quem o feio ama, bonito lhe parece, diz o proverbio, e diz a verdade.

Não é, pois, indispensavel, para a perfeição do filho, que a mulher seja devéras formosa e o homem um perfeito ideal do amor; indispensavel é que elles se amem de facto, porque, se assim acontecer, no momento capital da irresistivel attracção de um para o outro, ella representa para elle a primeira mulher do mundo, a mais seductora, a mais terna, a mais amavel, e elle representa para ella o melhor dos homens, o mais nobre, o mais apaixonado e o mais digno do seu amor.

Nestas condições, o filho será por força de regra, não como são os paes, mas um ente tão perfeito como elles mutuamente se julgavam, convictos, na providencial illusão do seu desejo. Donde se conclue que a formação de um filho, rigorosamente perfeito, isto é, que a garantia da selecção humana e o aperfeiçoamento da especie, dependem mais da imaginação dos paes do que das suas verdadeiras virtudes e das suas qualidades physicas.

Mas, pergunto eu agora, essa illusão póde existir sempre, entre os dous mesmos individuos, durante toda a sua existencia intima de casados? Depois do nascimento e da amamentação do primeiro filho, o homem continuará a ver na esposa a mais desejavel de todas as mulheres, e ella continuará a ver no marido o melhor e superior de todos os varões?

Não! Para isso seria preciso a possibilidade de um novo periodo de fascinação amorosa, de namoro, e uma nova expectativa de lua de mel. Para isso seria preciso que os dous se desejassem de novo como se desejaram da primeira vez, e que se atirassem de novo nos braços um do outro, com o mesmo primitivo entusiasmo, com o mesmo ardor, com a mesma illusão.

Ora, como não é possível obter de novo essa illusão, todo o casal, depois de creado o primeiro filho, compõe-se de dous desilludidos.

Mas, se, para que o filho seja perfeito, é indispensavel aquelle conjunto de circumstancias auxiliares, e, se o destino physiologico do homem é procrear, aperfeiçoando a sua especie, segue-se que—ter um segundo filho, com

a mulher inutilisada pelo primeiro—é um crime perante as conveniencias geraes da especie, e é um crime perante os interesses particulares do segundo filho, que será injustamente lesado, que será privado das regalias e das vantagens naturaes de seu irmão mais velho.

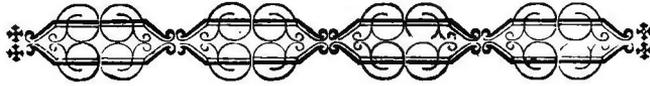
Mas isto é a execravel lei dos vinculos e morgadios prevalecendo ainda physiologicamente na familia ! O segundo filho, concebido já dentro do periodo da desillusão dos conjugues, é um brutal attentado contra a natureza !

Entretanto, essa mesma mulher, agora inapta para despertar no pae de seu filho aquellas favoraveis illusões que, aos olhos delle, faziam della a mais desejavel das mulheres, pode ainda accordar noutro homem, com quem nunca viveu na intimidade procreadora, os mesmos fortes desejos, o mesmo ardor, a mesma febre de posse carnal, que dantes levantára no primeiro. E este, que já não serve para encher de sonhos de amor a phantasia da mãe de seus filhos, é talvez nesse momento o objecto dos anhelos de outra mulher, que o ronda enamorada, e nelle vê o ente escolhido pelo seu desejo, o eleito da sua carne, o unico

collaborador que lhe convem para a sua missão reproductora.

A sociedade, porém, não quer que se aproveitem esses dous individuos, ainda tão uteis á geração, e obriga-os a ficarem perniciosamente ao lado um do outro, contra todas as leis da natureza.

Ora, se tudo aquillo que fôr contra a natureza é immoral e vicioso, o nosso casamento é, passada a crise do primeiro filho, nada menos do que uma condemnavel immoralidade.



VIII

O casamento um acto immoral! O' meu Deus, a que triste conclusão me arrastaram os meus raciocinios!

Immoral o casamento!—logo, todo o homem ou toda a mulher que persiste ao lado um do outro, depois da amamentação do primeiro filho, é umente immoral? E minha filha, minha pobre Palmyra, teria de ficar eternamente solteira, privada dos seus direitos naturaes de mulher, ou teria de ser uma creatura immoral, quer tomando para companheiro de vida um amante, quer accitando um marido?...

Que horror!

Seria preferivel conserval-a virgem, ou seria isto ainda maior attentado? Se o casa-

mento é immoral porque é contra as leis da natureza, o celibato casto também o é pela mesma razão.

Conserval-a virgem! Mas conserval-a virgem seria matal-a por dentro, seccando-lhe com a abstinencia forçada a vida dos seus mais importantes órgãos, os órgãos directa e indirectamente empenhados na procreação! Mas uma mulher é toda ella, dos seus pequenos pés brancos e fracos, aos longos, setinosos e tepidos cabellos, um simples apparelho de amor! Tirem-lhe o que foi formado para o conjuncto do mister propagador, e o que fica?

Sim! porque tem ella os quadris mais amplos e volumosos que o homem? porque tem as coxas grossas, as mãos mimosas, a pelle fina? porque tem peitos tão doces e tão macios? porque tem os labios vermelhos e a bocca livre e desembaraçada de barba, senão para dar beijos? e porque tem o rosto liso e rosado, senão para provocal-os e recebêl-os? porque tem os olhos supplices, lamentosos, banhados em ternura e desejo? porque tem os cabellos tão compridos e tão perturbadores? e porque, n'uma longa existencia, de menina a octogenaria, desde a primeira boneca ao ul-

timo netinho, ella só viveu para a caricia e para o amor? e só teve uma funcção real e constante—amar, abraçar, beijar?

Não! minha filha não ficaria assim perdida para o seu verdadeiro destino de mulher!

Mas, se o casamento como a mancebia eram ambos immoraes e não podiam proporcionar a felicidade que eu sonhava para ella, Palmyra precisava de um novo cooperante genésico todas as vezes que tivesse de ser mãe. E isso, valha-me Deus! seria a mais completa e feia prostituição; seria perdel-a irremediavelmente para a moral e para a sociedade!

Oh! só agora, depois de pensar em tudo isto, é que vejo quanto fui casta e quanto fui boa; quanto fui sacrificada e quanto fui generosa! Que me não ouçam as mulheres fracas e vulgares; perder-se-iam com a minha dolorosa philosophia. Mas as fortes, as espartanas do lar domestico, se algum dia souberem do segredo destas confissões, que se consolem com a minha heroica desgraça, porque só essas comprehenderão as orgulhosas lagrimas que chorei.

Triste de mim, pobre mãe, cujo unico idéal na vida era agora a inteira felicidade de minha filha, e acabava de comprehender que semelhante felicidade era impossivel, tanto no celibato casto, como no matrimonio, como na concubinação, como na prostituição. E fôra disso, nada havia a explorar.

Que desespero !

Cheguei a lembrar-me do Mormonismo, a amaldiçoada seita polygama de José Smith. Mas, no dogma dos mormons, o caso essencial era precisamente contrario ao que me parecia indispensavel á felicidade physiologica da mulher e ás conveniencias individuaes do filho. Lá o homem tem o direito de tomar quantas esposas lhe appetçam, desde que as possa manter ; a mulher, porém, essa ha de contentar-se com um só marido, se é que se póde chamar um marido a um homem partilhado por vinte esposas. Um vigesimo de marido !

Ora, se um achava eu insufficiente para bém gerar todos os filhos de uma mulher, quanto mais a vigesima parte de um ! Entre-

tanto, lendo de boa fé a exposição dos principios philosophicos e religiosos dos mormons, abalei-me com certos preceitos da moralidade conjugal por elles estabelecida e observada. Affirmam com orgulho que, no mundo civilizado, são os unicos bons e honestos cumpridores do sagrado mandamento de Deus: «Crescei e multiplicai-vos», porque um varão póde procrear duzentos filhos, e uma mulher nunca mais de vinte.

Como pois exigir que seja uma só mulher a mãe de todos os filhos que produza um homem, quando precisa ella de dous annos para a gestação, parto e criação de cada um? Não será isso constranger o marido a uma destas tres cousas:—ou condemnar-se á esterilidade forçada, para não faltar a fé conjugal; ou transigir das regras da boa hygiene, aproximando-se da consorte nos periodos em que não deve; ou procrear fóra do casal, o que lhe fará ser pae de alguns filhos legitimos e, ao mesmo tempo, de muitos e muitos filhos confessaveis? Não seria melhor, mais digno e mais generoso, argumentam elles, que o homem, em vez de ter uma só mulher legitima e varias concubinas de occasião, e que, em vez de ter

filhos reconhecidos e filhos abandonados; aceitasse corajosamente as imposições do seu organismo e vivesse claramente, á luz da legalidade, com todas as suas consorciadas, sem subterfugios desleaes e dissimulações ridiculas?

E os mormons justificam-se com os exemplos da Biblia: Lamech, filho de Methuzael, teve duas mulheres—Ada e Zilla; Jacob quatro; Abrahão muitas mais; David todas as que herdou de Saul, e Salomão nunca menos de mil.

E entendem que só a polygamia pôde realizar o grandioso fim do matrimonio—multiplicar e apurar a especie; e que ella é a regra instinctiva e natural em toda a extensa ordem dos mamiferos que povôam a terra, e que ella é ainda a garantia da felicidade conjugal e dos direitos physiologicos e sociaes da descendencia.

Não ha duvida! Tudo isso pôde ser muito justo e muito razoavel, apenas acho que os senhores mormons legislaram conforme os seus interesses de homem e conforme os interesses da sua descendencia, mas sem pensar absolutamente nas delicadas conveniencias

móraes e physicas da mulher. E como a minha unica preocupação era o interesse de minha filha e não o do marido que ella viesse a ter, vi e apreciei o revolucionario dogma social pelo lado contrario ao ponto de vista dos seus auctores, o que fez com que a minha impressão fosse diametralmente opposta a delles. De resto, quando fosse com effeito o casamento polygamo o melhor e mais acceitavel de todos, iria eu carregar com Palmyra para Salt Lake City, abandonando a minha patria, os meus amigos e os meus interesses no Rio de Janeiro? E para que? para a levar a um sultão? para a deixar cahir no serralho de Utah, como se deixasse cahir uma franga dentro de um gallinheiro?

Não! De tudo que li sobre os mormons, só uma cousa me aproveitou, foi o desejo de consultar a Biblia a respeito do que era possivel fazer pela felicidade de minha filha. E ahi, sim, encontrei afinal a chave do problema que me atormentava.

Foi na Biblia, foi nessa inexgotavel fonte de consolações para os que soffrem, foi nesse

eterno poema de amor, que me orientei sobre o unico caminho que tinha a tomar.

Depois da lição dos capitulos XII e XV do Levitico, convenci-me de que o mal do nosso casamento não estava precisamente na monogamia, mas só no meio de exercel-a ; convenci-me de que um marido, para não perder a illusão do seu amor conjugal, precisa affastar-se da mulher em certas occasiões. Eis tudo !

Como afinal é sempre intuitiva e simples a base dos maiores problemas da nossa vida ! Mas prosigamos :

A eterna permanencia de um homem ao lado da esposa obriga-os a prosaicas intimidades inimigas do amor, (amor sexual) e acaba fatalmente por azedar-lhes o genio e trazer a ambos o fastio, o tédio, a completa relaxação do desejo, e afinal a explosão dos caracteres em perenne attricto, e as brigas, a troca violenta de injurias, e, muita vez, se os desgraçados por falta de educação não souberem conter os seus impetos nervosos, o pugilato e até o homicidio.

«L'amour finit par s'aigrir, comme le vin qui reste trop longtemps en bouteille», resa a velha philosophia dos proverbios.

O primeiro ponto da minha questão era pois fazer desaparecer a immoralidade de dentro do casamento monogamo. Ora, este casamento era immoral e trazia o tédio e o cansaço por parte de cada um dos conjuges, só porque depois do desempenho do primeiro filho, o pae e a mãe incompatibilisavam-se entre si para a concepção perfeita de um novo descendente. Tratei pois de descobrir em que consistia a causa dessa incompatibilidade. Não foi preciso grande esforço de intelligencia para dar logo com ella: E' que o enthusiasmo sensual, o amor, de um pelo outro consorte, era um puro producto da imaginação e do desejo de ambos, e desde que os dous se não separavam nunca, nem só nunca se podiam desejar de novo, como igualmente não podiam manter, de parte a parte, a mutua e captivante impressão que os havia ligado.

O instincto da conservação da especie, que é o amor, deve ser de qualquer modo tratado como o instincto da conservação pessoal, que é a fome. Não ha estomago que resista a faizão-dourado todos os dias; o melhor acepipe, se não fôr discretamente servido, enfastiará no fim de algum tempo. O mesmo acontece no

matrimonio : os conjuges acabam invariavelmente por se enfararem um do outro, não pelo uso que fazem do seu amor, mas pelo abuso mutuo da convivencia e da ternura.

Se tens um prato predilecto, que se dá bem com o teu paladar e com o teu estomago, e o qual não podes ver sem sentires a bocca lubrificada pelo appetite, não abuses desse estimavel prato, para que elle se não inutilise para o teu desejo, e para que possas continuar a saboreal-o com o mesmo gosto ; e principalmente não comas delle sem boa vontade.

A pessoa amada ganha sempre valor e novo prestigio aos olhos do amante, quando delle se affasta por algum tempo. E' nessa reforçadora ausencia que ella é mais desejada e querida. Dous amantes, inopinadamente arrancados dos braços um do outro e desunidos por um pequeno espaço de tempo, continuarão a amar-se e a cobiçar-se com a mesma primitiva intensidade de antes da posse ; emquanto, deixados tranquillamente juntos, na mesma casa, na mesma mesa, na mesma cama, no fim de alguns mezes já nenhum dos dous enxergará no companheiro os elementos de seducção que os innodou sacramentalmente, e cada um

ha de perguntar de si para si, com a mais sincera estranheza, porque diabo se apaixonou por aquella creatura que alli está a seu lado, a ponto de unir-se com ella para sempre, por um voto eterno ?

E tanto assim é, que, no caso, infelizmente tão commum, de homens casados que mantêm uma concubina fóra da casa em que moram, e com a qual não convivem todos os dias, nem todas as noutes, mas que frequentam a furto, uma vez por outra, amam sempre e sempre, dado mesmo a hypothese de igual valimento physico entre as duas, muito mais a amante do que a mulher legitima, e são por ella capazes de sacrificios e esforços que já lhes não merece a esposa.

Dir-me-ão alguns que é porque mesmo elle nunca amou devéras a consorte; que se enganára quando suppunha amal-a, e que só depois do casamento, já irremediavelmente tarde, reconheceu o seu erro; e que na outra mulher fôra encontrar afinal a «affinidade electiva», ensinada por Goethe, e pois sentira-se irresistivelmente arrastado para ella.

« O amor que pode extinguir-se não era amor ! » dir-me-ão outros com o poeta.

Pois sim! era bastante que aquellas duas mulheres trocassem as posições entre si, para que o decantado amor tambem trocasse de objectivo. Fosse a concubina morar com o amante, conviver com elle noute e dia; e começasse a esposa a ser visitada pelo marido somente de longe em longe, em furtivas escapulas, e veriamos qual dellas seria, no fim de algum tempo, a mais amada e desejada — a amante de cama e mesa ou a esposa prohibida?

Ha muito exemplo de marido, que só veio a amar devéras á mulher, depois que esta lhe fugio para os braços de outro, ou de outros.

Quando um homem e uma mulher são condemnados por lei a viver eternamente inseparaveis, o corpo póde ceder a tal violencia, mas a imaginação, que é a mãe do amor, essa reage logo e foge, põe-se ao largo, onde as suas azas encontrem livre o espaço e o vôo franco. O espirito do homem é por natureza independente e só se poderá escravisar a uma mulher, o que não é tão commum, quando o faça, não por lei de qualquer especie, mas por livre e expontanea vontade.

A legitima esposa, que vive inalteravelmente ao lado do marido, pode, a força de virtude e de bondade, conservar e até desenvolver a estima, a consideração e o respeito, que elle lhe tributa; pode ser amada moralmente. Mas o outro amor, o sensual, esse bello instincto tão necessario ao bom resultado da progenie, esse vae para a mulher illegal, para a inconfessavel amante, cujos beijos são mais apreciaveis, porque são mais raros, cujas horas de convivencia são preciosas, porque são contadas, minuto a minuto, e cujo ligeiro contacto de corpo é sempre, para elle, um goso conquistado, seja pela ternura, seja pelo dinheiro, e nunca um dever imposto por lei ou um direito exercido com sacrificio.

Estava afinal achado o x do meu grande problema. Consistia em nada mais do que uma pequena inversão de principios. O meu raciocinio concludente era tudo o que ha de mais simples; era o seguinte:

Um casal vulgar só pode ser feliz emquanto dura de parte a parte a illusão do

amor sensual que o determinou ; uma vez exgotada a provisão de amor ou de illusão, o casal deixa de ter razão de ser e deve ser dissolvido. Logo, a mulher, para ser physiologicamente feliz, precisa substituir o seu amante por um novo, desde que elle não continue a exercer sobre ella o fascinante prestigio que a captivou. Ora, sendo de todo impossivel substituir assim um esposo, o que restava a fazer? — Substituir a illusão. O actor seria sempre o mesmo, os papeis, representados por elle aos olhos da consorte, é que teriam de variar e seriam sempre novos.

Minha filha, pois, conhecendo um só homem, teria nesse homem uma bella e seductora variedade de amantes.

Mas, como chegar a semelhante resultado? Como obter na vida pratica a execução de tão revolucionario systema? Como vencer a exigencia dos velhos costumes e arraigados habitos domesticos e sociaes? Como poderia eu dispôr assim de meu genro e governal-o na sua intima vida conjugal? Como conseguiria reformar-lhe ou reforçar-lhe, de quando em quando, as suas qualidades insinuativas e os seus dotes de seducção e encanto, para desse

modo manter o amor de minha filha sempre no mesmo gráo de enthusiasmo ?

Eis o que principiei a inquerir com alma e coração, até chegar a um resultado satisfactorio, como exporei neste manuscripto, se Deus para tanto me conservar vida e saude. Posso afiançar desde já é que ao amor de mãe nada é impossivel, por mais transcendente que pareça, quando se trata da felicidade do filho; e que eu, longe de desanimar com o peso da tarefa que me impunha, sentia a minha confiança cada vez mais segura e forte nas energias do meu coração materno.



IX

A invariavel convivencia matrimonial é cousa muito seria, é a grande razão da corrente infelicidade domestica, é a causa immediata da fatal desillusão dos conjuges, mesmo d'aquelles que se casam por amor legitimo e verdadeiro, como eu me casei ; é fonte de inevitavel desgraça para a vida inteira, desgraça que os noivos ainda mais aggravam, imprudentemente, com os recursos artificiaes e hypocritas do namoro, quando aliás a mocidade, a graça natural e o amor, deviam ser os unicos agentes da attracção que os ajunta e abrocha.

Quando um moço, ou uma moça, quer casar, qual é o seu primeiro cuidado?—Enfeitar-se ; ou melhor—disfarçar-se.

Ella recorre ás torturas do espartilho para fazer a cinta inverosimilmente fina, ás torturas dos sapatinhos apertados para fazer o pé microscopico ; recorre aos arrebiques, ao pó de arroz, ás opiatas, ao dentista, ao cabelleiro, á modista. De feia póde fazer de si uma dessas elegantes bonecas de salão, por quem ás vezes os homens se enfeitçam. Elle, por outro lado, trata logo de dar brilhantina e cosmetico ao bigode, calça-se com esmero, e estuda os meios, não de conseguir a propria felicidade e a daquella que pretende para esposa, mas de tornar-se irresistivel dansando a valsa ; e põe monoculo, e faz versos, ou arranja quem lh'os faça. E ambos, depois de bem enfrascados em perfume, depois de bem adornados e convertidos no que não são, esforçam-se, cada qual com mais empenho, em esconder aos olhos do outro os seus defeitosinhos e as suas pequenas misérias de entes civilisados.

Ella, coitada ! para de si dar copia de um ser poetico e vaporoso, recita poesias sentimentaes ao piano, falla de cousas romanticas que pescou de orelha, levando a comedia ao ponto de não querer á mesa, se houver rapazes presentes, quasi que tocar nos pratos ; e sus-

pira, e requebra os olhos, e sibila os ss, e remexe-se toda, e toma langorosas posturas estudadas; e quando anda, e quando falla, e quando dança, e quando pousa na cadeira, é sempre com a mesma simulação e fazendo mil esgaires de faceirice, mil trejeitos de ingenuidade e ao mesmo tempo de provocação amorosa.

Elle, bem barbeado, cheiroso, limpo e janota, affecta grande pureza de costumes e de maneiras, escolhe para a conversa assumptos finos e termos convenientes; faz-se terno, cordato, circumspecto, com um genio de anjo; e falla do seu amor e do seu futuro conjugal, com tal doçura e tão voluptuosa virtude, que uma donzella ao ouvil-o imagina logo que a vida, em companhia de semelhante puritano, ha de ser uma nova edição, correcta e augmentada, do paraizo, antes da gulodice da maçã.

E assim, mutuamente enganados, mutuamente illudidos e engodados—casam-se.

Essa illusão servirá para a garantia do primeiro filho. Está muito bem! Mas ainda os dous fallam entre si e com os amigos em «lua de mel», e já cada um por sua conta começa a

descobrir no companheiro imprevisitas particularidades, reaes e prosaicas, que vão surdamente desdourando o insubstituivel prestigio poetico que exerciam um sobre o outro.

Hoje um flato mal disfarçado, amanhã um ligeiro transbordamento de humor bilioso, em seguida uma colica desmoralisadora, e em breve o marido já se não esforça por esconder os seus callos e a sua dyspepsia, nem a esposa tem o cuidado de caracterisar-se de mulher bonita ; já não mette os cabellos em papelotes para os trazer crespos sobre a testa, já não aperta com sacrificio a cintura e os pés, ja não arma aquelles divinos sorrisos provocadores que parecia fazerem parte integrante da sua physionomia, e ja não arranja aquelles fascinantes olhares voluptuosos, que foram talvez o que mais decisivamente determinou a conquista do homem que agora é seu marido.

E as pequenas e apoquentadoras miserias do genio e do character, que se vão revelando dia a dia? E os egoismos feminis? E as vaidades masculinas? E os desleixos do corpo, que não chegam a ser desasseio, mas que já não são, de certo, o seductor perfume que ambos sentiam um no outro durante o periodo

do namoro, e sob cuja influencia se amaram, e se desejaram, e se tiveram ?

O cheiro ! Que importante papel representa elle no amor conjugal e nos destinos da familia !...

As secreções da pelle são ás vezes um terrivel inimigo das illusões do nosso amor de hoje, mesmo aquellas que a natureza em nós creou ingenuamente para lubrificante estimulo dos sentidos. E' que a natureza não contava com a degeneração do olphato, produzida pelo abuso, pelo vicio, dos perfumes, das essencias, dos desinfectantes e vinagres aromaticos, e mais das balsamicas pastilhas de serralho e do odorante fumo do tabacó. O homem e a mulher, que se casam, só vêm a conhecer um do outro o verdadeiro cheiro, depois de rigorosamente unidos pelos inabrocháveis fechos do matrimonio, quando está mais que provado que, no amor, o cheiro particular do individuo tem acção tão poderosa como a côr da sua tez e dos seus cabellos, como o timbre da sua voz, a expressão do seu olhar e da sua bocca, o feitio do seu corpo e o caracter geral do seu modo de ser. O olphato tem as suas idiosyncrasias, tem as suas antipathias

e as suas inclinações, como as tem o ouvido, o paladar, os olhos e o tacto. Nos esponsaes os direitos desse sentido, tão respeitaveis como os dos outros seus congeneres, são perfeitamente ludibriados pela perfumaria de toucador, sem calcularem os noivos o perigo que com isso corre a sua futura felicidade domestica.

O cheiro natural do corpo é por vezes o bastante para desfazer o laço amoroso de um par, mormente quando um bom perfume artificial, uzado com insistencia e regularidade, tenha, de parte a parte, como que servido de medianeiro durante o tempo de namoro. Os perfumistas são, sem dar por isso, grandes promovedores e grandes dissolvedores de casaes

O gosto e o desgosto do olphato têm maxima importancia na questão do amor geniastico. A mulher, durante certos periodos physiologicos, deve ser para o marido um ente innaccessivel, deve ser sagrada ; já não digo só com respeito á communhão sexual, mas ainda para a simples cohabitação do leito ou do quarto. Elle, durante esse tempo, nem só não lhe deve tocar no corpo, como até nem della se deve approximar.

Eu digo—sagrada ; a Biblia lhe chama—
immunda.

E já explicou um philosopho humorista que o casamento era sempre uma permuta, mas não de almas e corações, e sim : durante o dia—de máos humores ; durante a noute —de máos odores.

Não convenho nesta jocosidade de máo gosto, mas a mulher, com effeito, naquellas occasiões, torna-se repulsiva pelo cheiro. A mesma natureza como que assim está insinuando que o homem deve então affastar-se da esposa. O homem, porém, é teimoso e deixa-se ficar ; fica por falsa comprehensão dos seus deveres de ternura, ou fica por negligencia e preguiçosa sujeição aos habitos.

E a mulher afinal torna-se grávida, e o imprudente continua a dormir ao lado d'ella. Vêm as enojosas manifestações da crise gestante, as dôres matrizes, os enjôos, as desagregações pituitarias, os vomitos, o máo halito, as aberrações hystericas do gosto—e o teimoso não se despega.

E começa então para os dous uma existencia de indecorosa promiscuidade ; já não escondem absolutamente um para o outro os

seus bocejos e as suas mais repulsivas expansões do corpo. E' como se não estivessem juntos; cada qual, sem poder fugir á indefectivel necessidade do isolamento—pois que todo homem precisa de horas de solidão, como precisa de horas de somno, de horas de trabalho e de horas de convivencia e prazer—e, não podendo evitar nos seus lazeres a presença do companheiro, abstrahie-o do espirito, e acaba por ficar só, inteiramente só, ao lado delle.

E se um dos dous adoecer gravemente, fica o outro a servir-lhe de enfermeiro, a mudar-lhe as roupas enxovalhadas, a applicar-lhe visicatorios, a dar-lhe purgantes e a ajudal-o em todos os mais intimos misteres.

Mas onde está, que fim levou, aquelle airoso dansador de valsas, aquelle gentil mancebo, que não seria capaz de exhibir-se a ninguem, e muito menos á noiva, senão depois de caprichosamente apurado na roupa, no cabello, nos dentes e nas unhas? aquelle irresistivel galanteador, que dizia cousas tão finas e que fazia versos tão lindos, e trescalava a sandalo ou kananga do Japão? E onde está aquella mocinha vaporosa, que era toda graça,

delicadeza e perfumes, e que mostrava uma cintura e uns pezinhos tão provocadores, e uma cabeça tão primorosamente penteada, e um collo, e uns olhos, e uma bocca, tão mysteriosos e divinos?...

— Oh! Isso foi durante o tempo do namoro! dizem elles.— Hoje somos «papel queimado!» Hoje somos «feijão com carne secca!»

— Muito bem! replico eu; mas os dous que se amaram eram aquelles dous que desappareceram e não vós, que agora ahí estaes defronte um do outro, sem saber porque e para que!

— Oh! mais agora nós nos estimamos muito mais. Se desappareceu a illusão do amor, ganhámos em compensação um pelo outro uma bella amisade que dantes nos não ligava.

— Mas, adoravel casal, tu te não constituiste para formar dous bons amigos intimos, que nenhuma reserva têm entre si e que só desejam conservar a sua bôa amisade! Tu, mancebo desilludido, e tu, querida dama despenteada, não vos unistes pelos laços da amisade, mas sim pelos laços do amor, o que

é muito differente; e, uma vez que já não existe amor entre vós, continuae amigos, mas separae-vos de corpo; que vá cada um procurar além novo consorcio para o seu amor, porque ainda podeis ser aproveitados para a unica verdadeira missão, que a natureza exige de vós — procrear, e procrear bem.

— Ora, respondem elles. Mas nós somos felizes assim !...

— Não sois tal ! Ah ! eu conheço já de longa data essa confissão de felicidade a vosso modo ! Vós, maridos, sois todos muito felizes; mas quem tomar a serio os vossos proprios conselhos, não se casará nunca, porque cada um de vós, emquanto pela pratica justifica o casamento, vae segredando pela bocca pequena, ao ouvido de cada um dos amigos: «Eu, cá por mim, não me posso queixar; fui feliz ! Não tenho que dizer; mas, acceita o meu conselho — não te cases ! Não te cases nunca ! E' um conselho de amigo, podes crer ! »

E repetem quasi todos elles a mesma cantiga. E' difficil encontrar um marido, que não tenha na ponta da lingua esta phrase: «Eu não me posso queixar, mas não te cases ! » sem se

lembrarem os ratões de que semelhante conselho já é uma queixa.

Que diabo de felicidade é então essa, que os casados aconselham a todos os seus amigos solteiros que a evitem? Será isso egoismo na ventura, ou falso vexame de confessar a propria desgraça?

Não, a razão é outra. Quereis saber contradictorios casados, porque assim fallais do casamento? E' porque n'elle sois ao mesmo tempo felizes e infelizes — felizes na vossa amizade; infelizes no vosso amor.

E sois infelizes no vosso amor, simplesmente porque sois desilludidos.

Olhae o casamento entre a gente do campo. Porque razão o camponez é mais feliz no casamento do que a gente civilisada da cidade? E' que lá na roça quando o João da Horta vae casar com a Joanna dos Porcos já lhe conhece a medida justa da cintura, e já lhe viu os pés descalços, as unhas sujas e a cabeça despenteada; e ella vai sabendo já qual o verdadeiro cheiro que elle tem, e quaes são os defeitos e as boas qualidades que o acompanham.

São antes do matrimonio o que são depois

—não soffrem decepções ! E, como a vida exercitada e simples do campo lhes tem naturalmente conservado melhor a integridade do corpo, e lhes tem poupado callos, enxaquecas, hemorrhoidas e dyspepsias, a infinidade de miserias e inconfessaveis aborrecimentos, que sobrevêm fatalmente na cohabitação dos casaes civilisados, quasi que não existe entre elles.

Assim, só entre os simples, ainda se encontram casados que se amam e se desejam physicamente depois de ter tido varios filhos; por conseguinte só entre elles as creanças, concebidas depois do primeiro parto, seriam sans, fortes e intelligentes, se nas relações matrimoniaes dos camponezes concorresse o indispensavel elemento poetico da imaginação, do enlevo espiritual, donde tira o filho a ultima d'aquellas tres qualidades. Só esse elemento lhes falta no amor, e é por isso que o filho do homem do campo é quasi sempre bem constituido de corpo, mas em geral estúpido, ainda mesmo passando logo a conviver entre gente mais cultivada.

Em toda a occurrencia sexual, a illusão fascinadora do espirito é indispensavel para o perfeito equilibrio do filho consequente.

Conclui pois dos meus raciocínios, não que Palmyra precisasse conhecer bem o noivo antes do casamento, ou vice-versa, porque seria isso perigoso debaixo do ponto de vista da illusão amorosa—ella não era uma camponeza; mas que deviam ambos conservar, eternamente intactas e perfeitas, as bôas impressões, que um do outro tivessem porventura recebido no periodo em que se desejaram pela primeira vez.

A tarefa, como se vê, era mais que penosa, delicada, e de muito difficil execução; eu, porém, estava disposta a todos os sacrificios por amor de minha filha, e haveria de triumphar! De resto, com que melhor poderia eu encher a vida? A idéa de escrever estas memorias só mais tarde começou a preoccupar-me o espirito.

Mas prosigamos. Vamos ver agora como cheguei á realisação dos meus idéaes.



X

Na escolha mental que fiz de um noivo para minha filha, pareceu-me fosse preferivel um official de marinha em serviço activo, porquanto o marinheiro leva no casamento duas vantagens sobre os homens de outras profissões. A primeira porque o serviço de bordo ou em alguma fortaleza o obriga a affastar-se periodicamente da esposa, cumprindo elle assim, por dever de officio, com o hygienico preceito da Biblia ; a segunda porque os perigos da sua vida aventureosa, a honra militar e a esthetica da farda, lhe dão certo brilho especial de ante-burguezismo e um fascinante prestigio de altivez e denodo que muito peçam nos interesses do amor.

Nós mulheres gostamos de vêr no homem amado tudo aquillo que não possuímos nem podemos aspirar. Quanto mais varonil e masculino fôr elle, tanto mais nos impressiona e attrahe. A força physica, a bravura, a energia de acção, e a singela bondade do homem fôrte, são os dotes masculinos que mais directamente seduzem uma mulher bem equillibrada. Eu, que amei tanto meu marido, nunca lhe perdoei todavia, no intimo do meu julgamento femínil, que elle fosse de compleição pouco mais desenvolvido em musculos do que eu. E não era fraco.

As mulheres ordinarias, que não desgostam de ser batidas pelo seu homem, têm a sua absolvição na mesma nutureza inferior da mulher. Dar-lhes pancada é prova de falta de respeito e é brutalidade, mas não é prova de falta de amor; antes pelo contrario é essa uma das mais naturaes expansões do dominio e do ciu-me, e quer sempre dizer superioridade physica. Ora, o que a mulher vulgar exige do seu homem não é respeito, mas só amor; logo prefere a pancada a qualquer outra manifestação menos grosseira, porém mais deprimente dos seus interesses sexuaes.

Devia, por conseguinte, o noivo de minha filha ser um official de marinha em serviço activo, e homem forte. Mas, como a força physica não basta para conquistar um amor complexo, e para manter no mesmo gráo de entusiasmo o enlevo poetico de uma mulher de certa ordem, era preciso que o meu official de marinha, além de sãõ e possante, fosse intelligente, honesto, sympathico e carinhoso.

E encontraria eu um sujeito nestas circumstancias, capaz de amar minha filha?...

Porque não? Palmyra tinha desoito annos, era bonita e perfeita, bem educada, intelligentezinha, e com um dote animador. Seria possivel que não houvesse por ahi um rapaz pobre, naquellas condições, que se apaixonasse por ella, encaminhando eu as cousas com certo geito?

Puz mãos á obra: comecei a procurar o meu homem. Em breve, porém, convenci-me de que sozinha não daria conta do recado, e lembrei-me de pedir auxilio ao meu amigo, o Dr. Cezar Velloso, de quem já prometti fallar.

Cumpra-se esta promessa antes de mais nada; Cezar Velloso era então um bello velho de cincoenta a sessenta annos, medico, abas-

tado, viuvo, já sem nenhum de seus filhos, e vivendo em companhia de uma irmã, D. Etelvina, unico parente que lhe restava e a quem elle extremecia profundamente. Foi o melhor coração e o melhor character que encontrei até hoje no meu caminho. Conheci-o, como disse, pouco depois do nascimento de Palmyra, e já desde esse tempo o estimava mais do que a meu próprio esposo, de quem elle, só por minha causa, foi bom, leal e verdadeiro amigo.

Deu-se na minha vida e no meu coração uma cousa muito singular a respeito desse homem: Sem nunca formular sobre elle a mais ligeira hypothese de amor sensual, achava-me todavia tão sua amiga, amava-o tanto, que era um verdadeiro prazer, para minha alma, sentil-o perto de mim. Quando as desillusões do meu casamento me prostraram os sentidos e me ennegreceram a existencia, foi elle o unico com quem abri o coração. Falei-lhe com toda a franqueza, queixei-me do meu destino; disse-lhe tudo quanto eu soffria, e até, ainda hoje me parece extraordinario chorei em sua presença, o que, juro pela felicidade de Palmyra, seria impossivel succeder com outro, mesmo com meu marido.

Desde esse momento capital da minha vida, comprehendí que era tambem amada por elle como a irmã eleita por sua alma e por sua intelligencia. E fizemo-nos amigos para sempre, unificamo-nos em espirito, tornamo-nos moralmente inseparaveis por um tacito consorcio de absoluta confiança um pelo outro ; consorcio de imperturbavel harmonia de idéaes, de alta poesia e de amor immaculado e superior a todas as miserias da carne. E esse amor essencial e puro, que nunca fôra nem de leve perturbado pelo sobressalto dos sentidos, era um canto tranquillo e doce, em que meu pobre espirito repousava da infernal campanha domestica e dos enojos do outro amor.

Mas como se poderá explicar essa minha estranha predilecção por um homem, que não era meu parente, nem meu companheiro de infancia, e quando não havia entre nós de parte a parte o menor impulso de sexo?...

E' preciso notar que eu fôra sempre considerada, pelas pessoas que me conheciam, como um character secco e orgulhoso. E com effeito, não gostei nunca de revelar, a quem quer que fosse, meus pensamentos e meus in-

timos conceitos, nem mesmo a meu marido, com o qual guardei em todos os tempos uma reserva, que elle aliás, coitado! jámais tivera para commigo. Posso até dizer que com Virgilio fui, no ultimo quartel da nossa vida de casados, mais fechada e retrahida do que com qualquer outro. No entanto, era bastante demorar-me alguns momentos sozinha perto de Cezar, fital-o e descansar por algum tempo o olhar no seu olhar sereno, franco e bondoso, para logo me accudir á bocca tudo o que meu coração, tão avaramente, trazia escondido e fechado para os demais homens.

A's vezes, espantava-me eu propria com semelhante facto e, depois de lhe revelar os meus mais intimos segredos, perguntava a mim mesmo—como e porque exercia aquelle homem tão grande e decisiva influencia sobre meu espiriio? Fazia então vivos protestos de mudar de norma de conducta d'ahi em diante. Afinal não havia justificativa para uma distincção tão accentuada! Chegava a parecer-me deshonestidade! Mas, na primeira occasião, em que de novo a sós nos encontravamos, quando dava por mim, já o meu coração se

tinha aberto por si mesmo, e despejava-se até ao fundo em palavras de amor.

Donde vinha toda essa confiança de minha parte? donde procedia esse poderoso e casto sentimento que a Cezar me ligava tanto, e que em nada se parecia com o amor-que eu mantive por meu marido, nem com o que eu sentia por meus filhos? Não atinava então com a verdadeira causa do phenomeno e moralmentè suppunha-me déveras culpada. Só muito mais tarde, continuando a estudar, no meu proprio coração, o coração humano, pude comprehender, quando afinal o conheci de todo, que não se tratava com aquelle factó de um caso meu particular, mas de uma lei commum para a minha especie. Essa conclusão assustou-me profundamente e veio abalar todas as minhas idéas aparelhadas a respeito da felicidade conjugal, e, se ella já não chegasse muito e muito tarde, terme-hia feito sem duvida reformar o programma de vida, que eu com tanto empenho e tanto cuidado traçára para minha filha.

Do resultado d'essas minhas observações, vim a perceber que, sendo a procreação um instincto, e sendo o amor um sentimento, o

grande mal, ou o grande erro, do matrimonio vulgar, consistia no disparate de querer harmonisar e unir, para os mesmos fins, essas duas cousas distinctas—sensualidade e amisade—tão contrarias entre si, e tão antípathicas e até perfeitamente incompatíveis.

Compreendi que a mulher — para procrear, precisa de um homem, de um varão, escolhido pelos seus sentidos; e—para amar, precisa de um amigo, de um irmão, eleito pela sua alma e pela sua intelligencia. O associado do seu corpo, em caso nenhum, pôde ser o associado do seu espirito, ou vice-versa.

Os irracionaes tambem são, como nós, susceptiveis de sympathia e apego de amisade, mas nunca põem esse sentimento, que nelles aliás não é tão elevado e tão perfeito como no homem, ao serviço da sua sensualidade e do seu destino procreador.

Compreendi que...

Mas não precipitemos os factos da minha exposição. Vamos por ordem.

Como ia dizendo: logo que me senti fraca para realizar sozinha o programma da

felicidade de minha filha, recorri naturalmente á unica pessoa com quem eu podia contar, o Dr. Cezar. Escrevi-lhe pedindo-lhe, uma conferencia em minha casa. Elle veio no mesmo dia.

Foi uma longa pratica. Referi-lhe detalhadamente as minhas apprehensões a respeito do futuro de Palmyra; expuz o que nesse tempo constituia o meu cabedal de observações concernentes ao casamento, e disse-lhe afinal qual era o meu plano resolvido. Cezar ouviu-me, durante todo o tempo, em silencio, com os olhos baixos, sem desviar um só instante a sua attenção do que eu expunha. Compreendi, pela concentração do seu rosto, que as minhas idéas e o meu projecto o interessavam e sorprehendiam extremamente.

Quando acabei, elle tomou-me as mãos entre as suas, com um gesto carinhoso que lhe era habitual a sós commigo; meneou a cabeça e disse-me sorrindo que — em primeiro logar, me fazia os seus cumprimentos pela lucidez de coração e de intelligencia, que eu acabava de patentear; depois, já em ar serio, fallou da minha illimitada dedicação materna, e declarou, ao terminar, sor-

rindo de novo, que, posto não acreditasse na efficacia do meu plano, pois que em absoluto não acreditava na felicidade, punha-se desde logo á minha disposição e prompto a entrar em campanha, na qualidade de meu ajudante d'ordens.

Rejubilei de contente. Agradei-lhe com um abraço sincero. Dispondo de semelhante ajudante d'ordens, tinha certeza da victoria! Cezar, amoroso e dedicado como sempre fôra para commigo, havia de tomar a peito a minha causa e destruiria, com o seu valor de homem, os obstaculos que eu não pudesse quebrar com as minhas mãos de mulher.

— Os seus serviços, meu amigo, disse-lhe eu, vão ser desde logo necessarios para uma prévia inspecção, inspecção rigorosa, na pessoa de quem se propuzer para meu genro. Só consentirei que se case com Palmyra um rapaz perfeito, em plena normalidade de saude.

— Está claro!

— A menor lesão, o menor vicio de organismo ou de sangue, a menor deformação physica, é o bastante para pô-lo fóra de combate. Não lhe parece?

— De certo; e desde já respondo por mim, como medico consciencioso... disse o meu bom amigo. Mal appareça o homem, arranje, Olympia, um meio de pôl-o em contacto commigo, e eu me encarregarei do resto. Desde que eu declare: «Este serve!—Este é perfeito!—Este está conforme!» póde você acceital-o de olhos fechados, porque não deixarei passar gato por lebre!

Elle ficou para jantar comnosco, e toda essa tarde meu coração cantou victorioso, como se effectivamente já tivesse segura a felicidade de Palmyra.



XI

Mas o homem põe, e Deus dispõe ; um anno decorreu sem que eu descobrisse, para minha filha, um official de marinha que lhe conviesse. Ella acabava de fazer desenove annos e era um mimo de graça e de innocencia ; amava-me extremamente, e jurava que me faria todas as vontades — só para me ver feliz.

Coitada ! — Ver-me feliz !... a mim ! Como se no mundo houvesse, para mim, outra felicidade que não fosse a della propria.

Durante todo esse anno dei festas em minha casa ; comecei a receber, ás quartas-feiras, todas as semanas. Como sabiam por ahi que eramos ricas, não faltaram preten-

dentes á mão de minha filha ; e o bom acolhimento que dispensei logo á farda de marinha encheu-me as salas de velhos e jovens officiaes dessa milicia, com tamanha profusão, que cheguei a receiar ter inutilisado o genero, barateando-o aos olhos de Palmyra.

Minha casa parecia já uma repartição de Marinha, e no entretanto a rapariga não se decidia por nenhum dos officiaes. Verdade é que bem raros se me afiguravam corresponder aos requisitos exigidos. Só um, o Saturnino da Rocha, primeiro tenente de vinte e cinco annos, me deu vivas esperanças. Um bello moço ! Mas o Dr. Cezar disse que elle tinha a solitaria. Puzemol-o á margem.

Com o que eu não contava foi o que succedeu, como acontece quasi sempre. Entre os candidatos, colhidos pela rêde que atirei ao mar para pescar um noivo, veio, de mistura com os legitimos representantess daquelle poetico elemento, um empregado publico, de segunda ou terceira ordem, um amanuense de secretaria, amador de musica ; um verdadeiro contrabando; impingido ja me não lembra por quem. Era ainda muito moço, bonito e bem apessoado. Estudei-o de relance ; não me

pareceu mau de genio e revelou intelligencia quasi regular. Tocava piano e bandolim com certa graça ; fallava inglez, francez e hespanhol. Era pobre.

— Quem sabe ?... pensei eu. Talvez apesar da idade, cuja differença da de Palmyra me parecia pequena de mais, estivesse naquelle contrabando um rapaz aproveitavel para os fins que eu tinha em vista... Mas, que pena ! não era official de marinha !... De todos os propoñentes era, todavia, e sem termo de comparação, o melhor como estampa.

Interpelei minha filha a respeito delle, frouxamente, como por descargo de consciencia. E qual não foi o meu espanto quando a vi reproduzir fielmente todòs os gestos retrahidos, que eu propria fizera quando me consultaram, nas mesmas condições, sobre o meu defunto esposo ?

Ella abaixou os olhos, corou, sorriu quasi imperceptivelmente, e começou a percorrer com os dedos da mão direita os botões do corpinho do seu vestido.

Tomei-lhe as mãos ; estavam frias e ligeiramente tremulas. Interroguei-a de novo,

e Palmyra, em vez de responder, cahio-me nos braços, soluçando.

Era a cousa, não havia duvida ! Commigo tinha sido tal e qual !

— Gostas d'elle... Não é verdade, minha filha?... perguntei-lhe, beijando-a na testa.

— Eu o amo, minha mãe... foi a sua unica resposta.

— Tu o amas !— Sabes lá o que é isso ! Queira Deus que não estejas procurando illudir-te; illudir a ti e a mim ! Não te deixes levar por falsas impressões !...

— Só com elle me casarei por meu gosto ! Só com elle serei feliz !...

— Isso é o que todas nós dizemos nas tuas condições, minha filha... Mas não te mortifiques, que, se o rapaz te ama devéras, e se estiver em condições de casar contigo, não serei eu que a tal me opponha, porque bem sabes que só procuro e quero a tua felicidade.

Ella, transportada, beijou-me repetidas vezes, agradecendo-me com as suas caricias as minhas palavras.

Todavia, talvez que de nós duas fosse eu a mais commovida nesse momento. Quando

me separei de Palmyra, encerrei-me no quarto e chorei copiosamente. Porque? Não sei dar a razão ; só affianço que um doloroso sobresalto se apossou de mim, e uma dura e fria tristeza, tristeza de velho, encheu-me o coração e escureceu-me a vida.

Procurei consolar-me, refugiando-me na idéa da felicidade de minha filha. Ah ! pobres corações de mãe ! pobres corações, que tanto soffreis para depois ainda mais vos amesquinhardes, chorando sob o pezo infamante e ridiculo desta terrivel palavra — Sogra !

E apressei-me a procurar o meu amigo. Fui logo no dia seguinte á casa d'elle. Cezar, ao receber-me, percebeu a minha tristeza ; comprehendeu-a talvez. Mas não me disse uma só palavra a respeito della ; apenas tomou-me a mão e affagou-a entre as suas, como de costume.

Para bem nos entendermos, os dous, bastava-nos o olhar !

Assentei-me junto á secretaria, bem perto da sua cadeira e, em voz baixa e commovida, dei-lhe parte de tudo, e conclui, pedindo-lhe que viesse á minha casa na proxima

reunião. — O pretendente lá estaria. Cezar prometteu ir.

E não faltou com effeito.

Tinhamos muita gente essa noute em casa. Havia concerto e depois dança. Os uniformes de marinha, rebrilhantes de galões dourados, cruzavam-se em todas as salas, offuscando as casacas pretas e dando áquella minha modesta quarta-feira officiaes realces de uma festa de côrte. As damas afidalgavam-se, e pareciam até mais amaveis e mimosas ao reflexo das refulgentes dragonas.

Minha filha cantaria ao piano, acompanhada pelo seu preferido. Ella resplandecia de seducção, naquelles primeiros arrulhos de pomba amorosa, que procura fazer ninho; estava alegre, saltitante, ebria de illusões e de esperanças.

E pensar eu que, d'ahi a algum tempo, toda aquella garrula confiança no amor, toda aquella louçania de innocencia e toda aquella frescura de mocidade, poderiam emmurchecer e transformar-se no que eu soffri pouco depois que me casei!... Ah! mas eu lá esta-

ria ao lado della para vigilar-lhe o leito de recém-casada, como lhe vigilára, outr'ora, o berço de recém-nascida. E o meu coração de mãe tremia tanto agora, aó vel-a assim sorrir de ventura ás primeiras pulsações do amor, quanto tremera d'antes, aos seus primeiros vagidos e ás primeiras lagrimas que lhe vi nos olhos.

O concerto correu bem, Palmyra foi feliz no que cantou acompanhada pelo namorado, creio até nunca lhe ter ouvido cantar com tamanha expressão. Mal deixaram o piano, apontei o rapaz ao meu velho amigo, que começou logo a observá-lo disfarçadamente.

D'ahi a pouco apresentei-os um ao outro, e não os perdi mais de vista.

Cezar, insinuante como é, ganhou logo a sympathia, e supponho até que a confiança do pretendente de Palmyra. Vi-os passeiar juntos durante longo tempo, sem deixarem nunca de conversar com o mesmo interesse. Depois tomaram uma das janellas da saleta de estudo, e continuaram na palestra, mais á vontade. Eu, do logar em que estava, podia observá-los. O medico com certeza fallava já

de cousas concernentes á boa disposição physica, porque notei que o outro sacudia com desembaraço as pernas e os braços, empinando soberbo a cabeça e o peito, como para dar idéa da sua perfeita compleição muscular.

Não pude deixar de rir, principalmente quando Cezar, lá do fundo da sua janella, me fez signal com os olhos de que a coisa caminhava bem.

O rapaz parecia com effeito muito bem constituido. Era delgado e forte, rico de espaduas; boa estatura, pernas e braços bem proporcionados; bom cabello; olhos vivos, de azul forte; tez limpa, de um moreno pallido, sadio e fresco; barba vigorosa, bem preta, luzidia e fina; unhas masculas e rijas. E os dentes pareciam-me de primeira ordem.

Já morria de impaciencia quando o meu bom Cezar, arranchando-se commigo para tomar chá a um canto da sala de jantar, me veio dar conta da sua commissão.

— Creio que temos homem! declarou logo, antes de assentar-se ao meu lado. E segredou-me depois:— Mas não dou por emquanto a minha opinião definitiva...

— Ah!

— Ficamos amigos... acrescentou Cezar. Elle, sabe? vae depois d'amanhã á minha casa, e, como tem gosto pelos jogos e exercicios de força e faz grande vaidade da sua musculatura, creio que o convencerei de que deve por systema tomar duchas no meu estabelecimento hydrotherapico. Ah! então sim, poderei dar com segurança o meu veredictum!

— Aquelles dentes?... Reparou se são verdadeiros?

— São. Afianço!

D'ahi a dias, o meu zeloso ajudante d'ordens procurava-me para dizer-me diante:

— Completo successo! auscultei e observei minuciosamente o rapaz. Creio até que o maganão adivinhou, ou comprehendeu, qual era a razão particular que me dirigia, porque veio, por bem dizer, ao encontro do meu desejo e prestou-se ao exame, sorrindo, sem esconder a sua vaidade de homem forte, consciente da sua riqueza organica!

Estavamos a sós, na bibliotheca, lá em casa. Approximei-me mais do meu velho amigo, com interesse; e elle accrescentou, dando com ambas as mãos duas palmadas simultaneas nas proprias coxas:

— Um rapagão, Olympia! o que se pôde chamar um rapagão! Equilibrio perfeito entre o systema nervoso e o systema muscular! Orgãos em bello estado de pureza! Uma autopsia seria a mais esplendida victoria para as suas visceras! Devia deixar-se dissecar, por orgulho!

— Então, Cezar!... Falle a serio, meu amigo!

— Não lhe descobri o menor vicio no organismo. Os pulmões são os de um ferreiro; o coração funciona como um Patek Philippe; o figado não parece figado nacional; os rins fariam inveja aos de um athleta! Thorax soberbo; biceps de gladiador! Em minha presença manejou, com a maior facilidade e destreza, haltéras de trinta kilos cada uma!

— Sim?...

— E' o que lhe digo! E a conformação geral do corpo, estheticamente fallando, é

simplesmente maravilhosa ! Quando o vi nũ, pensei ter defronte dos olhos uma estatua grega. Marte e Apollo fundidos, formando um homem. Que bello conjuncto de força e delicadeza anatomica ! Nem sei como, com a degeneração da raça latina e com a crescente depravação de costumes, ainda possa haver—no Brasil ! um moço em semelhantes condições physicas ! Verdade é que elle é de raça catallã !

— Que enthusiasmo, meu amigo !

— Enthusiasmou-me com effeito, o demonio do rapaz ! Nunca vi, na minha clinica, um specimen tão puro ! E' verdadeiramente um bello animal !

— Acha-o então, Cezar, quanto ao physico... no caso de preencher cabalmente o nosso ideal de... de marido de Palmyra ?

— Oh ! Por esse lado não poderíamos desejar melhor !

— E, pelo outro ? Que tal será elle ? Digame, achou-o sympathico ?...

— Ora ! Um homem naquellas condições é o orgulho da sua especie e ha de ser fatalmente sympathico. O que mais é a sympathy senão o reflexo da bondade ? e a bondade

é um producto logico da saude perfeita e da força, como são a coragem e a alegria. Fiquei gostando delle infinitamente. Ah! se aquelle ladrão fosse meu filho!

— Ainda bem, meu amigo...

— Oh! Pòde estar amplamente satisfeita com elle, Olympia, e dal-o, quanto antes, para noivo da nossa formosa Palmyra. Aquelle, se não fôr victima de algum accidente, ou não apanhar algum diabolico microbio que o estrague, morrerá de velho!

Agradei penhoradissima os bons serviços do meu querido amigo e pedi-lhe que me ajudasse a colher, logo desde o dia seguinte, informações sobre o passado e sobre o character do pretendente de minha filha.

Desde o dia seguinte, com effeito, puzemo-nos em campo. E foram quatro mezes de ininterrompidas pesquisas, em que eu dependi um grande capital de dedicação, de actividade e de paciencia, cujo segredo só mesmo um coração de mãe poderia achar. Mas não lamento taes canceiras, porque cheguei ao completo resultado do que eu queria.

Eis o que colhemos :

O rapaz chamava-se José Leandro de Oviedo. (Isso já eu sabia). Nasceu na provincia do Rio de Janeiro, n'uma fazenda de Therezopolis. Era filho de Manoel Oviedo, pintor hespanhol, que o teve de uma tal Margarida Porto, senhora brasileira por elle tomada do marido, um rico fazendeiro de café, e com a qual viveu o pintor dez annos.

Leandro foi o primeiro filho de Oviedo, (Esta circumstancia animou-me a seu favor) e o unico que sobreviveu aos paes. Creou-se na fazenda, mas aos cinco annos fez com a familia uma viagem á Europa, donde voltou com dez, já orphão de mãe. O pae destinava-o ao commercio e quiz, ao tornar aqui, pôl-o de caixeiro em uma loja de ferragens, mas o padrinho, um tal Gonçalves, com quem o rapaz fôra habitar de volta ao Brasil, remetteu-o, tres annos depois, para um collegio na Inglaterra, donde Leandro voltou aos dezoito de idade, por morte do seu protector. Não conseguí saber se deste herdou então alguma cousa; soube, sim, que n'esse tempo fez elle uma excursão pelas provincias do sul do Brasil, dandø com pouco successo concertos de pia-

no e bandolim. Dous annos depois morreu-lhe o pae, em completa miseria.

Alguns quadros, e outros objectos que deixou, foram vendidos para pagar o enterro e o ultimo mez de tratamento em uma casa de saude. Aos vinte annos entrou Leandro, como amanuense, para a secretaria, onde era segundo official quando pretendeu minha filha.

Não me souberam informar se foi bom filho, nem descobri quem era ao certo o tal padrinho, que o mandou a educar em Londres, nem tão pouco a razão porque este, homem rico naturalmente, o protegeu tanto em vida, sem d'elle se lembrar depois no testamento; affiançaram-me, porém, que Leandro era moço de bom character, regularmente estimado, e que havia regeitado casamento com a filha de um negociante forte, mas rapariga feia e pretençiosa. Não me constou tambem que se dêsse ao jogo, tão pouco ao alcool, nem fizesse loucuras por mulheres de má vida. Descobri que ultimamente morava elle, havia um anno, numa casa de familia honesta, que lhe alugava um quarto; e soube que tinha um amigo intimo, com quem era visto sempre aos domingos no club gymnastico a que ambos

pertenciam, um Leão da Cunha, rapaz rico e viajado, socio commanditario de uma casa de commissões no Rio de Janeiro.

E tudo isto descobrimos, Cezar e eu ; tudo desenterramos, por amor de minha filha ; e foi tudo obtido e foi tudo feito com a maxima reserva e discreção. Leandro, ao que supponho, não desconfiou de cousa nenhuma.

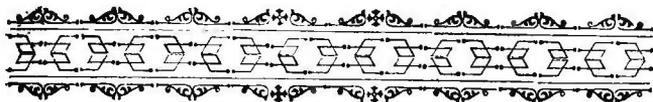
Estudando-o de mais perto, reconheci que as suas maneiras eram, de facto, convenientes e não affectadas para nos engodar durante o namoro ; pareceu-me até que, por debaixo daquella forte robustez physica, havia um character timido e paciente. Notei com satisfação que elle não abusava do fumo e detestava o cachimbo. Não me pareceu absolutamente ambicioso. Fallava pouco do seu piano e do seu bandolim. No entanto, as suas cartas a Palmyra, as quaes esta me mostrava sempre, eram discretamente escriptas, na forma como no fundo, e pareciam sinceras no que diziam de amor.

Convenci-me afinal de que a cousa unica que me restava a fazer era casal-os, dando ainda graças a Deus por me ter deparado tão bom partido.

Minha filha mostrava-se cada vez mais empenhada por elle, e Leandro cada vez mais disposto a obedecer-me e respeitar-me nos meus designios. Iamos bem.

Quanto a mim, tomava-lhe já estima e habituava-me á idéa de ver nelle um futuro filho. Tudo, não obstante, dependia da sua boa ou má disposição para aceitar as condições do casamento. Deliberei impor-lhe as provas preliminares. Entrei em campanha — principiei a contrariar-o.

Comecei a ser sogra !



XII

Meu Deus, como eu, que aliás ainda não tinha então descoberto a terrível lei da incompatibilidade do amor physico com o amor moral, me sentia já ansiosa e apprehensiva, pensando no casamento de Palmyra ! Aquelle rapaz, mesmo rigorosamente dirigido por mim, faria com effeito a felicidade de minha filha?... Amal-a-ia devéras? Seria elle com effeito um bom moço, ou teria conseguido enganar-nos, com os seus gestos de joven athleta civilisado e com os seus claros sorrisos de mocidade olympica? Oh ! tambem só nisto punha eu todo o meu empenho—em que elle não nos illudisse ; pois, quanto ao facto da sua pobreza e da sua modesta procedencia, longe de

fazer-lhe carga, dava-lhe até boas vantagens ao meu ver. Minha filha e eu eramos bastante ricas, para não precisarmos perturbar o plano da felicidade della, e minha, com mais esses frios interesses de dinheiro.

Que era elle um bello exemplar de homem, isso é o que ninguem poria em duvida, e isso valia bem pelo dote pecuniario de Palmyra ; pelo outro, ainda mais bonito que ella trazia em pureza, innocencia e formosura, valeria a boa vontade com que o noivo aceitasse as estreitas e rigorosas condições, que eu lhe ia impor ao casamento. E nesta ultima parte estava o ponto mais delicado da questão ; para realizal-a, sem futuros prejuizos dos meus planos de absoluto dominio sobre elles, dispunha-me a empregar todo o esforço e toda a astucia de que eu fosse capaz ; pois, em consciencia, a verdade era que outro homem já não queria eu, nem já me convinha, para cavalheiro de minha filha ou para gerador de meus netos, porque outro com certeza não descobriria eu em condições naturaes tão boas e perfeitas como Leandro. Até a sua propria mediocridade de intelligencia se me afigurava o bello complemento

da sua perfeição de animal humano:—o talento elevado a certo gráo é sempre, no amor, uma anormalidade perigosa. Achava-o cada vez melhor e mais proprio para bom marido; achava-o, além d'isso, muito sympathico e attrahente; achava graça naquelle seu typo moreno pallido, de olhos muito azues e cabellos muito pretos; até mesmo o crespo sutaque inglez, que a principio lhe estranhei e me fazia torcer o nariz, agora achava eu que lhe ia bem com o sonoro metal da sua voz masculina e forte.

Entretanto, não me convinha de modo algum que elle alcançasse com facilidade a certeza da posse de minha filha. Affastava-os intencionalmente; começava a representar, entre elles dous, o terrivel papel de linha divisoria, de linha sanitaria, estabelecida em guerra contra os traiçoeiros inimigos das suas illusões de amor. Ah! quanto me custava, e quanto me aprazia ao mesmo tempo, esse altruista e odioso mister de dedicada perseguição! Quanto eu me sentia ir ficando sogra! Mas estava disposta a não me arredar um passo do meu programma, ainda mesmo tendo mais tarde de entestar, como já esperava, com

a colera de meu genro e com as lagrimas de minha filha.

Seria muito preferivel, em todo o caso, que ella chorasse dessas lagrimas de illusão, a ter mais tarde de amargar as lagrimas de desengano que chorei.

O namoro de Leandro ia se tornando tanto mais insistente, quanto mais era por mim contrariado. Só uma vez por semana lhe consentia viesse ver a desejada, nas noutes de recepção commum, como todos os outros nossos frequentadores; e isso bem percebia eu que o torturava cruelmente.

Vingava-se nas cartas; essas, consentia eu, fingindo ignoral-as. As cartas não podiam prejudicar, antes serviam, oppostamente, para manter firme a intensidade do desejo.

E as cousas assim corriam bem. Elle perseguia e cercava Palmyra por toda a parte e em todos os logares, no passeio, nos theatros, nas compras á rua do Ouvidor; mas, quando me via, antes de ver minha filha, perturbava-se logo, sem animo de vir ter comnosco e

contentando-se apenas em cumprimentar-nos com o chapéu. Coitado ! tinha-me medo !

Ah ! se elle soubesse todavia quanto o meu coração é bom !

Pareceu-me chegada a occasião de preparar o espirito de minha filha para a campanha já travada. Conversei largamente com ella. Fallei-lhe muito do seu casamento, não em tom de mãe ralhadora, mas no de amiga confidente ; fallei-lhe como se fosse apenas uma sua irmã mais velha. Palmyra felizmente comprehendeu e compenetrrou-se do louvavel alcance da minha norma de proceder. Disse-lhe claramente que a sua felicidade dependia daquelles alicerces ; e que ella me deixasse, a mim, parecer ás vezes impertinente e dominada por espirito de contrariedade ; que deixasse, confiante no futuro ; não era natural que estivesse eu em erro, porque toda a complicada architectura do edificio daquella felicidade tinha a sua base na experiencia dos factos essenciaes da vida domestica e no profundo estudo da desgraça do amor conjugal. Ella, ameigando-me contente, jurou que de corpo e alma se entregaria ás minhas mãos, e que nem só me obedeceria sempre, mesmo

depois de casada, como ainda havia de ajudar-me na execução dos meus designios.

Abraçamo-nos, satisfeitas e concertadas com aquella conferencia.

—Olha! disse-lhe, em remate. Asseguro-te é que, até hoje, mãe nenhuma pensou na felicidade de sua filha com tamanha dedicação, nem fez por ella os sacrificios que por ti affronto, minha Palmyra. O menos que me pôde acontecer é ser amaldiçoada por teu futuro marido, por quem aliás devia eu ter o direito de ser amada como verdadeira protectora. Ah! não me illudo neste ponto! Não procuro enganar-me—bem sei o que me espera!...

No dia seguinte a esta conversa, que sem duvida ia ter uma grande influencia moral no destino de minha filha, mandei preparar as malas e parti com ella para Petropolis, combinando entre nós duas que de nada se daria parte ao pretendente. Manobra de guerra! Queria provocar o inimigo. A minha retirada brusca era simples negação feita ao assaltante. Convinha que Leandro, desde logo, se fosse habituando ao meu systema estrategico.

Produziu effeito. Elle, tres dias depois, surgia-nos por lá, com um ar de hesitação so-

lerte e um grande ramo de camelias frescas. Recebi por minha parte a visita um pouco friamente, e nenhuma de nós duas insistio com ella para que se demorasse. O rapaz, logo á primeira despedida, foi-se, escabreado e vermelho de confusão.

Como no outro dia, encontrando-nos na rua, se embandasse comnosco para um passeio á Rhenana e declarasse que passaria o resto do mez em Petropolis, tócamo na manhã seguinte para a cidade, sem que elle dêsse pela nossa retirada. Palmyra tentára interceder desta vez pelo namorado; arriscára mesmo a supplica de um dia mais de demora; eu, porém, cortei-lhe a palavra com um olhar, em que a pobre criança leu toda a inutilidade da sua pretensão.

Foi um mez depois disso que se deu o pedido de casamento.

Era domingo; tinhamos acabado de jantar e haviamos passado para o gabinete de trabalho que fôra de meu marido, quando, depois de ouvir parar um carro á porta da rua, veio o creado annunciar-me que o Sr Leandro,

vestido de casaca, estava á espera na saleta do corredor e desejava fallar-me.

Compreendi logo do que se tratava: Cezar já me tinha preparado ; mas nem por isso foi menos agudo o choque que senti no coração. Troquei um olhar com Palmyra, que abaixou as palpebras enrubecendo. Mandeí que o creado conduzisse o visitante para o salão, e disse depois a minha filha, cujo crescente sobresalto lhe fazia arfarem os seios, que se não nos apresentasse sem ser chamada ; passei-lhe com os olhos uma rapida revista da cabeça aos pés, fiz-lhe ligeiras correcções no penteado, dei-lhe um beijo, e sahi do gabinete.

O' meu Deus ! ia travar-se o grande momento, que de ante mão me fazia tremer de medo ; medo de que o ridiculo, num só instante, derribasse todos os meus castellos de mãe amorosa e sonhadora. O que iria passar-se naquella sala entre eu e o pretendente de minha filha?... Mas era preciso não hesitar no que estava por mim determinado, porque assim o exigia a felicidade della ! Entrei um instante no quarto do oratorio e, numa ligeira supplica, pedi coragem a Deus ; segui depois até ao tocador ; alizei melhor os cabellos sobre

as fontes, corri os olhos rapidamente pela roupa, e fui ter com a visita.

Entrei na sala vagarosamente, affectando grande tranquillidade ; havia, porém, de estar ainda offegante e pallida.

Leandro mostrava-se francamente commovido. Ao ver-me, precipitou-se ao meu encontro e balbuciou algumas palavras de cortezia, que lhe não passaram dos labios.

Fil-o assentar-se e assentei-me perto d'elle.

Com prazer notei que o bello moço, assim em alto traje, mais bello ainda me parecia. Tinha aparado a barba ; os dentes luziam-lhe como se fossem de um metal branco e polido, e os seus grandes olhos de saphira pareciam joias coruscantes. A casaca assentava-lhe muito bem, desenhando-lhe a cinta esbelta, fazendo sobresahir o seu busto altivo, e deixando em desembaraço a rica musculatura das coxas. E a commoção enriquecia-lhe mais o rosto com uma austera pallidez de marmore consagrado pelos seculos.

Depois que o meu espirito attingio o seu pleno desenvolvimento, sempre achei o ho-

mem mais bello que a mulher ; ou por outra : achei que a belleza do homem era mais valiosa que a belleza feminina, como de resto se observa geralmente nas varias especies de animaes inferiores.

A mulher tem encantos, mas o homem tem real belleza. Nos encantos da mulher ha todos os perturbadores mysterios da volupia terrestre, mas na serena e mascula belleza do homem ha sempre um que de divino e sagrado. Nenhum homem será capaz de impressionar-se pelos encantos physicos de uma mulher, sem que nisso entre o concurso dos seus sentidos ; ao passo que qualquer mulher pôde admirar um homem bello, sem desejar-o sensualmente. E' assim que nós mulheres amamos Jesus-Christo ; e se Maria, a formosa Virgem Santissima, não tivesse, para resguardar a sua enamoradora e fragil boniteza de mulher, a celestial e sacrosanta aureola de mãe de Deus, o que seria de ti, ó doce, poetico e venerando prestigio do Catholicismo ?...

Christo atravessa os seculos, todo nú, de braços abertos para a humanidade, e a sua nudez de homem jamais trouxe rubor de pejo

ás faces da donzella, nem accordou desejos no peito das mulheres.

Mas se despissem Maria das castas vestimentas que lhe escondem o divino corpo, ella deixaria de ser a piedosa e candida rainha dos ceus, e seria Venus, a deosa do amor e do peccado.

Estas considerações fil-as eu defronte do homem a quem minha filha chamava, de braços abertos e labios postos em beijo atravez das alvas e rendilhadas petalas do seu leito virginal—grande lyrio branco, embalsamado e puro, que franqueava a sua urna de amor ao resplandescente insecto fecundante.

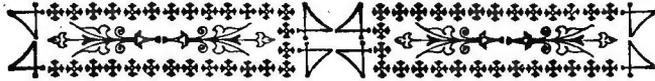
Palmyra tinha inteira razão em chamal-o e desejal-o com tamanho amor : um homem perfeito como aquelle é a melhor obra de Deus. A mulher, essa lhe é tão inferior, em todos os sentidos, que não chega a ser o seu par, mas um simples complemento d'elle. A perfeição da mulher não é absoluta, como a do homem, é relativa. Se o homem tivesse sempre a comprehensão justa do seu proprio valimento e da sua superioridade, havia de ser para a pobre mulher muito melhor do que é com effeito ; seria verdadeiramente o seu protector moral,

o seu bom e paternal amigo, e não o seu egoísta e sensual adversário. E quando um homem se collocasse, como muita vez succede, ao nível da fraqueza de uma mulher, para enganar-a de igual a igual, teria vergonha e remorsos de haver com isso commettido a mais degradante covardia que é possível no seu sexo. Se esse poderoso, bello e adorado animal, que tem forma de Deus, e que nos governa brutalmente, comprehendesse a responsabilidade da sua força — quando um homem de trinta annos conseguisse illudir uma rapariga de quinze, elle, e não ella, é que ficaria deshonorado.

— Minha senhora... balbuciou Leandro, afinal, vergando-se para fallar-me de mais perto.

E eu interrompi meus pensamentos, para escutar-o. E inclinei-me tambem, dizendo a meia voz:

— Estou as suas ordens, amavel senhor. Póde dizer qual é o motivo da sua visita...



XIII

— Antes de fallar, minha senhora, no delicado objecto que aqui me traz... principiou Leandro, com a voz um pouco alterada, preciso da previa garantia do seu perdão, sem o que não terei animo de commetter semelhante atrevimento...

Auctorisei-o a que fallasse e prometti a minha indulgencia.

— Imagine, minha generosa senhora, continuou elle, imagine como devo tremer em sua presença... Juro-lhe que, se o meu amor não me merecesse todos os sacrificios e não me tivesse roubado a razão, não commetteria eu a loucura, a temeridade, o crime talvez, que estou agora perpetrando...

— Continue, accudi, sem modificar a minha physionomia.

— Imagine, minha senhora : eu, que nada sou; um pobre diabo sem passado e sem futuro, filho de uma união irregular, atrevo-me a vir pedir-lhe me conceda tudo o que ha de melhor no mundo ; tudo o que ha de mais puro, de mais bello, de mais idéal ! Imagine que eu, um desgraçado, tenho o desvairamento de pedir-lhe a mão de...

Hesitou, abaixando os olhos. Compreendi que, a menor palavra de recusa, o pranto rebentaria delles com violencia.

— O senhor está auctorizado por minha filha a fazer-me semelhante pedido? perguntei-lhe depois de uma pausa, em que ouvia a larga respiração d'elle.

— Sim, minha senhora.

— E, no caso que obtenha o meu consentimento, estará o senhor disposto a fazel-a feliz, como eu o entendo ?

— Juro ! exclamou o rapaz.

— Não ! não jure ainda, sem primeiro responder-me, se já sabe como é que tem de a fazer feliz...

— Minha senhora, volveu Leandro, rea-

nimado por estas palavras e approximando a sua cadeira para mais perto da minha, ainda ha pouco não pôde entrar em pormenores, nem disse quasi nada do que trago a intenção de dizer... V. Ex. comprehenderá sem duvida o meu estado de commoção...

— Sim. Falle.

— Minha senhora, eu adoro sua filha, e sei, e sinto, e afianço, que nunca mais amarei assim outra pessoa em toda a minha vida! Juro que...

— Não! — interrompi — Não prometta coisa nenhuma! Falle só do presente; deixe lá o futuro que a Deus pertence! Quem pôde nesta vida determinar com segurança alguma coisa futura?... Pois se pelo passado, que já está vivido, nem sempre podemos responder, porque elle ás vezes nos foge da memoria, como quer o senhor legislar sobre o porvir, ainda todo incerto? Falle-me do presente!

— Tem razão, minha senhora, e consinta que eu prosiga: Amo loucamente a senhora sua filha e só com ella posso comprehender uma união eterna... Mas, V. V. Exc. são ricas e eu sou pobre... ganho pouco; esse pouco, porém, chega com economia para duas pes-

soas resignadas... Entretanto, se ella propria me não tivesse jurado acceitar com satisfação o sacrificio de partilhar da minha pobreza, não faria a V. Exc., nem por pensamento, o temerario pedido que acabo de fazer. Desejo que V. Exc. me conceda sua filha, sem outro dote além das virtudes que a ennobrecem e além dos seus encantos pessoaes...

Eu sorri. Não sei se era sincero o que elle dizia. Talvez fosse, porque a mocidade é quasi sempre generosa e o primeiro amor é leal e adora o sacrificio. Mas a idéa, de consentir que minha filha partilhasse do magro ordenado de um amanuense de secretaria, pareceu-me infinitamente extravagante.

Já se vê que entrava no meu sorriso um pouco de vaidade; qual é, porém, o nosso acto social em que a vaidade não entre em grande ou pequena dôse?

— Senhor José Leandro de Oviedo, declarei-lhe formalmente—o dote de minha filha pertence a minha filha. Delle partilhará a pessoa que se casar com ella; e se della tiver filhos, herdará de mim, como a esposa, o que eu por minha vez herdei de meus paes, de meu sogro e de meu marido. Isso é questão.

assentada e nem é disso que convém tratar aqui. Entendo que tanto pôde dignamente um moço pobre casar com uma moça rica, como um rico dar a mão de esposo a uma pobre, desde que essa união seja inspirada no interesse do amor e não no interesse do dinheiro. As idéas a isso contrarias são cópia de mal entendido orgulho do homem. Entendem elles que uma mulher deve acceitar tudo das mãos do marido, e que este no emtanto fica humilhado recebendo iguaes beneficios da mão da consorte. Não é má essa moral! Que o homem faça do casamento um meio de enriquecer, acho indigno, como igualmente acho se o fizer a mulher; se o consorcio, porém, não fôr obra do dote e sim do amor, nada mais curial que os dous dividam amigavelmente entre si o que um delles possúa, e que vivam felizes. Mas, graças a Deus, tanto minha filha como eu, somos bastante ricas para nos não preoccuparmos em saber se o noivo delia traz ou não traz bens de fortuna; mesmo porque o casamento de Palmyra não será um casamento vulgar, e cousas muito mais serias que o dinheiro têm de ser discutidas nesta occasião, aqui entre nós dous. Ponhamos pois de parte

a questão pecuniaria. Não se persuada, todavia, o senhor de que, por não trazer dote, esteja dispensado de dotá-la. A retribuição que exijo é de outra espécie, mas não é por isso menos valiosa que o dote della...

— V. Exc. tenha a bondade de dizer o que exige de mim. Seja o que fôr, estou prompto a cumprir! E o que não faria eu para alcançar tão grande e sublime premio?!

— Pois responda ás perguntas que lhe vou fazer...

— Estou inteiramente ás suas ordens, minha senhora.

— O senhor ama minha filha tanto quanto diz?

— Juro que a amo tanto quanto é possível!

— E será capaz de um grande sacrificio para obtel-a em casamento?

— Desde que não seja um sacrificio de honra... estou disposto a tudo!

— Não, não é um sacrificio de honra, e antes de proseguir, declaro-lhe que minha filha é pura, perfeitamente pura!

— Posso então jurar que, seja qual fôr o sacrificio, eu o farei, minha senhora!

— E como me provará o senhor que é um homem de honra, para que sua palavra me sirva de garantia?

— Póde V. Exc. indagar a meu respeito de todas as pessoas que me conhecem. Até hoje tenho sido um homem honrado; nunca faltei á minha palavra, nem commetti acção que pudesse desdourar o meu character...

— E como garantir a sua palavra?

— Posso assignar um documento, um titulo de honra. Aceito as condições que V. Exc. exigir...

— Pois então o senhor assignará uma declaração, formal e precisa, dirigida á policia, dizendo que a ninguem devem attribuir a auctoridade da sua morte, porque foi o senhor mesmo que pôz termo aos seus dias. E empenhará commigo a sua palavra de honra em como a ninguem revelará a existencia desse documento; documento que será reformado de tres em tres mezes. Aceita?

— E é esse o sacrificio que V. Exc. exige de mim?... perguntou Leandro, a sorrir.

— Não, respondi eu, muito séria — isso é apenas a garantia da sua palavra e da minha impunidade, caso tenha eu, algum dia, de eli-

minal-o para sempre de minha familia. Esse documento só servirá na hypothese de que o senhor falte ao cumprimento de sua palavra, porque então, juro-lhe que o farei matar...

—Ah !

—Sem duvida. E ainda está em tempo de voltar atraz. O senhor ainda se não comprometteu commigo a cousa alguma.

— Recuar ? Acha V. Exc. que eu possa recuar, desistir da unica felicidade que ambiciono neste mundo ? !

—Pense bem, antes de responder...

—Não ha que pensar ! Uma recusa em nada me adiantaria ; V Exc. dispõe já de minha vida ; tem-n'a fechada na mão ! Tanto vale dar-me a morte, negando-me sua filha, como me fazendo assassinar.

—O senhor só será assassinado se não cumprir com a sua palavra...

—Tenha a bondade de dizer o que exige de mim...

—E' pouco. O senhor, depois de casado com minha filha, não cohabitará com ella ; o senhor morará só, numa boa casa, bem servida e bem mobiliada, que porei ás suas ordens ; ao passo que Palmyra continuará a re-

— Sidir em minha companhia e só estará com o marido o tempo e as vezes que eu consentir. Serve-lhe ?

— Mas eu terei então de viver separado de minha esposa ? !...

— Separado totalmente, não. O senhor poderá vel-a e estar com ella frequentemente, não digo todos os dias, mas quasi todos. Prometto mesmo que minha filha passará ao lado do marido um ou mais dias ; levo até a condescendencia a tolerar que fiquem juntos uma ou outra noite. Mas, desde que eu a reclame ou vá buscal-a, o senhor não poderá oppôr-se a que ella venha para a minha companhia.

— V. Exc. está gracejando com certeza... ou supporá que a minha intenção é privar-a de ver a senhora sua filha todas as vezes que quizer ?... Mas, se assim fôr, valha-me Deus ! não vejo razão para não morarmos juntos !...

— Não ! não ! Não estou gracejando, nem admittirei, nunca, que o senhor móre conosco. Nunca ! E só consinto no casamento, sob as condições expostas. Se ellas lhe convêm, o senhor passará o documento, e minha filha será sua esposa...

— Mas, permitta, minha senhora, que...

— E' inutil, senhor, toda e qualquer reclamação. Repito que só consentirei no casamento de minha filha com o senhor, ou seja com quem fôr nas condições apresentadas. Se quer algum tempo para reflectir, póde retirar-se ; dou-lhe quinze dias.

Leandro, que agora parecia ouvir minhas palavras como ouve um condemnado a sentença de morte, apertava os labios, franzia as sobrancelhas e cerrava os punhos, mal contendo a sua agonia. Afinal, disse com o ar submisso e a voz resignada :

— Para que reflectir, minha senhora ?... Estou disposto e estou prompto para tudo. Aceito o compromisso !

— Pois ahi, na saleta ao lado, declarei, erguendo-me da cadeira—encontrará o senhor papel e tinta ; passe o documento pela minuta que lhe vou dar. Já a tenho escripta. Com licença.

E sahi da sala, para ir buscar a minuta á gaveta da minha secretaria, e principalmente para respirar, no alivio daquella solução.

Ah ! felizmente estava passado o grande escolho !

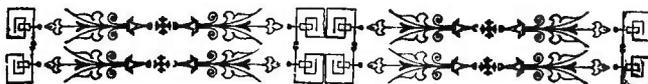
De volta fui ter com Palmyra. A' minha

primeira palavra, ella declarou, enrubecendo e sorrindo, que ouvira toda a minha conversa com Leandro.

— Bisbilhoteira !... E o que tens tu a observar ?... perguntei-lhe.

— Eu ?... Mamãe bem sabe que sempre acho bem feito tudo o que a senhora fizer...

Dei-lhe um beijo na testa e voltei ao salão, depois de fazer-lhe signal que podia vir tambem.



XIV

Ai, quanto me custou a levar a cabo aquella singular conferencia com meu futuro genro!... Como devia eu parecer-lhe caprichosa e ridicula!... Mas está claro que não havia de sacrificar minha filha a um falso escrupulo de momento, a um miseravel egoismo de minha vaidade pessoal. Seria covardia indigna de mim — abandonar, á primeira difficuldade da campanha, todo o meu trabalho de tanto tempo, e comprometter para sempre a felicidade de Palmyra e por conseguinte a minha propria.

Depois do pedido, principiamos logo a cuidar dos aprestos para o casamento. Mande preparar a casa do noivo, e dispuz com

todo o esmero, lá em minha residencia, os aposentos destinados á noiva. Eu e minha filha acompanhámos as obras com igual empenho e dedicação. Tanto em uma casa como na outra, tudo se fez para o completo conforto de um par; dir-se-ia que se tratava da accomodação, não de um, mas de dous casaes.

Para meu futuro genro destaquei um pequeno e galante predio que possuimos em Botafogo; ficou excellente depois de bem mobiliado e guarnecido com esmero. Para minha filha mandei arranjar, lá em nossa casa nas Lorangeiras, onde ella nascera e onde eu habitava havia vinte e dous annos, uma sala, uma larga alcova de casados, um quarto de estudo e oratorio, outro de vestir, e um commodo de toucador e banho; tudo isso independente, por modo que ella ficasse em liberdade e pudesse ter as suas entrevistas com o marido, quando as não realisasse em casa d'elle. Ficou tudo muito bom.

Os enxovaes tambem foram aviados em duplicata, á excepção, bem visto, do vestido da noiva. Em qualquer das duas habitações podia um casal installar-se commodamente. Minha

filha palpitava de alegria no antegosto do seu amor, e eu sentia-me feliz por vel-a feliz ; mas ninguem poderá calcular a dóse de energia e a constancia de character que tive de pôr em acção, para impedir que o noivo interferisse e se intromettesse nestes arranjos domesticos, e não estivesse sempre encarrapichado ás nossas saias. O pobre rapaz queria tambem, como é de costume no Brasil, vir todas as noutes visitar a noiva e pespegar-se ao lado della durante o serão até o momento de servir-se o chá. Não faltava mais nada ! desalojei-o logo dessa pretensão, declarando que a ninguem recebiamos senão ás quartas feiras ; mas, o demonio insistio, recorrendo para vencer-me a todos os carinhosos recursos da adulação ; e afinal, reforçando suas supplicas com as de Palmyra, conseguiram os dous apanhar-me mais um dia na semana, que ficou sendo o domingo.

Só nas vespas do casamento permitti que se vissem todos os dias.

Por essa occasião realisamos os tres, e mais o meu velho amigo Cesar, um bello passeio á Floresta da Tijuca.

Ao despontar do sol estávamos já á raiz da serra. Levávamos farnel e um creado para tomar conta delle. Deixamos na cocheira daquelle ponto o carro que nos conduzio até ahi, e tomamos, para subir a formosa cordilheira, uma victoria de dous logares, onde eu iria com Cesar, e em cuja boléa o creado se arranjaría com o farnel. Palmyra e Leandro tinham, promptos á sua espera, dous cavalloos escolhidos.

Era outubro, e a manhã sahira-nos encantadora. Foi deliciosa a subida até ao alto da serra, por entre as vegetações e os penhascos da estrada, ao primeiro transbordamento do dia. A quaresma e a sucupira abriam ja, na sombra azul das mattas, flores roxas e amarellas. Inebriava o espirito deslizar suavemente naquelle vasto rescender de aromas resinosos, ao hymno matinal dos campos, que se iam, ainda mal accordados dos seus sonhos côr de opala, preguiçosamente desnevoando á dou-rada fulguração da luz nascente.

Não nos quizemos deter na Cascatinha, e continuamos a subir para a Floresta.

A Floresta ! Ah ! quantas recordações não tinha eu desses logares, onde tantas vezes pas-

seiei pelo braço de Virgilio, antes do nosso casamento, antes da nossa desillusão, quando eu ainda o amava com amor de mulher ! Cezar, ao meu lado, no carro, parecia tambem esquecido nas suas saudades, porque ia abstrato e mudo, olhando fixamente o mysterioso horizonte de verdura, com as mãos sobpostas ao queixo e firmadas no castão da sua bengala.

Palmyra e Leandro seguiam adiante, cavalgando emparelhados, a rir e a conversar, garrulos e donairosos. Ah ! esses não ficavam quietos e calados um só instante, porque iam vivendo do presente e do futuro. Avançavam a galope, resplendentes e soberbos no orgulho do seu amor e da sua mocidade, sem volver para traz os olhos enamorados ; alheios ao passado, alheios a tudo, encarando com desdem o resto do mundo, como do alto da montaria olhavam no caminho as pobres cambachilras, que esvoaçavam escorraçadas fugindo e gralheando á sua victoriosa passagem.

Penetramos no coração da Floresta. Minha alma, de commovida, abriu-se de par em par, num extasis constricto, num doce e profundo enlevo religioso. Tive vontade de

ajoelhar-me á sombra das velhas arvores, e chorar.

Como eu te amava ainda, casto paraizo das minhas saudades ! ó minha querida floresta ! Não tinhas, como eu, envelhecido, odorante e sombrio templo de verdura ! encontrei-te moça e garrida como te deixára, e como a mim tinhas visto, dantes, muito dantes, á flôr da minha juventude ; o que agora te não achei foi tão minha amiga, tão minha confidente e tão communicativa como dantes. Eras alegre, paraizo ! achei-te triste !

Não ! já não eras para mim o mesmo eden carinhoso e sorridente, que com todas as tuas vozes me fallavas de amor e de vida ! Reconheci as tuas mysticas estradas murmurantes ; os teus brancos caminhos serpeados entre montanhas de velludo verde ; as tuas arvores patriarchaes, de longas barbas venerandas, em que se engrimpam e dependuram orchideas e parasitas ; o teu lago quieto e melancolico, em que as taquáras e samambayas se miram furtivamente, por entre a esparsa e mergulhada cabelleira das algas e nenuphares ; reconheci a musica plangente das tuas aguas rebatidas, de cascata em cascata, a

sombra amoravel e doce das tuas grutas escondidas ; reconheci tudo isso, todas essas paragens encantadas ; mas já não eras a mesma para mim, Floresta, que me embalaste os sonhos de esperança !

Oh ! como Palmyra nesse mesmo instante devia achar-te alegre, triste Floresta ! Triste e morto paraíso de saudades !

— Em que scisma, minha amiga ?... perguntou-me Cesar, tomando-me uma das mãos.

— No mesmo em que você pensava ainda ha pouco — no passado.... Scismas de velho !...

E suspiramos ambos, desconsoladamente.

Voltei desse longo passeio, de um dia inteiro, com uma fria impressão de tristeza, que se não dissolveu em lagrimas, mas que enlutou de sombras dolorosas o meu velho coração de mulher.

E commigo foi sempre assim, muito antes mesmo da velhice. A contemplação de bellas paizagens como a da Floresta, as grandes obras de arte, a musica principalmente,

deixavam-me na alma um amargo resaibo de melancolia insolúvel. Attribuia isso, então, ao facto de nunca ter sido, em nenhum tempo de minha vida, completamente feliz. Essa tristeza era como que, não a saudade, mas a desconsolação de quem entrevio, comprehendeu e sentio a ventura natural do viver inteiro e completo, sem nunca poder attingil-a, sem nunca lograr desfructal-a : e que, depois, já na velhice, se acha afinal sem esperanças de gozal-a ainda algum dia, nesta, ou noutra qualquer existencia. Era o flebil resentimento de um pobre coração espoliado e vencido.

E já agora confesso tudo : cheguei a ter uma incogitavel ponta de inveja por minha filha... Mas não invejava a noiva, invejava a felicidade de mulher que a esperava, feita e preparada por mim. Ah ! eu não tivera mãe, como ella me possuia !...

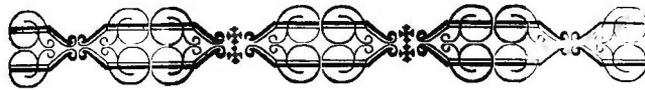
Entretanto, não me fartava de contemplal-a, embevecida de amor materno ; e não me cansava de rever-me na sua paradiziaca ventura, achando-a mais feliz com seu amado, neste paraizo, do que no outro extincto os primitivos amantes ; que esses, ai d'elles ! só chegaram a conhecer o amor pelo prisma da

maldição e do peccado. Contemplei-os, feliz na minha inveja, bellos como estavam, minha filha e meu genro, naquelle passeio á Floresta da Tijuca! Como a inteira segurança da ventura os fazia monarchas absolutos da vida! Ainda agora, enquanto escrevo estas linhas á luz do meu candieiro de trabalho, tenho-os nitidamente defronte dos olhos, como os vi nessa linda tarde, depois do almoço, na gruta dos Dous Irmãos. Como eram um lindo par! Elle, com a sua roupa de montaria, assentado ao lado della, fustigava com o chicote a pedra em que estavam ambos; Palmyra, mais esbelta na sua amazonas azul ferrete, escutava-o sorrindo, com os olhos fitos nos d'elle. E entre seus labios, que nunca até então se tinham juntado, havia sempre, no murmurio das palavras um sussurrar de beijos.

E vendo-os assim, tão intimos, tão confiantes um no outro, tão seguros da sua eterna felicidade e do seu eterno amor, lembrei-me do meu tempo de noiva, lembrei-me das minhas esperanças, e logo tambem das negras decepções que sobrevieram ao meu casamento. Oh! se eu não estivesse alli, para interpôr-me

entre elles e separal-os quando fosse preciso, aquelle par, tão harmonioso, tão sinceramente unido pelo amor ; aquelles dous entes, tão talhados um para o outro, como eu parecia ter sido para meu marido, seriam no fim de algum tempo, se não tivessem reagido logo, fugindo cada um para seu lado, dous miseros infelizes, dous perdidos para a vida, dous inimigos rancorosos, condemnados a viver na mesma casa, a comer na mesma mesa, a dormir na mesma cama!

Quão differente fôra a minha existencia, se eu tivera possuido alguém capaz de fazer pela minha felicidade um pouco do que eu fazia pela felicidade de minha filha ! Oh ! mas só mesmo um coração de mãe seria capaz de tanto, e só elle conseguiria as cousas extraordinarias, que ainda tenho a revelar nestas sagradas paginas.



XV

Já proximos do casamento, consultei Leandro a respeito do seu futuro e aconselhei-o a que deixasse o emprego publico pelo commercio. Eu me compromettia a ajudal-o e me encarregaria de encaminhar as cousas, no caso que elle acceitasse o meu alvitre. Cezar, que dispunha de boas relações na praça, tomou a seu cargo descobrir um socio que conviesse ao rapaz. Eu entraria com a metade do capital, escondida atraz da firma de meu genro; a outra metade sahiria do dote de Palmyra.

O generoso medico, para quem minha familia não tinha segredos, tomava crescente interesse pelos noivos. Seria elle um dos pa-

drinhos de Palmyra. Enthusiaslava-o aquelle casamento, assim levado a effeito contra todas as damnosas praxes convencionaes; prefigurava-se-lhe o meu original proceder alta licção domestica, e dizia que a minha firmeza, em realisar o difficil plano concebido, dava uma bella cópia da energia do meu character, e havia de produzir obra de grande alcance sobre a futura orientação da vida conjugal. Fazia-me vaidosa o bom amigo! E começou a empenhar-se por Leandro com tão boa vontade, que o rapaz podia dizer encontrára nelle um pae melhor que o verdadeiro. Foi Cezar, emfim, quem moralmente o preparou para representar, junto de Palmyra, o papel que eu lhe havia designado; sem essa intelligente e perseverante ajuda, não sei se teria conseguido chegar, victoriosa, ao fim da minha empreza.

Leandro pediu a sua exoneração do emprego publico na mesma semana do casamento.

Este foi num sabbado, ás cinco horas da manhã, sem pompas e sem ruidos; era nada mais que o meio de cohonestar o namoro de Leandro com minha filha. O seu estado de

noivos continuava por bem dizer como dantes; simplesmente, já desposados, gosavam de mais liberdade entre si, e poderiam, á sorrelfa, ir mais longe nos seus galanteios. Quiz, intencionalmente, crear-lhes um transitivo periodo de beijos furtados e desejos mal contidos. Isso era necessario. Seria preferivel essa iniciação da sexualidade a deixal-os, conforme o costume, promiscuamente encerrados numa alcova, durante muitos dias seguidos.

E' torpe lançar na mesma cama, sem transição, um rapaz e uma donzella, que horas antes se tratavam ainda com certa cerimonia e só se amavam por palavras, olhares e sorrisos. O salto é muito brusco; ha de fatalmente perturbal-os. Reinará sempre mais vexame do que felicidade entre o casal que se vê duramente entalado na decantada lua de mel.

Não penso, todavia, com o Conde de Tolstoï, que o noviciado do amor seja analogo ao noviciado do vicio de fumar, e produza no iniciante as mesmas nauseas e os mesmos incommodos; males terriveis, que os pacientes, não obstante, disfarçam em ambos os casos, sem coragem para dizer francamente

que a lua de mel é uma repugnante tortura, e que o fumar não merece as honras de um bello prazer. Não ! o amor é natural, e por isso não deve causar nauseas, no começo, como no fim. A lua de mel, consoante nossas praticas, é que não é natural, e deve constringer tanto a noiva como o noivo. Ella fica mortalmente ferida no seu ingenito decoro de mulher, e no seu congenial pudor de donzella; e elle, naturalmente ainda mais timido que a sua companheira de supplicio, pois todo o homem, em questões de amor, é sempre mais timido que qualquer mulher, soffre revoltado pelo grosseiro e aggressivo papel de verdugo, que tem de representar contra uma virgem, pela qual, no seu enlevo de amante, daria a vida se fosse reclamada.

Além disso, nas cruentas vicissitudes do iniciamento conjugal, revelam-se na esposa naturaes manifestações que, por decoro, devem ser escondidas aos olhos de todo e qualquer homem, ainda mesmo que seja este o proprio consorte.

E' preciso, em honra da moral e do respeito á natureza, que a consummação do amor, venha, não ex-abrupto, mas como o fatal e ultimo

é de uma deliciosa e progressiva cadeia de ternuras ; é precisa que ella seja a extrema nota de um crescendo de beijos ; é preciso que esse momento supremo chegue naturalmente, chamado por todo o corpo, reclamado por todos os sentidos, e não decretado friamente por uma lei sacramental, numa situação adrede preparada pela familia dos noivos. Para que tão transcendente destino physiologico se cumpra, sem detrimento do pejo feminil e da dignidade virginal, é indispensavel que os dous agentes não tenham, no acto, absoluta consciencia, nem a menor preocupação de o consummarem ; é preciso que o seu arroubo amoroso haja chegado á loucura, depois de vibrada toda a escala de caricias, e lhes roube, nesse subito instante delicioso, a luz do julgamento e da razão ; e que os dous, na insania do seu desejo, sem juízo para reflectir, sem olhos para ver, esquecidos de tudo e cada um de si mesmo, se confundam num só desvairamento de volupia, e só accordem do seu transporte, e só dêem accôrdo do seu espirito, depois da ampla consummação carnal.

A crise amorosa, levada pelas caricias ao auge do desejo, attinge ás proporções do deli-

rio ; e esse delirio, essa momentanea inconsciencia dos actos praticados, é o véo providencial com que a natureza esconde, castamente, no supremo instante da victoria da carne, a nudez do homem aos olhos da mulher, a nudez da mulher aos olhos do homem.

Sem esse véo, que os envolve e os occulta á vergonha um do outro, o primeiro amor de uma donzella fica tão prostituido como esses frios amores que os libertinos compram no regaço das perdidas. Ao contrario do que disse S. Matheus, no versiculo 28 do seu livro, e com o que Tolstoi fecha o seu duro libello nihilista contra a propagação da especie, todo o contacto carnal, que não vier precedido de um desejo invencível, é immoral e vicioso. E, pois, todo o enlace de sexo, produzido exclusivamente pela fatalidade dos instinctos, sem intervenção absoluta da vontade moral, não é obra da creatura, e sim da natureza, ou de Deus, e como tal deve ser respeitavel e sagrado, seja elle na vida dos homens, ou na vida dos brutos, ou na vida das plantas ; ou, quem sabe ? na vida dos astros !

Haverá cousa mais repugnante e mais estúpida do que esse velho costume de preparar

a cama dos noivos? e cobril-a de flores, e cercal-a de obscenos cuidados? E mais: depois de um baile, depois de escandalosas formulas e cerimoniaes, em que entram véos brancos e grinaldas de flores symbolicas; e depois da vexatoria exposição das duas victimas a todos os olhares e intimos juizos dos convidados, conduzir a pobre noiva, toda paramentada, para o quarto que lhes destinam, para o tóro do defloramento, no meio de um ceremonial de palavras e gestos, trocados entre madrinhas e padrinhos; e depois — abandonal-a ao noivo, de quem se presume não haja nunca recebido uma caricia sensual; e deixal-os a sós, presos na mesma alcova, forçosamente distrahidos do seu desejo, a olharem-se um para o outro, sem ter nenhum o que dizer, que não seja affectado e banal; ella a tremer, intimidada pelo desconhecido e pelo terror do que a espera; elle constrangido e afflicto, por sentir-se fóra dos seus habitos regulares e longe do seu bem estar, e tendo de despir-se alli mesmo, defronte de uma virgem, e deitar-se com ella na mesma cama, e, afinal, tomal-a convencionalmente nos braços, em quanto a paciente, com toda a lucidez do se

espírito, entanguida e sarapantada de susto, em vez de pensamentos de amor, em vez do apocrypho «*Enfin seuls*», só rumina e babuja entre dentes esta phrase ridicula e medrosa: «E' agora !»

Então, haverá cousa mais repulsiva e mais barbara do que isto ?

Ainda hoje me dôem amargamente no coração as angustias que soffri na minha primeira noute de casamento, e juro, não obstante, que amava muito meu marido, e que, muito e muito, o desejei antes, nos meus enganosos sonhos de felicidade. Mas, quando me vi a sós com elle, fechada no mesmo quarto, o meu desejo unico foi fugir e pedir soccorro.

Toda aquella indecorosa encenação de amor ; todo aquelle cerimonial de que cercaram o meu thalamo ; todo aquelle desusado e insociavel luxo de que sobrecarregaram o aposento, illuminado por uma lampada de vidro azul ; e o luxo affectado e espectacular da cama, e o luxo intencional de rendas e fitas na camisa que me vestiram, e os calculados perfumes que me puzeram no corpo ; tudo isso, tudo me sobresaltava e me fazia nervosa.

De mais, o ar de Virgilio tambem me con-
strangia : elle não tinha nessa occasião as
suas maneiras simples, o seu ar franco e sym-
pathico de bom rapaz ; estava até esquerdo,
desageitado, procurando disfarçar o seu in-
vencivel embaraço.

A verdade é que nos sentiamos corridos
e vexados, comparecendo assim, um defronte
do outro, naquelle isolamento de alcova, mais
que os dous criminosos do paraizo, no mo-
mento do peccado capital. Prenderam-nos
alli dentro, para que ? Para uma cousa incon-
fessavel e ridicula, desde que não era natural-
mente provocada pelos transportes da nossa
mocidade, posta em jogo pelo amor. Não ti-
nhamos palavras um para o outro. Virgilio,
todavia, cahio-me aos pés, beijou-me as mãos
e agradeceu-me com bonitos termos—aquella
felicidade—que lhe era, afinal, concedida, de-
pois de tanto desejada.

Aquella felicidade ! mas eu sentia perfei-
tamente que tudo isso, affirmado por elle nessa
occasião, não era sincero ; dizia-o para dizer
alguma cousa, para dar qualquer solução
áquella scena difficil ; e o que eu lhe respondi
foi tão falso como o que elle me mentio. Se eu

lhe pudesse fallar com franqueza, se não fosse offendel-o confessar-lhe a verdade, dir-lhe-ia que, naquelle momento, o meu desejo era só, e só, que elle se retirasse da minha presença ; dir-lhe-ia que, naquelle instante, tudo dese-jaria, menos fazer a consummação carnal do amor que eu lhe dedicava.

E percebi claramente que Virgilio ia lan-çar-se nos meus braços, não por impulso do seu amor, aliás forte e verdadeiro, mas porque era essa a sua obrigação de noivo ; percebi claramente, e afixo, que, se elle pudesse sal-tar por cima d'essa noute difficil, sem tocar-me no corpo, e accordar no dia seguinte já fami-liarizado commigo, e já desopprimido do cons-trangimento que a nós ambos vexava—accei-taria essa graça como um presente do céu. E, no entanto, ia se despindo, affectando um grande empenho em achar-se ao meu lado, na cama...

Pobres de nós ! começamos a mentir um para o outro desde o primeiro dia do nosso consorcio !

E eu já não tremia ; sentia-me agora re-voltada, sentia raiva ! contra quem, não sei ; mas sentia odio, sentia colera. Não que me

repugnasse a idéa do primeiro contacto com um homem ; não que tanto me apavorisasse o segredo nupcial ; mas porque não caminhára até ali arrebatada pelas garras do meu desejo, arrastada pelos impulsos do meu sexo, e porque tudo aquillo grosseiramente desrespeitava o meu direito de vontade, rebaixava o meu character e offendia o meu pudor.

A minha noute de nupcias foi pois uma noute de sacrificios, nem só para mim, como sem duvida para meu marido. Não lhe compensára, de certo, tamanho constrangimento o complicado prazer, que por ventura lhe proporcionou o nosso primeiro contacto, no formal desempenho daquelle grosseiro enlace.

Não tive o menor goso ; tudo me fez soffrer, soffrer devéras ; não só no moral, como physicamente, e muito. Soffri e padeci, porque, na preocupação sobresaltada de esperar aquella noute, e no constrangimento e no choque daquelle primeiro encontro, assim tão cerimonioso, tão previsto e tão festejado, meu corpo, sem attingir o necessario gráo de appetite sexual, privou-se da indispensavel e be-

nefica lubrificação com que a natureza protectoramente habilita e prepara, em taes casos, os nossos delicados órgãos do amor. E essa falta transformou um acto, que devia ser bom e natural, em verdadeira violencia. Fez-me doer; fez-me chorar.

Apezar de toda a minha ingenuidade de donzella, comprehendi que não era aquillo, com certeza, o que a natureza queria desempenhado; não era aquillo o que todo o meu corpo adivinhava depois da puberdade, reclamando-o com delicia, e enchendo-me os sonhos de amorosos enleios voluptuosos, em que o espirito se me aniquilava e só a materia palpitava de goso. Não! alli, naquella terrivel noute, a minha razão não succumbio, nem os meus proprios sentidos tomaram parte na vergonhosa pugna; fiz-me paciente resignada, conscia de estar cumprindo uma obrigação penosa, afflicta por ver-me livre de semelhante sacrificio. Que fosse o verdugo meu marido, fosse Virgilio ou qualquer outro homem, ser-me-ia igual, porque não era o amor que lhe votava o que me retinha pregada áquella cruz, crucificada naquelle pomposo leito de dores.



XVI

Só mais tarde comecei a achar prazer nas ligações com meu marido; os primeiros dias foram horríveis. Ainda me lembro do calafrio de medo que tive na segunda noite, quando elle quiz recommençar a campanha da vespera.

Para evitar a minha filha todo esse ridiculo infortunio, entendi e resolvi que ella devia entrar na sua vida de casada sem «pagar patente» com a classica «lua de mel». De sorte que, na mesma manhã do casamento, achando-se já tudo disposto, carreguei com os noivos para a fazenda de um amigo meu, no interior da provincia, a qual de ante-mão me fôra franqueada. A fazenda estava entregue apenas aos cuidados do feitor e da escrava-

tura, enquanto os senhores passeiavam na Europa.

Acommodamo-nos por lá como nos foi possível, sem arranjos especiaes de quarto de noivos. Nada disso! Cada um tomou conta de seu aposento e tratou de si.

Durante a viagem de trem, e principalmente depois de chegados á fazenda, meu genro, que não deixava a mulher um só instante, furtava-lhe beijos sempre que eu me affastava delles, ou quando me suppunham muito distrahida. Não os perseguia, nem rondava, mas também não lhes facilitava occasiões para os arrulhos. A gente da casa não sabia se elles eram irmãos, ou primos, ou casados, ou noivos, ou simplesmente namorados. O quarto de Palmyra era distante do quarto do marido, e entre os dous estava o meu. Esta disposição foi intencionalmente estabelecida por mim: se elles com effeito se sentissem arrebataados um para o outro, o proprio desejo havia de approximal-os de qualquer modo, não era absolutamente necessario que os fechasse eu dentro da mesma prisão, como fizeram commigo e Virgilio, e como se faz com as cadellas e os cães de raça que têm de procrear.

Como elles se uniram pela primeira vez, em que occasião e em que circumstancias, só vim a saber mezes depois, narrado commovidamente por minha filha, que até hoje guarda a mais doce, a mais poetica e consoladora impressão desse momento de completa felicidade.

Nem foi em casa, foi num sombrio, ignorado canto da matta deserta, sitio protector de outros amores, de cujos suspensos ninhos partiam biblicos duettos de ternura. Não foi sobre colchas bordadas, nem lençóes de renda adrede preparados, mas no regaço carinhoso da floresta, ao casto e lascivo respirar da natureza, na confiança maternal da terra.

Tinhamos chegado á fazenda ás onze horas da manhã, com tal fome que, mal nos desfizemos do pó da viagem, atiramo-nos ao almoço vorazmente. Almoço de roça, que são os melhores, porque são os que se comem com mais appetite. Depois, não pude resistir ao cansaço daquelle dia tão cheio, deitei-me, e quando accordei soube que minha filha tinha ido dar um giro pelo campo com o—namorado. Achei natural, e nada lhes notei na physionomia quando os vi de volta ás cinco

horas da tarde. Apenas uma cousa me impressionou suavemente, é que Leandro, ao entrar em casa, tomou-me as mãos com meiguice e deu-me um beijo na testa. Com esse beijo quiz elle naturalmente dizer que já era meu filho, mas na occasião não dei por isso, notei sim que as suas roupas, como os cabellos de Palmyra, respiravam cheiro de folhas verdes esmagadas.

Se eu reproduzisse aqui a descripção que della ouvi desse furtivo passeio ao fundo da matta virgem, deixaria entre estas pobres linhas uma vívida pagina de romance, mas como não sou romancista, nem estou fazendo litteratura, mas tão somente escrevendo uma justificação de meus actos de mãe e sogra, destinada a dous unicos leitores—minha filha e meu genro, nada direi do que então se passou entre elles, mesmo porque, a respeito de tal scena, é o caso de affirmar com segurança que os meus leitores a conhecem já melhor do que eu.

Foi no mesmo dia, e eu, tola que sou, imaginava ainda que os bregeiros esperassem, ao menos pela noute. E o mais curioso é que nunca percebi, mesmo depois, as vezes em que

elles se uniram. Durante o dia estavamos quasi sempre juntos; ás horas de recolher cada um ia para o seu quarto, depois de enchermos o serão a fazer musica ou canto, ou jogando cartas, até á occasião do chá; e durante a noute nunca ouvi o ruido de uma porta que se abrisse ou fechasse, nem senti passos na varanda, nem rumor de cochichos abafados nos aposentos della ou delle. Pódem gabar-se, os matreiros, de terem sido umas verdadeiras abelhas do amor.

Nessa occasião o meu empenho unico a respeito delles, era não deixar que faltassem ao preceito imposto pela Biblia no Levitico, vers. 19 do seu cap. XV, ficando ao lado um do outro durante o periodo condemnado. E assim foi. Logo que percebi a approximação da crise, mandei fazer as malas e determinei levantarmos acampamento na manhã seguinte, sem dar ouvidos ás supplicas e ás reclamações dos dous.

Meu genro parecia ter endoudecido com o facto, amou-se, resmungou, não quiz jantar; contentei-me pela minha parte em lembrar-lhe as condições do casamento.

Elle, sem se resignar de todo, recorreu

então aos meios humildes; tomou-me nos braços, beijou-me, pediu-me por amor de Deus que lhe concedesse mais uma semana de lua de mel, apenas uma semana!

Fui inflexível; se cedesse logo á primeira vez, estaria desmoralizado para sempre o meu programma.

A volta da fazenda foi por conseguinte quasi muda e muito triste. Palmyra chorava em silencio ao canto de um banco do wagon; o marido, ao lado della, de pernas cruzadas, sobr'olho franzido e dentes cerrados, não emitia palavra, nem desviava os olhos de um só ponto, a não ser para desferir de vez em quando, contra mim, um fulminante olhar de resentimento e raiva. Ia furioso!

E, já na cidade, lá em casa nas Larangeiras, as despedidas foram dolorosas.

Uma scena violenta!—phrases de maldição! Houve soluços por parte de minha filha; lagrimas por parte de Leandro. Sim, eu vi as suas lagrimas, elle é que não vio as minhas, porque lh'as não mostrei. No emtanto o meu pobre coração chorava: doía-me separal-os tão depressa. E quando os contemplei abraçados, a despedirem-se, com os rostos escondi-

dos no pescoço um do outro, o corpo de minha Palmyra sacudido pelos soluços, sem animo nenhum dos dous de largar dos braços o consorte, apertou-se-me tanto a alma, que, por pouco, não fraqueio e abro mão da disciplina, deixando-os ficar juntos o tempo que entendessem.

Felizmente, porém, não succumbi á momentanea fraqueza e tive alento para dizer ao rapaz, em tom sereno e já com a voz segura :

— Bom ! O caso não é assim tambem para tão grandes despedidas ! A separação não é tamanha ! Agora vae o senhor, meu estimavel filho, para a sua casa, e nós cá ficamos em nosso canto. Pode visitar-nos uma vez por dia, até nova ordem. Não durará muito a interdicção — descance ! Olhe : venha jantar amanhã comnosco... O Dr. Cezar deve estar ahi, e temos de conversar os tres sobre interesses commerciaes. Não venha antes das tres horas da tarde. Adeus, adeus.

E Leandro destacou-se com effeito para a sua casa, acompanhado pelos olhos da esposa, que não sahio da janella enquanto elle não dobrou a esquina da rua, depois de repetidos signaes de adeus de parte a parte.

Como passára meu genro essas primeiras horas de isolamento depois de quasi um mez de convivencia com a sua amada, só o soube muito mais tarde, repetido por minha filha, a quem elle no dia seguinte descreveu os seus tormentos. Ella tambem estava então inconsolavel; chegou a fazer-me biquinho. Eu, porém, tinha de sobra no meu amor materno segredos para o desarmar contra mim. Consolei-a o melhor que pude.

Mas que alegrão no outro dia, quando os dous se encontraram de novo! Dir-se-ia que a ausencia não fôra de vinte e tantas horas, mas de vinte e tantos mezes! Leandro accudio pontualmente á hora marcada por mim. Palmyra, ao perceber da janella que elle chegava, lançára-se com tal impeto pelo corredor, que não sei como não rolou a escada. Recebeu-o nos braços, chorando de alegria.

Elle trouxe-nos flores; beijou-me a face, como signal de que já não estava agastado commigo, e abraçou expansivamente o Dr. Cezar, que tambem fôra ao seu encontro com um calmo sorriso e uma amoravel phrase paterna.

E o nosso jantar foi o mais alegre que

tivemos até ahi. Abriu-se uma garrafa de champagne.

Foi bastante a separação de um dia para que voltassem ao casal todos os arrulhos de antes do matrimonio. Meu genro tocava com os pés, por debaixo da mesa, os pés de Palmyra, e segurava-lhe furtivamente a mão, e dizia-lhe em voz baixa seductoras palavras de amor, requestando-a de novo para um novo casamento.

Eram felizes. E eu me sentia tambem feliz, ao reflexo da ventura dos dous ; e sorria para Cezar, que esse bem comprehendia o alcance da minha felicidade e orgulhava-se de ter contribuido para ella.

A' meia noute dissolveu-se a roda. Leandro retirou-se com o medico, ficando ajustado que voltariam ambos no dia seguinte ás mesmas horas. O meu velho e querido amigo disse-me, ao sahir, por occasião de dar-me a mão;

— Vae muito bem ! Vae muito bem !...
Continue, Olympia !

— Creio que consigo fazer o milagre...
segredei-lhe, abraçando-o.

— Consegue, consegue tudo ! Você é uma santa, minha amiga ! Adeus.



XVII

Foi uma bella inspiração ter feito Leandro entrar para o commercio. Entrou com o pé direito. A casa a que elle se reunio começou, com o novo capital, a prosperar de um modo admiravel. Tornou-se rapidamente conhecido na Praça e conquistou logo bonito credito. A sua actividade e a sua intelligencia, aliás comuns, encontraram bom campo para exercitar-se, sem o menor prejuizo do seu systema nervoso.

Agora, já não lamentava eu que elle não fosse official de marinha. Reformára todo o meu julgamento a esse respeito, por deducções que exporei n.ais adiante.

Ao contrario do que succederia se Leandro fosse meu filho e não meu genro, alegrava-me

com ser elle simples negociante e não notavel artista, ou afamado escriptor, ou vulto illustre na sciencia. No exclusivismo do meu amor de mãe, teria até um grande desgosto se o marido de minha filha se revelasse, de um dia para outro, homem de talento singular e começasse a ser aclamado pelo publico. Deus nos livre ! — seria uma desgraça !

Nem fallar nisso é bom ! o homem de talento não pertence á familia, pertence á multidão, pertence a sua patria, pertence ao mundo, pertence ao seculo ; que sei eu ? pertence ao diabo, pertence a tudo, a tudo, menos á pobre mulher com quem cahio na perniciosa asneira de casar. Além do que, o constante esforço encephalico, para conceber e produzir grandes obras de arte, traz fatalmente consigo o precoce esgotamento nervoso ; o que, supponho, não preciso dizer que é de summa importancia na felicidade conjugal.

Se eu fosse homem, sacrificaria de bom grado boa parte da minha força nervosa pela gloria de ser um grande escriptor, ou um grande artista, ou um grande sabio ; se eu tivesse um filho daria promptamente, nem só minha saude, mas a vida, se em troca de tal sacrificio

alcançasse elle aquella gloria ; mas o que eu tinha não era um filho, era uma filha ; logo precisava de um «bom genro», de um bom marido para ella ; e queria pois que esse meu genro fosse talhado pelas conveniencias particulares de sua mulher e não pelas conveniencias geraes de qualquer homem.

Parece absurdo, mas não é. Absurdo é o protesto que alguns artistas fazem contra as competentes sogras, porque estas, na vigilancia do seu amor materno, se revoltam em guerra aberta contra o absorvente egoismo do talento delles e contra a absorvedoura preocupação das suas glorias individuaes, conscias de que nisso reside o terrivel inimigo da felicidade domestica da filha.

Não é raro ouvirem-se delles exclamações desta ordem :

« Vejam o que é ser sogra ! A minha já me declarou, face a face, que preferia fosse eu um homem vulgar, mas — bom marido — a ser quem sou, causando á filha, apesar do meu nome e do meu talento, as contrariedades de que ella se queixa ! Já particularisou até com toda a franqueza que preferia para genro um taverneiro estúpido, porém exemplar

como esposo, a mim ou ao mais illustre artista do universo !»

De certo ! Ellas têm toda a razão. Não comprehendem esses senhores sonhadores de gloria que a sogra, assim praticando, está perfeitamente dentro do seu programma de mãe amorosa, ao passo que elles, contrahindo casamento, trahiram o programma do seu idéal artistico, acceitando um novo idéal incompativel com o primeiro. E' impossivel viver de corpo e alma para a arte e para a gloria e viver ao mesmo tempo para a familia ! Desses dous idéaes um triumphará em sacrificio do outro. Ha uma cousa peor do que ficar eternamente solteiro—é casar, sem sentir aptidão para ser um bom chefe de familia.

«Quem não póde com o tempo não inventa modas» diz a sabedoria do povo.

A boa sogra, ou, por outra, a boa mãe, quer que seu genro seja um bom marido de sua filha e nada mais. Não é o talento, nem são as glorias delle que a interessam, mas é só a felicidade della. Para isso a boa mãe ou boa sogra procura agradar o genro, fazer-lhe as vontades, não contrarial-o, adulal-o até, levar-lhe a papinha á cama; mas não por elle pro-

prio, e sim porque tudo isso se traduz em beneficio da filha.

Leandro pois, ao meu ver, nada por si só representava ; valia muito, porém, desde que eu o julgasse como auxiliar indispensavel á felicidade de Palmyra. Por conseguinte, sob o ponto de vista do meu egoistico e extremoso amor materno, meu genro, quanto menos individualidade intellectual tivesse, tanto melhor para mim, porque tanto mais seria elle absorvido pela esposa.

A um genro basta a intelligencia apenas necessaria para não ser ridiculo e para não fazer maldades conjugaes por estupidez. Na familia, em que elle entra, e a qual fica addido, nunca poderá attingir no amor dos paes o primeiro plano, que esse pertence aos filhos. E' um auxiliar do amor, como certos artistas de ordem subalterna são os auxiliares dos artistas creadores, ou de primeira ordem. Um genro é para nossa filha o que o gravador é para o pintor original, de cujo quadro elle tira o seu desenho ; o que o cantor é para o compositor musical ; o que o actor é para o author ; o que o executor de estatuas é para o estatuario que as concebeu ; o que o mestre

d'obras é para o architecto, e o que o traductor ou o compositor typographico é para o escriptor. Do mesmo modo que o artista creador não pôde dispensar o artista auxiliar, porque precisa delle para o desempenho da sua producção, assim, nós sogras, não podemos dispensar o genró. Não o desprezamos, ao contrario—tratamo-l'õ com todo o carinho; mas o seu papel em nosso amor e em nosso interesse, nunca será o primeiro e sim o segundo, porque o primeiro pertence a sua mulher, que é nossa filha.

O que uma boa sogra tem a pedir ao genro não é estima, nem carinhos para ella; não é tão pouco que tenha talento ou seja um grande homem, é pura e simplesmente que lhe faça a filha feliz. Se o genro fizer isto, a sogra nada mais tem a exigir delle, e ha de ser boa por força de regra.

A sogra só é má quando a filha é infeliz com o marido, ou quando, o que é anormal, não sinta amor de mãe.

Não! para esposo de minha filha não quereria nunca um genio, nem algum heroe glorioso, fosse elle lá de que especie fosse;

para meu genro queria simplesmente um homem—um bom marido.

Pois bem : o negociante, segundo o meu novo modo de julgar, é quem melhor preenche esse idéal.

Vejamos porque :

O negociante, na communhão do trabalho e da lucta pela vida, representa apenas o commodo papel de uma machina de especulação movendo-se tão somente pela avidez do lucro pecuniario. Para abraçar e exercer a sua carreira, elle não precisou pôr em contribuição as suas forças nervosas, estudando um curso difficil e fatigante ; precisou nada mais do que exercitar-se materialmente na pratica do commercio. O individuo, sem technica ou habilitação para produzir qualquer trabalho, o individuo intellectualmente nullo, pôde abraçar, de um dia para outro, a carreira commercial, e pôde ser feliz. Não são raros os exemplos de negociantes ricos, considerados e poderosos, absolutamente analphabetos e razos de intelligencia.

A ignorancia e a vulgaridade intellectual são até requisitos indispensaveis ao bom exito dessa carreira, tanto quanto a illustração e o talento são qualidades negativas, porque os escrupulos, as susceptibilidades, a fidalga e generosa linha moral de um espirito superior e cultivado, representam serios impedimentos para o prompto alcance de successo na vida commercial.

E, se descermos á analyse do mercador de baixa escala, esse que por ahi se chama «negociante a retalho», então poderemos dizer que o homem de negocio é o que menos se gasta nervosamente no attrito do esforço commum, o unico que nada produz absolutamente, o unico por conseguinte que não trabalha, e no emtanto o que mais ganha e accumula dinheiro. Esses formam uma classe especial, e especial é o prisma por que tudo vêem. Até a sua supposta honradez é singular: Não pagar, por exemplo, uma conta ao dia e á hora certa, é para um negociante o acto mais deshonesto que se pôde commetter, mas furtar no custo de qualquer objecto vendido, ou enganar o comprador, impingindo gato por lebre, isto é simplesmente fazer bom negocio.

E tanto assim é que, esse mesmo traficante, que leva a illudir ao proximo todos os dias, a toda a hora, a todo o instante, quando encontra um mais velhaco, caso raro, que por sua vez consiga enganar-o, comprando-lhe qualquer objecto a credito e não pagando no prazo ajustado, revolta-se furioso e quer brigar, em vez de, por coherencia e por honra aos seus principios, atirar-se-lhe nos braços, exclamando: «Ora até que afinal, entre tantos tolos, encontro um esperto dos meus! Sejamos amigos!»

A honra do negociante é differente da honra dos outros homens. O militar, por exemplo, que não solver uma lettra no dia do vencimento, não fica por isso deshonrado, como não fica deshonrado o negociante que levar um par de bofetadas; mas, se invertermos os casos, tão deshonrado fica um como o outro. Isto quer dizer que a chamada honra do negociante não reside, como a de toda a gente honesta, na consciencia do respeito a si mesmo e na imputabilidade pessoal, mas no credito abstracto da sua firma ou da sua casa de commercio; por isso que elle, mesmo sem levar bofetadas, mas commettendo toda a sorte de baixe-

zas, enganando, mentindo, adulando o freguez para lesal-o, continuará a ser um «homem honrado», desde que pague em dia as suas contas.

O mais interessante, porém, é que a sociedade brasileira, nem só lhe dá acesso, como ainda o colloca no primeiro plano da sua primeira camada, emprestando-lhe, como para justificar-se desse erro, aos olhos dos que não são traficantes commerciaes, o titulo das duas qualidades que elle menos possui:— trabalhador e honrado.

Honrado trabalhador ! Mas trabalho quer dizer technica e quer dizer producção ; e o negociante não produz e só tem uma sciencia— a de enganar o incauto consumidor, para apanhar-lhe, como as cocotes, o dinheiro que puder. E eu, cá por mim, nesta questão de exploração e gatunagem, prefiro, com franqueza, e acho menos nocivo e mais sincero, o gatuno que rouba o relógio ao transeunte ou arrebatá um queijo da porta do sucio, porque esse é castigado pelo seu proprio aviltamento e arrisca a liberdade quando furta ; ao passo que o outro a nada se expõe e, em vez do castigo correccional, recebe em premio da

sua prospera ganância todas as honras e todas as considerações da nossa melhor sociedade.

Ninguém será capaz de apresentar-me o exemplo de um taverneiro que não furtar ou tenha furtado ; no entanto os proprietários prediaes, desta aristocratica cidade, preferem, para a indispensavel garantia dos alugueis das suas casas, a qualquer outra firma, a firma de um vendeiro.

Isto tudo para explicar que eu, quando fallo da conveniencia de ser o marido negociante, não quero dizer que desejaria para esposo de minha filha um taverneiro ou cousa que o valha ; mas um desses homens de acção e de actividade, que conseguem fazer da intelligente especulação do capital ou do credito um bom e rendoso meio de vida e de riqueza. Em abono da classe em geral, affirmarei que esses são incapazes de pequenos furtos e jamais sujam as mãos no cobre alheio, porque só tocam em ouro, e ouro não suja, como elles dizem, ainda mesmo que não seja nosso. São homens limpos, affaveis, em geral de boas maneiras, vivos, penetrantes e muita vez intelligentes. A um conheci eu, muito polido e galante, que conseguia casar com o seu hebraico e frio enthu-

siasmo pelo rei dos metaes certo calor de imaginação poetica. Esse dizia, sorrindo de volupia, que «o juro é o perfume do capital» e outras tantas cousas assim bonitas e inspiradas. Era um encanto ouvi-lo nos seus sonoros devaneios.

Na sua qualidade de mero especulador parasitario da producção scientifica, industrial, artistica, litteraria ou agricola, não passando nunca de avido intermediario entre o productor e o consumidor, o negociante não se esgota nervosamente, sem todavia deixar-se ficar em completa ociosidade, tão enervante e perniciosa como o excesso de trabalho intellectual; e por isso deve ser um excellente procreator. A mulher tem sempre a lucrar physiologicamente todas as vezes que o marido, em vez de trabalhos intellectuaes, execute serviços materiaes. O espirito perde, mas o animal aproveita. E a felicidade domestica, a despeito de tirar da imaginação o segredo de manter o entusiasmo do amor, bazea-se menos no espirito que na materia.

Não se supponha que, por ser material a vida do commercio, sejam materialistas os negociantes e sejam incapazes das illusões do amor. Não! o facto justamente do positivismo forçado da sua profissão, leva-os, por uma simples lei de contrastes, a buscar nas cousas idealisaveis o necessario repouso do pensamento. Os artistas, os philosophos e os poetas, esses sim, é que, fazendo do ideal materia de trabalho e cabedal de officio, precisam ser materialistas nas horas de descanso.

O poeta, quanto mais sublime e elevado fôr na sua obra, tanto mais prosaico e terrestre será na vida privada; ao passo que o burguez do commercio, depois de deixar o estúpido serviço, começa a viver para a phantasia e para o coração.

O poeta sonha quando trabalha e animalisa-se para descansar. O commerciante trabalha como animal e repousa com o sonho. Aquelle precisa deixar folgar o cerebro com a vida do corpo, e o outro dá folga ao corpo com a vida do pensamento.

E' por isso que todo homem de vida material detesta, em questões de arte, o naturalismo e a verdade, encontre-os na estatuaria,

na pintura, no romance ou no theatro, e adora o maravilhoso e o phantastico. São como as creanças.

O mercador do Brasil, quando não sonhe outras chimeras, com uma nunca deixa de sonhar—é a da commenda. E, mal a supponha realisada, começa a sonhar com o titulo de barão, e depois com o de visconde ou conde.

Ora, se o poeta, ou qualquer homem de talento só tem illusões dentro do seu idéal artistico ou scientifico, ao contrario do que succede ao homem de vida pratica, e, se para a felicidade domestica da mulher, é indispensavel a illusão do amor por parte do marido, segue-se que para este fim é preferivel entre aquelles o segundo e não o primeiro. E, como nos diversos ramos da actividade material, o commercio leva grandes vantagens sobre todas as outras occupações desse genero, conclue-se que o negociante é quem melhor preenche o idéal do esposo

— Então, a mulher só pôde ser feliz casando-se com um negociante? perguntar-me-ão talvez.

— Não digo isso; mas, com effeito, nessa

ordem de casamentos, é onde relativamente apparece menor numero de desgraças conjugaes.

Ha porém um ponto desta questão que jamais foi attendido e que merece todavia ser estudado de perto, porque destróe em parte as vantagens do negociante como esposo. Vem a ser o seguinte :

O typo do negociante em geral não é o de um homem fascinador. Além da falta de talento que o atirou para a vida material, faltam-lhe o habito e as boas maneiras da gente fina ; falta-lhe elegancia, bom gosto ; falta-lhe educação. Ora, succede quasi sempre que a gentil rapariga, ao passar das mãos dos seus parentes para os braços d'elle, entende fazer com isso um sacrificio á familia, porque, de si para si, já tinha naturalmente creado na phantasia um idéal de noivo muito differente do que lhe deram ; quando já não o tenha escolhido real e palpavel, mas em silencio, entre os estudantes academicos ou entre os poetas e artistas pobres.

O noivo adoptado pela familia é claro que será o prevalecente, e mais se o pae da moça fôr commendador.

Pois vejamos agora quaes são as tristes consequencias desse casamento, feito assim, só com a vontade do commendador pae e só com a vontade do futuro commendador genro. Admittamos, antes de mais nada, que a desposada é virtuosa e comprehende perfeitamente os deveres do seu novo estado, o que a torna incapaz de trahir o marido. E' esta a melhor hypothese. Ainda assim, o que succede?

Succede que ella, desilludida por aquelle casamento, que em nada veio realisar os seus sonhos de felicidade, resigna-se, mas sem fazer o menor empenho para tornar melhor e mais feliz do que a della a vida do esposo. Não o deshonra, mas tambem não lhe dá um só momento de verdadeira alegria e de verdadeiro amor. Elle, pelo seu lado, que esperava achar no matrimonio a realisação de uma continua felicidade, honesta e calma, fica por sua vez desilludido e desesperançado, e começa a ser desde então nada mais que um burro de carga daquella casa, que nunca foi o seu lar ou o seu ninho, pois que não se comprehende ninho ou lar sem amor.

Vem o filho, e a desventura domestica dos paes transforma-se então em novos ele-

mentos de desgraça para a geração inteira : A mãe, que até ahi conservou intacto o cabedal de meiguice feminil com que veio ao mundo, põe-se a adorar o bêbê e despeja-lhe de uma só vez, na tenra moleira, todo esse inestimavel thesouro de ternura, que ella trazia no coração para gastar durante toda a sua vida de mulher ; o marido, por outro lado, não tendo tido tambem até ahi com quem aproveitar o seu farnel de dedicação e de amor, porque encontrou a esposa sempre de peito fechado para recebê-lo, recorre ao filho, e começa a fazer d'elle o exclusivo objecto de todos os seus carinhos e exagerados desvellos. Se o pimpolho não desmedra e morre logo no berço, suffocado de beijos e abraços, qual será a consequencia desse excesso de mimos ? Será que a creança fica irremessivelmente estragada e perdida para todos os effeitos ; fica malcreada, voluntariosa, insupportavel de genio ; fica reduzida a um mimalho adulado pelo papá e pela mamã. E como o desvello por elle foi até ao ponto de o não deixarem correr e brincar em liberdade, e como sempre o trouxeram affogado em ondas de rendas e de fitas, e de fraldas e

cueiros; e como lhe não deixaram descansar o estomago das balas de assucar e confeitos e bonecas meladas, fica ainda o desgraçadinho tão minguado de corpo como de espirito.

E que homem pode vir desse mimanso? O pae, commendador, destina-o para doutor, está claro! mas, á proporção que o filho fôr crescendo, os mimos vão augmentando, e o infeliz ir-se á tornando peor, cada vez mais insupportavel para os estranhos, e cada vez mais adulado pelo papá e pela mamã. Como até então ninguem o constrangeu ao menor esforço ou dever de trabalho, ninguem obterá tambem d'elle que consiga aprender alguma cousa; ficará condemnado a ser um bello tolo; adquirirá vicios antes de ser homem; o seu curso academico, se chegar á academia, o que é natural porque é facil, será um curso de bebedeiras, de pandegas e de approvações obtidas a custa do aviltamento do seu character, ou do character dos paes. E o mimalho acabará fatalmente por apresentar ao mundo mais um especimen desses milhões de bachareis inuteis, pretenciosos e tristes, incapazes da obra mais insignificante, mantendo-se á custa da familia

ou da herança até á velhice, e só vivendo para desorganisar o meio em que vegetam.

Eis porque o negociante nem sempre convem para marido de nossas filhas.

E eis porque, para synthetisar a escala geral da familia brasileira feita pelos portuguezes, formei este axioma :

Paes—commendadores; filhos — bachareis; netos—mendigos.

Se outras razões não occorressem para promover eu a todo o transe a conservação do amor sexual entre minha filha e meu genro, só o facto de que o contrario seria nocivo a meus netos, mereceria de mim todos os sacrificios que áquella causa tenho até hoje dedicado.



XVIII

Com orgulho e com prazer declaro que a vida conjugal de minha filha ia por diante, desenrolando-se feliz. Meu genro continuava a morar sozinho em Botafogo e nós duas no bairro de Laranjeiras. Ao fim de vinte mezes de casados, Leandro era para a sua adorada Palmyra o mesmo amante dos primeiros dias.

Mas é que nunca se approximou della nos periodos em que a Biblia manda que o homem se affaste da mulher—por immunda; nem jamais demorada promiscuidade deu-lhes margem e vagar a que se estudassem em silencio, no enojo de bocejados lazeres, ao lado um do outro na mesma cama, quando o corpo, cansado de amar, deixa que só o pensamento trabalhe por sua conta propria, emquanto elle

repousa. Nunca enfim tiveram occasião de enfastiar-se juntos, consorcialmente, porque o tempo de que dispunham nas suas desejadas entrevistas era pouco para os interesses de seu amor e para o muito que cada um, de parte a parte, tinha para dizer ao companheiro, com respeito a felicidade de ambos.

Fram felizes. Comtudo, mais de uma vez, tentou Leandro imbecilmente revoltar-se contra mim, queixando-se com amargura da supposta falsa posição que eu lhe impuzera ao lado da esposa. Chamei-o á razão e ao bom desempenho da sua palavra de honra, sem lhe dar todavia segura explicação do meu modo de proceder, porque me não convinha ainda que elle alcançasse por inteiro o secreto espirito das minhas intenções. Palmyra tambem, a principio, pão parecia muito disposta a conformar-se com o meu regimen estabelecido, mas tal carinho puz no que lhe disse, e tal eloquencia emprestou o meu amor de mãe ás minhas palavras, que se ella em verdade não se deu por convencida, pelo menos entregou-me os pulsos resignada.

Não me desgostava ouvir-lhe as queixas ; signal eram de que amava physicamente o

marido, virtude esta que se vae fazendo rara em nossos dias.

— Olha, minha filha, disse-lhe uma vez, enquanto costuravamos á mesma mesa — o que não poderás negar são as vantagens, que tens sobre as outras esposas, com este systhema de vida conjugal que te arrangei... O casamento, longe de roubar-te aos prazeres que dantes desfructavas na sociedade, veio trazer-te novos, sem faltar no inestimavel gôso da isfação do amor instinctivo que ainda não conhecias. Continúas a ter hoje, em minha companhia, os teus bailes, os teus passeios e os teus theatros, como no tempo de solteira ; teu marido, sempre enamorado de ti, nunca falta aos pontos onde saiba que estejas. Entre os homens que te galãnteiã é sempre elle o mais solícito em merecer-te as graças, em requestar-te, em perseguir-te como um verdadeiro apaixonado.

Ora, quero que me digas quantas senhoras casadas encontras tu por ahí nestas condições a respeito dos competentes maridos?...

Nenhuma.

Pudessem elles e nunca em publico com-

pareceriam ao logar onde ellas se acham, ainda mesmo quando as amem.

E isso porque? porque sabe cada qual de ante-mão que, ao recolher-se á casa, ha de invariavelmente encontrar a mulher á sua espera, e que terá a sua companhia por toda a noute, e por todo o dia seguinte, e pelo outro depois, e por todos os que se seguirem, e emfim por toda a vida! «Estamos unidos para sempre!» suspira o desgraçado. E vê, minha filha, repara quanto esta phrase é terrivelmente assustadora! repara como é ella em tudo opposta a essa outra phrase, que teu marido repete todas as vezes que tão amargamente se queixa de mim: «Nunca estou com minha mulher todo o tempo que desejo!» sem se lembrar, o ingrato! que nisso consiste justamente o segredo da felicidade de vocês dous! Vamos, confessa qual das duas esposas é a mais feliz—aquella, cujo marido se preocupa com a irremediavel eternidade da sua união; ou tu, minha tolinha, cujo marido lamenta a cada instante que as horas passadas contigo nunca são tantas e tão longas quanto elle desejava?...

—Mas, observou Palmyra—eu amo tanto

meu marido !... 'Não me cansaria em estar ao lado delle...

—E' o que te parece agora, como a todo o sujeito, atormentado pelo appetite, parece que se não cansaria de comer! Estivessem vocês sempre e sempre juntos, e haverias de dar razão ás minhas palavras...

—Ora, mamãe, não ha de ser tanto assim... murmurou ella.

—E, se não podes responder por ti, quanto mais por elle !...

—Oh ! Elle me ama devéras ! Disso tenho eu certeza !

—E eu tambem. E justamente para que essa bella chamma não se extinga, dou-me ao cuidado de reformar-lhe o combustivel !

Palmyra soltou uma risada e não insistio no assumpto. Mas, á noute desse mesmo dia, a questão voltou com mais força. Meu genro, quando veio para jantar, trazendo, como de costume, flores para a mulher e uma pequena lembrança litteraria para mim, (creio que dessa vez foi um livro de Olavo Bilac) percebeu logo, pela conversa travada entre nós duas, que elle essa noute iria para Botafogo, pois havia já tres seguidas que ficava com Palmyra.

Não protestou logo, apenas franziu o nariz. A' sobrezeza, porém, começou a lamentar-se vagamente, dizendo que ia aborrecer-se sozinho em casa—e que, com franqueza, antes não tivesse casado—e que era preferível não amar a esposa como elle a amava—e não sei que muitas outras phrases deste genero.

Fingi não perceber a sua rabugice e, para mudar de conversa, fallei-lhe de interesses commerciaes, atirando-lhe perguntas sobre perguntas, a que tinha elle de responder a todas. Mas Leandro, que se conservava ao lado da mulher, não descia da sua preocupação e, por meias palavras em segredo e gestos dissimulados, instigava Palmyra a protestar contra o meu arbitrio. Palmyra, a furto, olhava-me supplicante.

Findo o jantar fomos jogar o Poker, e elle durante o jogo parecia cada vez mais contrariado. Ao chá mostrou-se muito carinhoso com minha filha, não obstante ir visivelmente se aggravando o seu máu humor á medida que se approximava a hora da separação. E depois do chá deixou-se ficar conversando, sem se resolver a tomar o chapéo e a bengala.

Levantei-me e chamei o creado para dizer-lhe que se preparasse para apagar as luzes e fechar a casa, porque o senhor Leandro ia sahir. Palmyra então veio ter commigo, com o ar embaraçado, as mãos um tanto frias; deu-me um beijo, e pedio-me, hesitante, commo-vida, e em segredo, que eu consentisse ao marido passar com ella ainda aquella noute.

Durante isto, meu genro, sem abalar donde estava, sacudia com impaciencia a perna que tinha dobrada sobre a outra. E olhava-me á esconsa.

— Não ! não ! respondi a minha filha.

— Mamãe !...

— Elle já cá ficou tres noutes seguidas...

E' preciso que se vá embora.

Palmyra ia insistir e fazer-me novas caricias, mas o marido interrompeu-a seccamente, erguendo-se.

— Não insistas ! disse. Para que?... Deixa lá tua mãe ! Ella não quer ! Acabou-se !

Não dei palavra. E elle accrescentou, sem se poder conter :—Ora ! afinal isto é humilhante e ridiculo para mim ! Não sei agora que me parece ser preciso andar eu solicitando,

como um grande favor, uma cousa que no fim de contas é do meu direito !

Era a primeira vez que meu genro me fallava com semelhante aspereza. Até ahi sempre me guardára respeito, fugindo até a discutir commigo. Produziram-me pois muito má impressão o tom e a forma do seu protesto; mas, no intimo dos meus intéresses maternas, ria de gôso por ver aquelle desespero com que o pobre rapaz disputava mais uma noute ao lado da esposa, e a commoção e ardor com que esta o acompanhava nesse empenho.

Definitivamente o suspirado milagre do amor matrimonial tinha-o eu realiado em beneficio de minha filha !

Mas Leandro proseguiu entre dentes:

— Afinal, por menos que se pareçam as sogras, hão de ser sempre sogras !

— Que quer meu genro dizer com isso?... perguntei ; agora resentida, a despeito de tudo.

Aquella terrivel palavra «Sogra», tão mal reputada e tão corrompida pelo máo gosto dos zombeteiros da imprensa, lançada assim á queima roupa, produzio-me o effeito do mais feio insulto.

Elle respondeu :

— Ora, que quero dizer !... Quero dizer que a senhora minha sogra abusa do pacto feito entre nós quando me casei ! E abusa da sua posição de minha bemfeitora, contrariando-me e torturando-me só pelo gostinho de ser sogra !

Palmyra interveio a favor d'elle, mas em tom modesto.

— Leandro tem razão, mamãe ! Que mal faz que elle fique hoje commigo ? Elle é meu marido !...

— E a senhora que gosta tanto de citar a Biblia, reforçou meu genro, devia saber que ella manda á mulher deixar pae e mãe para seguir o marido !

— E', mamãe ! A Biblia manda !... confirmou minha filha com uma carinha bregeira. Lembre-se de que Deus Nosso Senhor disse a Eva para obedecer a Adão e acompanhalo por todo logar onde elle fosse !

— Mas, observei-lhe, Eva não tinha mãe, a seu lado, que, se a tivesse, não daria ouvidos á serpente...

— Oh ! exclamou Leandro agastado. Dir-se-ia que a senhora me chamou «Serpente !» Serpente ! Tem graça !... Eu é que sou

a serpente !... Pois, minha senhora, se aqui temos pomo de discordia, não sou eu com certeza que o promovo. E, quanto ao facto de Eva não ter mãe, digo-lhe então, francamente, que Adão, esse é que era devéras um felizardo, porque não tinha sogra ! Ouvio, minha senhora ?—Não tinha sogra !

E depois de passear agitado pela sala, respingou ainda, enquanto eu, assentada junto á mesa, percorria as paginas de uma illustração :

— Serpente ! Ora esta !—Serpente !

— Eu lhe não chamei serpente, homem de Deus ! disse afinal, fitando-o atravez das minhas lunetas. O senhor não tem razão ! Creio que até agora ainda não exorbitei dos meus direitos ajustados antes do casamento ! O senhor é que se está excedendo, meu genro !

E tornei ao meu jornal.

Elle serenou um pouco e proseguio depois, sem deixar de espacear pela sala :

— Mas emfim, queria que me dissessem que mal viria ao mundo, se eu ficasse hoje ao lado de Palmyra !...

E parou defronte de mim, para me fallar em voz mais baixa :—Quer que lhe diga então uma cousa, Sra. D. Olympia ? A senhora,

com essas suas exigencias, faz-me ter idéas que me repugnam! Eu amo muito minha mulher; sou homem, sinto-me commovido ao lado della; desejo-a; (E creio que com isso não commetto um crime!) mas, depois de jantarmos juntos e juntos passarmos algumas horas, tenho de retirar-me e metter-me sozinho em casa! Ora, diga-me: parece-lhe que seria muito censuravel, se eu, ao sahir d'aqui, fosse procurar onde não tenho direito as consolações de que a senhora me priva ao lado da unica mulher que legitimamente m'as póde dar?...

— Leandro! Leandro, não digas isso! exclamou minha filha, correndo a lançar-se nos braços do marido. Ouça, mamãe! ouça o que elle está dizendo!...

— Não te podes queixar de mim, filhinha! respondeu meu genro, triumphante com com o seu stratagem. Queixa-te de tua propria mãe!

— Não! protestou ella, passando-lhe os braços em volta do pescoço e beijando-o. Não quero que digas isso, mesmo sabendo que serias incapaz de semelhante deslealdade!

E correndo de novo para mim, já com as lagrimas a quebrarem-lhe a voz:—Vamos, ma-

mãe, diga-lhe por amor de Deus que fique! Bem vê que estas cousas me põem nervosa! —E batendo com o pé:— Eu não consinto que Leandro vá hoje d'aqui sozinho! Se mamãe não o deixa ficar, sou eu que me vou com elle! Sozinho já o não deixo hoje!

— Pois fiquem juntos! fiquem! respondi finalmente, erguendo-me, disposta a retirar-me para o quarto. Vocês no fim de contas não passam de duas creanças, e fazem-me a mim tambem creança!

Palmyra pôz-se a saltar, batendo palmas; e, assim aos saltos, veio até a mim, apanhou-me o rosto com ambas as mãos e cobriu-m'o de beijos estalados.

Leandro, cuja physionomia fôra a pouco e pouco se abrindo e alegrando, chegou-se tambem para despedir-se de mim.

Notei, no seu olhar, que elle me agradecia sinceramente aquella concessão.

— Vá! Vá! disse-lhe eu, batendo-lhe uma amigavel palmada no hombro. Mas fica para outra vez prevenido desde já de que, quanto mais longe forem as suas ameaças, tanto peor para o senhor... Deus lhes dê muito boa noute!

Apertei-lhe a mão, beijei inda uma vez Palmyra e retirei-me para o meu quarto.

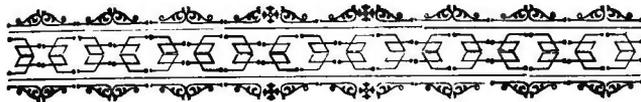
Bem ouvi ainda resmungar meu genro com a mulher. Queixava-se de mim, naturalmente. Compreendi que nesse momento estava sendo amaldiçoada por elle, mas sentia-me radiante, porque tinha ampla convicção de que minha filha, apezar de casada havia já quasi dous annos, ia ser feliz, muito feliz, nos braços do esposo.

Recolhida, depois da minha habitual oração, em que pedia a Deus continuasse a darnos, a ella a felicidade e a mim forças para poder zelar por esta, deitei-me e adormeci, com a alma nadando em jubilo.

Tinha eu conseguido boa parte do meu idéal. A custo daquelles dubios enfados e arufos passageiros, a grande illusão do amor instincto, a deliciosa chimeira da felicidade sensual, mantinha-se equilibrada, sem cahir por terra como desalada mentira, nem perder-se no vago como desvairado sonho.

Mas, dentro em pouco, uma grande occurrencia vinha alterar nossa vida, tão custo-

samente bem feita, e revolucionar-nos a casa, abrindo entre minha filha e meu genro uma scena cruel, scena de lagrimas e soluços, agora verdadeiros, de verdadeira dôr.



XIX

Manifestaram-se em Palmyra os symptomas de gravidez. Isto, que em outra familia seria motivos de regosijo, lá comnosco foi razão de serias luctas por mim travadas contra meu genro e minha filha.

Declarei logo que ella, desde esse dia, deixava de cohabitar com o marido, e que este seguiria no primeiro paquete a sahir para a Europa, ou partiriamos nós duas. Se elle fosse, todas as despezas da sua viagem correriam por minha conta, mas Leandro só tornaria a ver a mulher, quando esta pudesse apresentar-lhe nos braços o filhinho, já dignamente livre dos cueiros e das cuecas, todo enfeitado, coberto de rendas e fitas e cheirando como um botão de rosa.

Uma bomba de dynamite não causaria maior explosão do que este meu decreto. Foi fulminante : minha filha quasi perde os sentidos ao recebê-lo; meu genro, que acabava de almoçar comnosco, enterrou o chapéo na cabeça e desgalgou de casa como um raio, exclamando que fugia—para não fazer alli mesmo uma loucura.

Eu, porém, estava resolvida a não ceder um passo. E não cedi.

Em vão minha filha recorreu a todos os modos da supplica; em vão chorou e jurou que morreria se tivesse o filho longe de Leandro; em vão ameaçou-me de que seria capaz de um infanticidio para não soffrer aquella minha exigencia—assim tão dura, tão deshumana e tão ridicula.

— Nunca pensei, mamãe, disse-me ella, que a senhora levasse tão longe a sua mania de separar-me de meu marido ! Nem parece que vosmecê é mãe e já esteve grávida, porque então devia saber que uma mulher, quando está neste estado e tem de dar á luz, o primeiro filho principalmente, quem mais deseja perto de si é o esposo !...

— E' justamente porque já estive grávida;

é porque te dei á luz ; é porque sou mãe ; e é porque tambem fiz grande questão em que teu pae acompanhasse todo o periodo da minha gravidez, e assistisse, do começo ao fim, o parto donde nasceste—que agora não consinto, por forma nenhuma, succeda contigo a mesma cousa ! Sei o que faço, minha filha ! E, desde já, previne teu marido de que, se se oppuzer ás minhas determinações, não conte elle comigo para mais nada, a não ser perseguição e vingança !

Desta vez não fui pedir á Biblia o outro versiculo do Levitico, em que o Senhor, muito expressamente, dá a Moysés e Aarão, para que a transmittam aos filhos de Israel, a lei especial do affastamento durante o nojo da parturição e da prenhez. Já me não animava a citar a Biblia ; tal firmeza mostrei porém na minha vontade, que meu genro comprehendeu a inutilidade de abrir lucta, a não ser com um rompimento completo e brusco.

O pobre rapaz ficou afflicto, bem o vi, e na realidade causava-me pena. Parecia ter perdido a cabeça ; não se animava a romper commigo por uma vez, nem se queria resignar tão pouco á minha inflexivel dictadura de

sogra; não que o preocupasse a sua declaração escripta, creio eu, mas porque um rompimento commigo seria a sua desgraça commercial, ou pelo menos violento golpe dardejado na sua nova carreira até ahi tão prospera.

Reconheci que desta vez o sacrificio imposto ao coração de ambos era, com effeito, muito mais serio que das outras, e por isso procurei suavisal-o não me agastando com as impertinencias delle, nem com os resentimentos de minha filha. A tudo resisti serenamente, e, com boas palavras e maneiras calmas, fiz ver a meu genro que ao lado de sua mulher—ficava eu; e ao lado da enferma—ficava um bom medico, que era o Dr. Cezar.

Elle pois que embarcasse tranquillo e confiante: a competencia professional do meu velho amigo e os meus desvellos de mãe não deixariam sentir a nossa Palmyra a falta dos seus cuidados.

Leandro começou d'ahi por diante a evitar a minha presença; a fallar-me seccamente e o menos que podia; começou a não me tratar senão por «Minha sogra», dando a esta palavra uma expressão tão aggressiva e tão

dura, que por fim já me doía e magoava bem cruelmente.

Urgia comtudo não perder tempo. Era preciso que meu genro partisse quanto antes, e, uma vez que elle me não queria fallar, fui ter humilhada ao seu encontro. Amimei-o, como a um filho mal creado e caprichoso, e, apezar da offensiva seccura com que me ouviu, achei meios de dizer-lhe que não visse no meu acto uma ridicula pirraça de velha rabugenta, dominada pelo espirito de contradicção; fiz-lhe sentir que, se elle dentro de poucos dias não despregasse do Rio de Janeiro, nos obrigava, a mim e a minha filha, duas senhoras — uma edosa e a outra pejada, a aventurarmonos numa viagem, onde Palmyra não encontraria de certo o conforto e os soccorros que o seu estado reclamava. Além disso, da Europa elle apenas mal conhecia Londres, atravez de um collegio. Precisava agora vel-a e estudal-a como homem. Que melhor occasião para fazer esse passeio?... Iria descansar um pouco, espaireece, instruir-se, ganhar novas idéas e novos pontos de yista, cujos bons fructos seriam aproveitados em favor da sua

profissão commercial e em favor da educação de seu filho.

— Sim, replicou Leandro, desejo ir a Europa, e muito, mas em companhia de minha mulher!

— Irá depois com ella... correspondi—e eu mesma os acompanharei, e mais o nosso herdeirosinho... E' até muito mais conveniente que o senhor primeiro realise sosinho essa viagem, para poder ensinar depois sua mulher a ver e apreciar aquillo que o senhor já tenha visto. E' mais correcto! Num casal bem constituido, o chefe deve sempre levar vantagens sobre a esposa, tanto no seu gráo de cultura intellectual, como no seu conhecimento pratico da vida e do mundo...

— Mas abandonar minha mulher quando a vejo naquelle estado!?

— O senhor não a abandona, meu genro; o senhor a deixa entregue aos meus desvellos e ao meu amor de mãe. Quanto ao estado della—não queira tambem exagerar as cousas! a gravidez e o parto, em boa normalidade de circumstancias, são funcções naturaes e quasi tão simples como o proprio amor que os produzio.

— Mas é o primeiro parto !

— O que lhe não impedirá de ser muito benigno, porque o filho foi concebido nas melhores condições que é possível desejar. Fique certo, meu genro, que em geral—os filhos gerados com todo o amor e com todo o desejo, nem só são os unicos perfeitos, como ainda são os que nascem com a maior e mais lisonjeira facilidade. E' preciso desconfiar sempre da harmonia e bôa ventura domestica de um casal, cujos filhos encontrem difficuldades em entrar na vida, a não ser que haja vicio organico por parte da mulher ou vicio no sangue por parte do homem. Entre os dous instinctos garantidores da vida—o amor e a fome, existem as mais estreitas analogias : Da mesma fórma que — comer sem appetite produz má digestão, conceber sem amor — produz má gravidez e máo parto ; quando não produz o aborto, que é a legitima indigestão do amor. Meu neto ha de ter um nascimento feliz, sou eu quem lh'o assegura ! E imagine agora o prazer que lhe está reservado para a sua volta, meu amigo ! Prefigure-se tornando á casa depois de alguns mezes de ausencia e vindo encontrar o seu filhinho nos braços da

nossa Palmyra ! Hein ? não lhe parece que o prazer da volta compensa um pouco os sacrificios da ausencia ?

— Ausencia de quasi um anno !...

— Qual ! Ella está gravida de tres mezes, creio. Ponhamos um para a viagem—quatro ! Ao senhor basta demorar-se lá seis ou sete, quando muito... Ora, seis mezes passam depressa, principalmente em passeio pela Europa, vendo cousas bonitas !...

— Bonitas ! Bonito será se, daqui em diante, mal perceba que minha mulher está gravida, tenha de entróuxar as malas a toda a pressa e fugir para a Europa !

— Ora deixe lá o futuro, que a Deus pertence, meu filho, e cuidemos do presente, que é a nossa obrigação. E já não fazemos pouco !

Quando nos separámos essa noite, depois do chá, meu genro estava resignado a fazer a viagem. Faltava-me, porém, a outra, que me parecia mais difficil de ceder, sem ficar próstrada pelo sacrificio.

E, com effeito, maior resistencia encontrei em Palmyra do que em Leandro. Mas com prazer descobri logo que semelhante reacção não vinha tanto dos seus terrores do parto, como dos seus mal disfarçados ciumes pelo marido, que se ia ausentar assim por tanto tempo.

Desde que percebi isto, tinha por ganha a victoria :

Fiz ver-lhe logo que aquella ausencia de Leandro, longe de ser desfavoravel á esposa, era uma nova garantia para o amor e para a felicidade de ambos. Deixando-o ir agora, sorprendido assim violentamente no auge do seu enlevo amoroso, ella podia ficar segura de que o marido iria resguardado pela saudade e nada commetteria, que pudesse ser lesivo ao ente estremecido que elle deixava tão distante. Leandro honraria o seu voto sagrado e guardaria fidelidade, justamente por se achar então a contra-gosto separado da sua «pobre e querida mulherzinha.»

— Ficando aqui, disse-lhe eu, vendo-te elle todos os dias, sem aliás poder approxi-

mar-se de ti para o matrimonio, haveria de trahir-te, fatalmente, durante os resguardos da prenhez e do parto, porque a consciencia lhe descobriria absolvição para tal delicto nas suppostas necessidades do seu organismo de homem e na tua accidental inutilidade de mulher. Ser-te-ia infiel, convencido de que com isso não commetteria baixeza, nem maldade, porque havia de resgatar a sua culpa junto á tua cama de doente, a força de constante dedicação; a força de desvellos de enfermeiro e pequeninos cuidados de bom amigo. Ao passo que, por mim arrancado barbaramente dos teus braços e repellido para longe, hão de a ausencia e a saudade envolver-te, á proporção que os dias se passarem, num prestigioso véo de poesia e desgraça; hão de dar-te irresistivel e fascinante aureola de victima resignada, a quem seria baixa perfidia enganar traiçoeiramente.

A tua ausencia será pois a garantia do seu amor e da sua fidelidade. Elle terá medo de peccar, porque já saberá de ante-mão que a sua consciencia lhe não perdoará semelhante injustiça. Aquillo mesmo que aqui, ao teu lado, seria por elle admittido como fatal

consequencia do resguardo da crise puerperal, lá attingirá no seu fôro intimo ás negras proporções de torpe covardia. Lá, sem elementos de resgate do crime, para fazer calar a consciencia, sem poder de resto prestar socorros á tua gravidez, nem poder consolar-te do teu estado, elle não terá animo de faltar á fé conjugal, porque todo o seu coração será pouco para chorar a tua ausencia; todo o seu pensamento será pouco para se lembrar de ti! Todo elle, minha filha, será pouco para ter um só idéal—tornar a ver-te, e beijar o filho! Todo o seu corpo só terá um desejo, uma preocupação constante, uma necessidade expansiva:—o de cahir-te nos braços, soluçando palavras de amor, e matar com os teus beijos a grande saudade que o devorava longe da tua ternura e longe do teu corpo!

E, vamos lá... acrescentei, tomando as mãos de minha filha, que me escutava immobilizada, com o olhar ferrado a um só ponto. Fallemos com franqueza: achas tu que as cousas correriam deste modo, continuando elle aqui ao teu lado? Sabes tu, por ventura como permanecerás gravada no seu espirito durante a ausencia necessaria á tua partu-

rição?... ficarás gravada como elle te veja pela última vez, no momento do beijo da despedida; apparecer-lhe-ás no espirito como te tenho agora defronte dos meus olhos—com o corpo ainda não deformado como estará daqui a poucos mezes. Por emquanto, Palmyra, a gravidez te não prejudicou a belleza; ao contrario: vae bem ao teu rosto essa côr mysteriosa e pallida e essa tristeza de sorrir; não te fica mal ainda essa languidez do andar, como essa vaga expressão que tens nos olhos e nos gestos. Mas, quando o teu feto attingir ao seu ultimo periodo de gestação, sabes tu, minha filha, como estarás differente e como serás outra?— abatida, desbotada, sem cintura, com os pés inchados, a cara intumescida, as pernas tropegas, o ventre enorme, e o estomago em revolta, o que seguro te produzirá engulhos e máo-halito!...

Palmyra interrompeu o seu silencio, sem interromper o seu olhar, para responder com um suspiro profundo:

— Ora! meu marido me amará de qualquer modo!... Não faço questão de ser bonita para elle!...

— Então para quem fazes tu questão de ser bonita, se não é para teu marido? A mim é que agradarás do mesmo modo em qualquer estado, porque sou tua mãe; mas a elle, e só a elle, te convem seduzir como mulher. E acredita, minha Palmyra, que nesse erro consiste boa parte das communs infelicidades domesticas! Em geral, por ahí, a esposa só se enfeita e faz bonita, para sahir á rua, quando dentro de sua casa é que ella precisa ser seductora, porque é dentro de sua casa que ella tem um homem a quem agradar por toda a vida!

— Sim, mas a gravidez tambem não dura eternamente. Eu voltaria a ser o que era dantes...

— Não! Para teu marido nunca mais, depois do parto, volverias a ser o que dantes fôras! Dantes foste o que ~~agora~~ agora continuas ainda a ser no espirito de Leandro—a encantadora e mimosa creatura que se fez mulher nos braços d'elle; e depois do parto serias, e continuarias a ser para sempre—a mulher que nos seus braços se fez mãe! Todos os teus encantos feminis, todas as graças da tua mocidade em flôr, desapareceriam, para só ficar o ventre sagrado, que se abriu defronte de seus

olhos e lhe despejou um filho nos braços ! Bem vêes que não é a mesma cousa !

— Não deve ser tanto assim !... Mamãe exagera com certeza !

— Exagéro?! Sabes lá que impressão deixa um parto ao homem que o assiste?... Impressão que escandalisa os olhos, os ouvidos e o olphato ! Sangrento drama, que comove e repugna ! que faz dó e faz nauseas ! Nelle a mulher perde inconscientemente a noção do seu mais captivante e natural instincto, a sua unica superioridade sobre o homem, o seu unico meio de dominal-o e prendel-o—o pudor !

No parto, em presença do esposo amado, o pudor, como todas as outras seducções da mulher, desfazem-se-lhe na lama infecta e generosa do seu sangue de mãe, para só prevalecer o filho que, de um salto, immediatamente, se apodera do principal logar até ahí occupado por ella no coração do marido. E este, embriagado com a felicidade daquelle novo amor, começa desde então a viver só em reviver no entezinho recém-nascido e melindroso, que é agora todo o encantamento do seular ; enquanto a mulher, ainda mesmo

que recupere as graças primitivas, fica, nos intervallos do resfriado matrimonio, encostada a um canto, esquecida como uma machina em descanso.

Palmyra soltou um suspiro mais longo que o outro, e continuou a fixar o mesmo ponto, com os olhos immoveis.

Eu prosegui:

— E depois?... logo depois do parto?... Emquanto o filho, nos seus primeiros dias de vida, com o seu primeiro choro, vae roubando á mãe todos os carinhos sensuaes do marido della, o que é a mulher?... E' uma pouca de carne dolorida e molle que ali está sobre a cama! E é preciso, defumar o quarto, mudar constantemente as roupas sujas! Ella, coitada! num resguardo absoluto, sem se poder lavar completamente, nem pentear-se, nem desinfectar os cabellos e o corpo, só vive para a sua recente maternidade e para o goso animal do seu estado de alivio, depois que despejou a carga que a opprimia por tantos mezes e que lhe fazia soffrer dôres phisicas e sobressaltos moraes. Dos beijos de compaixão e de reconhecimento que o esposo lhe dá durante esse periodo do cheiro de alfazema, nasce entre os

dous uma doce amizade, uma respeitosa estima de bons companheiros, um sentimento muito bonito, muito serio, muito duradouro, mas que é o inimigo mortal do amor genesico.

A sexualidade, que entre elles vier depois, já nada tem que ver com o poderoso instincto, que os arrastou abraçados ao leito conjugal, e será mero producto do habito, uma preguiçosa permuta de caricias frouxas, obra quasi inconsciente da materia, sem o menor concurso do espirito ou da imaginação, donde faz entretanto o amor fecundo a sua gloriosa força.

Não! não! não, minha filha! teu esposo não te verá de ventre crescido, não te sentirá máo halito, não ouvirá teus gemidos e gritos de parturiente, nem assistirá a sahir-te das entranhas, entre as viscosas esponjosidades da placenta e a nauseante fedentina dos humores puerperaes, um ensanguentado feto, uma posta vermelha de lodo vivo! Teu esposo não te verá amolentada, entre mornos travesseiros, impregnada de cheiro de alfazema, parida! Não! não ha de ver! não quero!

Ella soltou um novo suspiro e mudou de mira, sem alterar a fixidez dos olhos.

— Não! arrematei. Has de conservar-te integralmente seductora na imaginação de teu marido! Quero que elle te deixe fresca e bonita, como ainda estás agora, e te venha encontrar depois, ainda mais interessante do que te deixou, com uma linda e cheirosa creancinha ao collo. O teu parto não ha de inutilisar aos seus olhos a mulher que elle em ti ama. Não quero que elle se converta no teu amigo extremo; quero que elle continue a ser o teu amante apaixonado. Quero emfim que Leandro se não desilluda contigo, como homem, para que elle não precise nunca substituir-te secretamente por outra mulher!

E, depois de uma pausa, terminei carinhosamente com estas palavras:—Ora ahí tens tu, minha filha, a razão do meu procedimento. Agora, a ti compete apreciar-o bem ou mal...

Palmyra levantou-se, beijou-me, e cahio soluçando nos meus braços.

— Minha boa mãe!... disse ella.

A pobre creança tinha comprehendido tudo, e a sua singella phrase pagou-me n'esse instante de todos os desgostos que soffri e de todos os desvellos que por seu amor mantive até ahí com tanta lucta.

— De hoje em diante, segredei-lhe eu, enxugando-lhe as lagrimas, dormirás commigo no meu quarto, meu amor, ao lado de mim, na mesma cama, até á volta de teu marido. Está dito?

— Sim, sim, mamãe !



XX

E assim foi. Durante os poucos dias que precederam a viagem de meu genro, minha filha dormio todas as noites commigo.

Imagine-se o que delle não tive de soffrer por semelhante facto. Quando soube da minha resolução, desesperou-se; dessa vez chegou a chamar-me «jararaca!» Mas Palmyra estava bem convencida das minhas razões e tanto me bastava, porque era todo o meu empenho não lhe irritar os nervos contrariando-a. Quanto ao marido—que esbravejasse a vontade, com tanto que se puzesse ao largo.

Tambem era só o que faltava—que fosse eu agora impressionar-me com o infantil egoismo de meu genro! Procurava, é exacto,

esconder aos olhos de Palmyra a minha superioridade sobre elle, fingindo até respeitá-lo e temel-o, mas só pelo receio de que a comprehensão justa da verdade viesse a prejudicar o juizo que minha filha mantinha com respeito ao valor moral de seu marido. Em uma palavra—receiava que elle se amesquinhasse aos olhos d'ella.

Convem notar que Leandro, depois que acceitára, resmungando, a minha dictadura de sogra intransigente, começou a ter impertinências e rabugices de uma verdadeira creança. Ia ao ponto de fazer manha, para que a mulher o consolasse com carinhos e se fizesse zangada, de mentira, contra mim, fingindo-se revoltada e affectando indignação nas suas palavras, como a ama que, para engodar o bêbê, diz injurias á cadeira em que elle por acaso deu uma pancada com o corpo.

Nestas cousas de dentro de casa, no segredo do cofre domestico, o marido quasi sempre é muito mais pueril e piegas que a mulher. Esta só apparenta infantilidade na rua ou na exhibição social, para se fazer innocente e candida, porque assim della exige o publico ; e aquelle, para o effeito contrario, é

ahi que sustenta, ou simplesmente affecta, a rija linha do seu sexo forte. Da porta da rua para fóra, ella é creança e elle é gente grande; mas, da porta da rua para dentro, é o homem quem dá a nota infantil, ao passo que a mulher em geral é quem garante a tranquillã seriedade do lar, com a sua moral e o seu bom senso pratico, com a sua perspicacia e com a sua constancia, resignação e força de paciencia.

Receiosa de que semelhantes pieguiçes em meu genro viessem a deprimir sobre maneira a illusão do amor que minha filha lhe consagrava, tratei em tempo de providenciar neste sentido, mas dei logo pouco depois pelo meu erro, percebendo que as mesmas pequenas separações por mim impostas aos dous, como preservativo contra o tédio, longe de extinguirem as infantilidades de Leandro, ainda mais lhes davam vida. E acabei por convencer-me de que o facto era natural e proprio do character mesmo do amor, e que por consequente nunca poderia ser elle desagradavel á mulher amada.

Parece, á primeira vista, que o homem, quando se faz piegas e submisso ao lado de uma mulher, deve tornar-se ridiculo aos olhos

della e pois incompativel com o seu amor ; assim não acontece, porém, desde que tal pieguice e tal humilhação sejam praticadas só e exclusivamente com essa mulher e rigorosamente escondidas a todos os mais. E se esse homem, assim pueril e mimalho para com essa mulher amada, fôr oppostamente para os outros, como muita vez succede, um caracter energico e um espirito respeitavel, então a cousa é completa no interesse do amor de ambos.

Está bem claro que tudo isso só se pôde bem verificar quando o casal gosa a felicidade de ter parentes mais velhos que o dominem, e contra os quaes possa o esposo e a esposa queixarem-se entre si. Esta é uma das vantagens de ter sogra ; enquanto o genro briga com a sogra não briga com a mulher ; antes pelo contrario mais se chega para esta ; e os frescos e surdos laços da conspiração que os reune e religa, conseguem em muitos e muitos casos o que os affrouxados laços do instincto sexual já não podiam obter entre elles.

Bem differente pois é no homem o seu modo de amar comparado com o modo de

amar da mulher, como bem differente são as manifestações do amor de cada um.

O homem tem o jogo franco no amor ; a mulher tem o jogo encoberto. O homem, desde que ame devéras não póde guardar segredos para a mulher amada ; tem, por uma lei congenita á sua propria ternura, de abrir defronte della o seu coração, de par em par, como uma carteira, que elle todavia para os outros trouxesse avaramente occulta e bem fechada ; tem de expôr-lhe a alma toda nua, e nú todo o seu mais recondito pensamento. Não lhe esconderá nada do que se passa dentro delle, cavando e desencerrando até ás mais intimas e fundas circumstancias, ainda mesmo aquellas que possam ser deprimentes do seu character, nocivas ao seu amor, e até mesmo desagradaveis e humilhantes para a mulher que as ouve.

O homem, que ama sinceramente, começa logo por contar á sua amada todas as particularidades de sua vida, chegando sempre a ser ridiculo pela insistencia em despejar aos pés della todo o secco e frio bagaço do seu passado. Não se esquece do menor episodio ; diz-lhe tudo, tudo, tudo ! E a mulher supporta

isto a sorrir, e recolhe o inutil despejo com uma condescendencia de que o homem não seria capaz para com ella.

Ao passo que a mulher, por maior amor que consagre a um homem, nunca lhe mostra a alma por inteiro, nunca lhe franquea totalmente o coração e nunca lhe confia de todo, nas suas confidencias mais intimas, o residuo do seu passado. A mulher é amiga apaixonada do mysterio, apesar de ser a eterna inimiga do segredo.

A mulher ama sempre de emboscada, aŕmando laços e esparrelas; quer apanhar de surpresa o homem amado, sem que elle dê pela armadilha e possa a tempo defender-se. E d'ahi o ella conhecer sempre tão profundamente o homem que ama e com quem vive: facto de grande desvantagem para elle, porque não ha homem, por superior, capaz de resistir sem ridiculo a semelhante analyse; o que ainda constitue, a meu ver, mais um escolho para a convivencia matrimonial.

Entretanto, o homem nunca chega a conhecer de todo a mulher que lhe pertence, por mais que ella o ame. Assim succede que muita vez, na intimidade de um casal já de

muitos annos constituido, lá uma bella occasião o esposo fica admirado de ouvir fallar á mulher de um facto, já velho na vida della, e no emtanto, perfeitamente desconhecido para elle.

— Como, diz o homem, pois isso aconteceu?... Não sabia! ignorava-o até agora! Tu nunca m'o disseste!...

— E porque havia de ter dito?... argumenta a mulher. Nunca tive occasião de fallar-te em semelhante cousa... Nunca me perguntaste nada a esse respeito...

E aqui está justamente a grande differença no modo de amar dos dous sexos. O homem diz — expontaneamente, e a mulher confessa—interrogada.

Algumas ha, casadas, que põem melindroso empenho em nunca mentir ao marido, e, sem jamais mentir com effeito, escondem-lhe tudo o que lhes convem occultar, e ás vezes cousas que são a deshonra delle. Mas não mentiram.

O homem, em conclusão, dada mesmo a melhor hypothese da sua altivez e energia de caracter, póde ser banal e piegas no seu amor. E meu genro era assim, com a circum-

stancia, porém, de que a sua puerilidade era toda cariciadora e amorosa para minha filha e era para mim só feita de impertinencias e rabugens de creança malcreada. Como, não obstante, eu sabia pezar e dar o verdadeiro valor a tudo isso, não o responsabilisava por taes miserias, e iamos vivendo. De resto, como eu só o amava pelo effeito reflexivo do muito que eu queria a Palmyra, achava-o ridiculo, sem comtudo sentir por elle odio, nem desprezo, como nos succede commumente acharmos ridiculas, nos outros, muitas cousas que são naturaes e que observamos em nós mesmos e em nós mesmos lhes reconhecemos a utilidade.

Todavia, a sua partida commoveu-me bastante. Fomos leval-o a bordo. O Dr. Cezar não poude ir conosco, porque tinha em casa a irmã muito mal com uma pneumonia aguda.

Era em abril, num bello dia de sol. Palmyra estava encantadora; fiz-lhe pôr, intencionalmente, um vestido preto enfeitado de rendas valencianas, porque assim convinha á sua pallidez, que se aggravára naquella ultima quinzena; o chapéo, muito simples e tambem

preto, guardava-lhe apenas uma parte da cabeça, envolvido, com o rosto, num vaporoso véo côr de rosa, que á luz da manhã fazia realçar o tom magoado da sua formosura.

Na lancha, assentada ao lado do marido, com o busto destacando nitidamente do fundo brilhante e verde do mar, parecia-me mais bonita do que nunca. Durante a ida, Leandro conservou por toda a viagem uma das mãos della entre as suas, lançando sobre mim, de vez em quando, olhares de feroz sentimento. Eu fingia não perceber o seu odio, e era toda ouvidos para o que os dous conversavam em voz baixa, esquecidos um no outro, num alheio egoismo de amantes sobressaltados.

Percebi que minha filha lhe murmurava dos ciumes que ia sentir por elle durante a ausencia, e ouvi distinctamente a resposta de meu genro :

— Se tu soubesses como levo este coração despedaçado, não me fallarias nisso... Maldita a hora em que empenhei minha palavra !...

E, depois de desferir contra mim mais um olhar colerico, tirou o lenço da algibeira,

para esconder o rosto, resmungando com azedume alguma cousa, no que senti ferir-me ainda a ponta de uma desconhecida injuria.

— Ora, coitado ! pensei, julga-me mal e me não perdoa o mal que me julga... Mais tarde me fará justiça !...

E larguei tudo isso de mão, para só pensar no valor daquelle vivo e palpitante ciume de minha Palmyra, tão amada e tão desejada pelo esposo...

Ah ! esse spectaculo fazia lembrar-me de que eu, infeliz que fui ! nunca tivera tido ciumes de meu marido !

Ha muita gente que diz do ciume o que os francezes ainda não se lembraram de dizer contra os allemães, e eu mesma estou de accôrdo em que, na maior parte dos casos, elle nada mais seja do que uma grosseira manifestação do despeito e da vaidade. Mas, quando em vez de vir do orgulho ou do amor-proprio, elle vem objectivamente do nosso terno e vivedoiro enthusiasmo por certo e determinado ente querido, é uma das mais legitimas expansões do amor. Todo o indi-

viduo que ama de qualquer modo, cêrca de zelos vivos a pessoa amada.

Entre marido e mulher, como o casamento não é natural nê m logico, o ciume complica-se e torna-se ridiculo. Ao marido não assiste sequer o direito de mostrar ciumes pela esposa, porque, das duas uma :—ou elle tem razão para revelal-os, ou não tem. Se tem razão não deve contentar-se com expôl-os, deve pør dignidade rômper immediatamente os laços que a ella o prendem ; e, se não tem razão, para que pois offender e ferir em cheio na honra uma mulher innocente ?

Sei, e posso afiançar, é que minha filha me fez inveja inda uma vez. Eu nunca senti, nem causei ciumes em toda a minha existencia; e isso faz muita falta na vida de uma mulher ! A nossa felicidade não é como a do homem, compõe-se de um conjunto infinito de pequeninas alegrias e pequeninas mágoas. A vida de uma mulher feliz é complicadissimo mosaico de lagrimas, beijos, suspiros e sorrisos ; mas tudo isso ligeiro e passageiro, que não chegue nunca a prostrar pelo soffrimento, nem pelo goso.

Eis o que me veio ao espirito, quando, já

a bordo do paquete inglez que tinha de levar Leandro, vi saltarem dos olhos de Palmyra as lagrimas que ella dava em sacrificio da conservação do seu amor conjugal.

Ah ! tomára eu aquellas lagrimas, na minha mocidade ! Quem me dera tel-as um dia chorado !...

Meu genro chorou tambem, e isso me commoveu, a despeito do modo frouxo por que elle, por mera formalidade, me abraçou em despedida. Antes assim, porém, do que ter abraços seus bem apertados e sinceros, sabendo que os outros, dados á esposa, haviam de afrouxar em breve. Deploravel que és tú, meu pobre coração de mulher ! nesse momento, em que meus olhos choravam tanto como os de Palmyra, tive vontade de chamar para meu peito de mãe aquelle creançola resmungão e aquietal-o com caricias : No fim de contas, apesar de tudo, era elle, sem consciencia disso, o meu associado na obra da felicidade de minha filha. E esta o amava tanto, que seria impossivel deixar de amal-o eu tambem. Comtudo, Leandro me detestava, o ingrato !

E a dôr forte daquella separação de minha filha e meu genro, lembrou-me outra sepa-

ração também entre dous casados, quando meu marido se ausentou de mim por oito meses. Eramos ainda bem moços e também chorámos no abraço da despedida, mas, ai! as nossas lagrimas foram bem differentes daquellas, e não rescendiam áquelle triste e poetico aroma de amor ainda cego!... foram lagrimas de dous bons amigos incompatibilizados pelo casamento! Meu marido antevia que a viagem, e depois o estadio num paiz estranho, seriam alegre e salutar variante na sua existencia trabalhosa e monotona do Brasil; e eu por mim, confesso, não fazia o menor sacrificio com áquelle apartamento de Virgilio. Já não nos amavamos sexualmente—eis a verdade!

Palmyra, ah! essa ficou inconsolavel... Voltamos tristes de bordo. Por longo tempo, da nossa lancha, agitamos os lenços no ar, em resposta a uma pequenina aza branca que palpitava, lá ao longe, no tombadilho do vapor.

Uma vez em terra, dentro do carro, mandei tocar com força para Laranjeiras, comprehendendo que Palmyra, no seu silencio ameaçador, reprimia a explosão de soluços que ameaçavam suffocal-a.

E a tempestade desencadeou-se com effeito, mal me recolhi á casa com minha filha. Foi um longo transbordar de soluços, que lhe sacudiam nervosamente o corpo inteiro. Ella não quiz almoçar; enfiou pelo quarto, arrojando o chapéo, as luvas, a sombrinha, e atirou-se em seguida á cama, com o rosto escondido nos braços e nos travesseiros, a chorar, a chorar, a chorar !

E eu vi tudo isso, sorrindo no intimo ao contemplar satisfeita aquella scena transcendente. Deixei-a soluçar por longo tempo, assim extendida sobre a cama, bella naquella desespero de saudade. Ah !—não se sustenta o amor sem o elemento dramatico, e não ha drama sem lagrimas !

Mas, pouco a pouco, o temporal foi serenando, descahindo em longos e espaçados suspiros de desabafo, e, quando á noute nos recolhemos ao mesmo aposento, Palmyra tomou-me o rosto entre as mãos e, sem uma palavra, beijou-me as faces repetidas vezes, e pousou depois a sua cabeça no meu hombro, abraçando-me em silencio.

Na oração que fizemos juntas antes de tomar o leito, agradei a Deus ter-me conce-

dido a realização daquelle milagre de amor conjugal, e pedi-lhe, do fundo da alma, que continuasse a proteger a poetica felicidade daquellas duas pobres creaturas, que eu aninhava sob as azas da minha experiencia de mulher e do meu amor de mãe.



XXI

No dia seguinte o assumpto exclusivo da conversa de Palmyra foi só o marido, mas nos subsequentes, sem se esquecer delle por um instante, pensou tambem um pouco no filhinho esperado; até que, dahi a algumas semanas, a sua preocupação se dividia por ambos em partes iguaes. E o seu ventre foi tranquillamente crescendo, e ella foi cada vez mais se fazendo mãe, no meio dos cuidados do enxoval, que a nós duas traziam occupadas de manhã até á noute. O Dr. Cezar, agora que suppunha a irmã fóra de perigo, apparecia-nos com mais frequencia e ficava ás vezes palestrando comnosco durante o se-rão, entre o jantar e o chá. A progressiva

marcha da gravidez de minha filha era fiscalizada por elle com especial sollicitude.

Chegou a primeira carta de Leandro. Que alegrão para nós tres! Não era uma carta de marido, era uma longa, sentida e despejada confidencia de amante infeliz; commovia a força de expressão e de sinceridade, sem cair jamais no sentimentalismo pathetico; era simples, forte e natural, como o mesmo amor que a inspirava. Assim de longe, sob o dominio absoluto de uma dôr verdadeira, meu genro volvia-se homem, e nem uma só vez recorria ás manhas e pieguices que tinha dantes ao lado da familia. Referia-se ao filho seccamente, quasi com azedume, como se fallasse de um importuno que viéra intrometer-se na sua felicidade. E não dizia nunca « meu filho » ou « nosso filho, » dizia « essa creança. »

Isto perturbou-me um pouco. Teria eu, quem sabe? preparado com aquella separação uma desgraça terrivel, prejudicando meu neto no seu direito de filho ao amor de seu pae?... Não seria indispensavel, para a boa formação, desenvolvimento e completo remate do amor paterno, que o pae acompa-

nhasse de perto, lado a lado, todos os phenomenos pathologicos que na mulher precedem o nascimento do filho, e os que occorrem durante e depois da parturição?... Não teria eu talvez, para conservar o amor de Leandro por minha filha e impedir que se quebrasse entre estes o encanto do desejo, roubado ao meu pobre netinho a parte que de direito lhe tocava no coração de seu pae?... Não estaria eu machinando contra a pobre creaturinha uma tremenda maldade, com fazer que ficasse todo inteiro o coração de meu genro em posse da esposa?... Não estaria eu commettendo um crime?...

Consultei nesse sentido o Dr. Cezar.

— Não ! respondeu-me elle, sem hesitar. Não, minha amiga ! Affaste do juízo semelhante apprehensão. O amor de pae não se pronuncia antes do nascimento do filho e só é formado e desenvolvido com a convivencia entre os dous. O amor materno, sim: existe desde a vida uterina do feto, com elle cresce, avulta quando elle nasce, e vae augmentando sempre na proporção do crescimento do filho. E está nisto a razão porque o amor de mãe é sempre, até que o filho attinja á pu-

berdade, maior e mais intenso que o amor paterno ; é que elle, na sua carreira, sae com grande avanço. O outro, quando accorda, encontra-o já vigoroso e adiantado.

A natureza foi muito providente na constituição d'estas cousas : o filho só poderia ser privado do amor de sua mãe, se alguém conseguisse de uma mulher fazel-a conceber e dar á luz sem que ella tivesse consciencia d'isso, e ainda assim não conseguiria privar-o dos desvellos e dos cuidados maternas : a douda concebe e tem filhos sem sentir por elles o menor vislumbre de amor, mas sem nunca aliás se descuidar, guiada só pelo seu instincto de fêmea, de prestar-lhe os soccorros maternos. Faz tudo isso como qualquer bruto—pare, corta com os dentes o cordão umbilical, prepara o filho para a vida : assopra-lhe na bocca, se fôr preciso dar-lhe aos pulmões o primeiro ar ; bate-lhe nas palmas dos pés e das mãos ; depois cria-o, e defende-o dos perigos materiaes que o ameacem ; mas não o ama. Aquelle bocado de carne viva e palpitante é uma pouca da sua propria carne ; e a carne, essa nunca enlouquece ! Considere agora, minha amiga, que, pelo lado paterno,

não ha sequer esta circumstancia material do desdobraimento do corpo, do desdobraimento da carne. Na mulher, aquelle poderoso instincto animal, associado á razão e á consciencia não menos poderosas, produz o que se chama o amor materno. E tudo isso se dá antes de chegar o amor paterno, que póde até nunca chegar, se não houver convivencia entre o pae e o filho. Não é banal dizer que todo o homem é muito mais filho da mulher do que do homem; o que me leva a sustentar que na sociedade elle devia apresentar-se com o nome da mãe e não do pae!

Fiquei perfeitamente tranquillada com estas palavras e puz o coração a larga.

Na segunda carta, Leandro enviava o retrato á mulher, e uma poesia inspirada na saudade, acompanhando tudo um amor-perfeito colhido em certo jardim, na occasião em que, diziam os versos, «no meio da alegria geral e do riso dos convivas—seu coração sangrava o martyrio daquella terrivel ausencia, que o privava do estremecido objecto do seu amor...» Li e reli essa composição poetica; não era um primor de arte, mas Palmyra chorou de commoção ao lê-la. E comparei

mentalmente aquella carta do marido de minha filha com as cartas que meu marido me escreveu na sua ausencia dos oito mezes. Que differença ! Que contraste !

E vamos lá ! tinha eu ou não tinha razão para estar orgulhosa com a minha obra ? Qual é ahi o marido que até á presente data já escreveu versos de amor a sua mulher, durante o desgraçoso periodo da gravidez ou da parturição ? Qual é elle ? Versos ao filho conseqüente, sim, muitos o têm feito, esquecidos da pobre creatura enfeiada pelo parto, que jaz mollemente sobre uma cama de colchões mornos, entre mornos travesseiros, defumados de alfazema !

Na carta, onde havia uma pagina, toda inteira, dedicada ao Dr. Cezar, que aliás da primeira remessa tinha já recebido uma particularmente a elle dirigida, só uma fria phrase me cabia. Era esta : « Apresenta meus cordiaes respeitos a tua mãe e pede-lhe, em nosso nome, que me escreva por ti, quando por ventura já não o possas fazer. » A unica phrase pois que elle me concedia fôra ainda assim determinada pelo amor de Palmyra. Não me revoltei : Era o caso do doente que, desvairado

pela dôr, morde a mão do medico que o opera. Pois me mordesse ! que me mordesse quanto quizesse ! comtanto que aquella mesma bocca, que me mordia a mão, continuasse no futuro a beijar com duplicado ardor a bocca de minha filha !

Não vne agastei, nem me senti menos-feliz por isso.

A natureza é boa amiga ! Como sabe ella dar a todas as estações da existencia novos interesses de vida ! novas dôres e novos prazeres ! Nunca pensei que fosse tão intensa a felicidade de ser avó !...

A' proporção todavia que se approximava o grande acontecimento, comecei a palpitar de impaciencia e sobresalto. Desfazia-me em pequenos cuidados com a enferma ; afigurava-se-me que era eu a unica responsavel pelo que viesse a succeder ; sentia-me tão dentro daquella situação, que era como se eu fosse o pae e tivesse de ser a mãe daquelle filho ! Talvez não acreditem, mas juro que me impressionei ainda mais do que quando eu propria estive para dar á luz pela primeira vez !

E, agora, inesperadas apprehensões vinham perturbar a confiança que eu até ahi depositava cegamente nas optimas circumstancias em que fôra aquelle filho concebido. Não descansava um instante, não me descuidava um momento da minha Palmyra. De madrugada era eu a primeira a levantar-me e vencer-lhe a indolencia, e obrigar-a a vestir-se e a sahir commigo, para os passeios matutinos. Arrependia-me agora de lhe ter fallado tão abertamente do parto, porque ia começando a descobrir nella tambem receios e sobresaltos. Mas animava-a com tanto carinho e habilitade, que a boa creança nunca se atreveu a fazer-me a mais leve queixa, mesmo indirecta, contra a ausencia do marido.

Minha gaveta da secretária estava cheia de livros de medicina, concernentes ao assumpto que inteiro me possuia. Sempre que eu pilhava alguma folga ou quando podia roubar algumas horas ao somno, devorava o *Traité de l'art des accouchements* de Gazeaux, e tomava notas para discutir depois com o Dr. Cezar, que nesses ultimos tempos não nos deixava de visitar todos os dias. Devia já parecer ridicula aos olhos do bom me-

dico com as fumaças de doutora que eu agora me dava na conversa.

E a crise approximava-se.

Eu já me não pertencia; não tinha a cabeça no logar; comia sem appetite; passava noutes de insomnia. Estava tão abatida, ou mais, que minha propria filha, e juro que dentro do meu coração palpitava o feto que ella trazia no ventre.

Mas afinal chegou o dia supremo. A casa revolucionou-se. Cezar estava comnosco, felizmente. Não posso afiançar que soffresse eu as dôres puerperaes, mas sei que soffri muito e que não abandonei minha filha um só instante, até receber nos meus braços um bello menino, perfeito, forte, com o craneo coberto já de cabello preto.

Oh ! Victoria ! Victoria completa !

Saltaram-me as lagrimas dos olhos. Tive vontade de misturar meus cansados soluços de avó com aquelle angelical vagido, que meu netinho me trazia do mysterio da ante-vida, alguma cousa de um balbuciar divino, que ainda não é voz humana e tambem já não é

simples echo de puro cantico de anjos ! Minha filha, quasi morta de prostração, branca e fria, como se todo o sangue e toda a vida lhe tivessem escorrido pelo ventre aberto, gemia ainda, devagarinho, e seus gemidos cortavam a alma.

Entreguei a creança ao medico e a uma parteira que nos acompanhava, e dei-me toda aos cuidados da puérpera. Não me despeguei mais do seu lado, até que ella serenou de todo.

Ah ! correu tudo muito bem : confirmou-se a minha convicção de que o bom parto depende das boas circumstancias de amor em que o filho é concebido. Transbordava-me agora o coração de alegria. Quando vi minha filha fóra de perigo e prestados a meu neto os primeiros cuidados, corri ao quarto do oratorio, ajoelhei-me defronte da Virgem Mãe, e ahi, com a alma tambem parturiente e aliviada das ancias e sobresaltos que a pejavam, agradei aos ceus, entre lagrimas consoladoras, a ventura que elles nos enviavam.

Mas tornei logo para junto da enferma. Tomei-lhe a cabeça no regaço, e foi assim que Palmyra adormeceu, como nos outros tempos, quando eu era moça e ella pequenina.



XXII

Mez meio depois do nascimento de meu lindo netinho, recebia Leandro na Europa uma carta que o chamava para junto da esposa.

Fomos buscal-o a bordo e Cezar foi conosco.

A mulher que restitui aos braços e aos lábios sequiosos de meu genro era de novo a formosa creatura que elle deixára oito mezes antes; se não é que, com cumprir o seu mais alto destino de mulher, ganhára em graça e seducção, como certas plantas que só são verdadeiramente bellas e viçosas depois de darem o seu primeiro fructo.

Elle tambem vinha mais forte e bem disposto. Notei, no seu primeiro olhar trocado

commigò, depois que cobrio de beijos soffregos as faces, as mãosinhas e os pezinhos de seu filho, que Leandro me não guardava rancor, e estive quasi a acreditar que elle já tivesse afinal chegado a comprehender-me. Mas percebi logo o meu engano : ainda era muito cedo para tanto. Um homem vulgar não comprehende assim tão facilmente as complicadas delicadezas de um coração de mãe.

Cezar, esse é que me comprehendia bem e tomava parte directa nas minhas alegrias e nas minhas victorias. Com que ar de satisfação acompanhou o meu bom amigo, essa tarde, a reentrada de meu genro em casa da mulher, e com que sinceridade de contentamento se tornaram a ver !

O nosso jantar foi uma festa. Houve brindes, dirigidos quasi todos ao pequerrucho, que compareceu á meza nos braços da ama, e que, valha a verdade, se portou muito incorrectamente. Ainda não vi creança para berrar tão forte, nem para ensopar cueiros daquelle modo !

A' noute vieram visitas ; tocou-se, cantou-se e dansou-se. Attentando para uma das amigas de Palmyra, acompanhada á nossa casa

pelo marido, a qual tambem, havia poucos mezes antes, tivera o seu primeiro filho, não me pu de eximir de comparar esse casal com o meu casal, e reconhecer quão differente era entre os dous pares o modo por que se mantinha e conduzia cada um de per si. No emtanto, o casamento daquelles era sem duvida muito mais recente que o de Leandro com minha filha.

Não me contive e disse ao ouvido desta :

— Olha ! alli tens uma infeliz, cujo parto foi com certeza fiscalizado de perto pelo marido. Vê como os dous nunca se approximam francamente um do outro, e repara como só conversam quando ha uma terceira pessoa que forneça o assumpto.— Estão separados pelo filho !...

E, porque Palmyra fizesse um vivo gesto de surpresa com esta ultima phrase, accrescentei em segredo, para bem lhe explicar minha sentença :—O filho, desde que o pae assista ao seu nascimento, é um traço de união moral, um laço de amisade, que se estabelece entre os dous individuos donde elle nasce, mas, é ao mesmo tempo uma fria linha isoladora, que se cava para sempre entre o corpo de um

homem e o corpo de uma mulher, que sensualmente até ahí se amavam e se queriam.

Ella teve para mim um sorriso intelligente, em que lhe veio ao rosto toda a sua gratidão pelos meus desvellos, e o seu sorriso desabotoou-se num beijo que recebi na face. Quiz detel-a ainda um instante, Leandro, porém, acercou-se de nós, com o seu ar de namorado feliz, passou-lhe o braço na cintura, e os dous affastaram-se, rindo e conversando intimamente.

Sentia-me um pouco fatigada. As canceiras daquelles ultimos tempos deixaram-me abatida. Doíam-me as costas e o peito. Levantei-me com intenção de ir lá dentro tomar um copo de leite quente com uma gotta de cognac, quando um facto, em extremo desagradavel, veio interromper a nossa festa : Acabava de chegar da casa do Dr. Cezar um recado exigindo que elle seguisse immediatamente para lá, porque a irmã, que nesse dia se mostrára aliás muito melhor, fôra ao cahir da noute accommettida por uma terrivel hemoptyse e parecia agora em perigo de vida.

O bom homem não esperou segunda ordem para tomar ás pressas o sobretudo, o

chapéo e a bengala. Corri a ter com elle e pedi-lhe, emquanto agitado me apertava a mão, que, se o caso fosse com effeito grave, me mandasse prevenir logo ao chegar á casa.

Infelizmente era. O mesmo cocheiro do nosso carro, em que fôra o Dr. Cezar, voltou com a noticia de que D. Etelvina agonisava. Entreguei logo a casa a meus filhos, agasalhei-me, tomei o meu livro de orações, despedi-me das visitas, e segui por minha vez, mandando puxar bem pelos cavallos.

Cezar morava na praia do Flamengo. Quando cheguei lá, a pobre senhora expirava nos braços do irmão. Muito magra, muito descorada, com os olhos immoveis e sem fito, a bocca resequida babando sangue, o nariz laminoso e com um brilho sinistro, ella era apenas uma fugitiva sombra humana, que se exinania em soluços de morte.

Havia algumas pessoas presentes, mulheres e homens. Ajoelhei-me ao lado da cabeceira da cama, abri o meu livro de orações e puz-me a rezar em silencio. A moribunda já não dava accôrdo do que se passava em

torno do seu aniquilamento. Um collega de Cezar, que com este lhe acompanhára a molestia, sacudia os hombros desanimado, prompto já para sahir.

E alli, dentro daquelle quarto, defronte dos nossos olhos, uma vida apagou-se, deixando vazia e fria a quebradiça lampada de argilla. Ninguem dava palavra, e todos, em volta, contemplavam o cadaver, como, se a força de fital-o, procurassem comprehender alguma cousa daquelle facto tão commum e sempre tão extraordinario e tão commovedor.

Eu já não resava, fitava-o tambem, como os outros, pensando nesse mysterioso destino de todos nós. E lembrei-me de meu neto, que, com o mesmo mysterio daquelle retirada, havia pouco antes entrado na vida. Um a chegar e outro a sahir!... Donde baixava elle?... e ella, para onde descia?... De que vivido manancial e para que fundo e soturno deposito—vinham e iam essas pobres almas, que vemos passar ruidosamente no scenario da existencia, entrando e sahindo pelos bastidores de treva?... O que haveria lá dentro, na mysteriosa caixa desse theatro, onde talvez não repercuta uma só gargalhada ou um unico

solução da comedia ou da tragedia que representamos cá fora?... Porque seria que os actores não voltavam nunca á scena, mesmo depois de muito applaudidos?.. Ou quem sabe se voltariam, mas já descaracterizados e já irreconheciveis para aquelles que em vida os victoriaram com o seu amor ou com o seu odio?...

Trevas e trevas!

Uma velha amiga da morta interrompeu o seu pranto, para pedir aos homens que se retirassem dalli: ia preparar-se o cadaver para entrar na terra. Nessa occasião, Cezar encarregava um amigo de cuidar do enterro. E nenhuma de nós descansou um instante até que o corpo de Etelvina, depois de lavado, vestido, penteado e calçado, foi posto sobre um sofá da sala proxima, com as osseas mãos cruzadas sobre a carcassa do peito, e com o escaveirado queixo seguro por um lenço de seda branca. E, á cabeceira do sofá, armou-se uma mesa, coberta por uma toalha de rendas, com a imagem de Christo crucificado, entre duas velas de cera, que ardião com uma luz amarella e fumegante.

Então, assentaram-se todos em volta do

cadaver, e continuaram a contemplal-o. E o silencio foi de novo se condensando, numa opprimidora harmonia com o frio da madrugada e com o longinquo ladrar dos cães lá fóra na rua. E mais e mais pezada e humida se foi fazendo a tristeza. As velas, ao lado do crucifixo, pareciam chorar com aquellas suas quentes e longas lagrimas de cera, a escorrem-lhe em vagarosos fios e a pingarem, gotta a gotta.

A primeira mosca pousou no labio da defunta.

Em torno, numa desolação muda, ouvia-se, de longe em longe, um longo suspiro. E tristes figuras, negras de luto, permaneciam immoveis, com o queixo apoiado na mão—afitar o cadaver.

Eu tambem o fitava sempre, irresistivelmente, sem saber porque.

Servio-se café. Tomei a chiavena que me levaram, e continuei a encarar o cadaver... Mas, de subito, uma idéa, que nunca até então me viéra ao espirito, atravessou-me o coração de lado a lado, como com aquella mesma agulha que eu vira pouco antes coser o lençol da defunta: «E se a minha hora estivesse

tambem a bater...? Sim, nada mais natural !.., Achava-me velha, fraca ; sentia-me doente... podia pois morrer de um momento para outro !... E minha filha?! ficaria para sempre abandonada á imprevidencia moral do marido, sem ter quem lhes dirigisse a vida?... Mas assim, os dous acabariam fatalmente por cahir na vulgaridade do casamento e no tedio da prouiscuidade sexual!... E a minha obra, tão penosamente levada ao ponto em que se achava, seria perdida, completamente perdida !...»

Esta idéa fez-me fechar os olhos, para não ver o cadaver. Compreendi que outras pessoas que lá estavam em redor d'elle e pareciam dormir, tinham apenas, como eu, fechado os olhos, tambem para não ver a morte.

Como me succedia sempre ao preoccupar-me qualquer idéa sem prompta solução, pensei em Cezar, e lembrei-me de que, havia talvez mais de duas horas, notára eu a sua ausencia da sala, e não tivera por conseguinte trocado com elle senão algumas phrases de pezame official, em presença de estranhos ; e que, pois, não lhe havia recolhido ainda uma só palavra de dôr, quando aliás devia o meu

pobre amigo estar mortalmente ferido no coração: —Aquella sua irmã, agora alli finda e putrescente, era toda a sua ultima familia, era a sua extincta communhão domestica!... E eu sabia perfeitamente quão extremoso fôra o amor que os ligara por mais de vinte annos. Ainda não lhe tinha visto uma lagrima— devia soffrer muito! Precisava ir para junto delle...

Levantei-me á sua procura. Talvez estivesse no seu gabinete de trabalho. Fui ver.

O gabinete tinha luz e o reposteiro estava corrido. O pobre homem lá se achava com effeito, sózinho, assentado á secretária, o rosto escondido entre as mãos, de costas voltadas para a porta de entrada. Os seus cabellos brancos, cortados á escovinha, brilhavam argentinamente ao reflexo da luz do gaz que lhes batia de cima.

— Posso entrar Cezar?...

Elle ergueu-se com sobresalto e veio receber-me. Tomou-me as mãos, puxou-me para junto de si, fechou-me nos braços sobre o peito, e desatou a soluçar, como se só esperasse por mim para dar curso áquella explosão de desabafo.

Eu comprehendí—cerrei-o forte no meu collo e pousei a cabeça no seu peito generoso, procurando fazel-o sentir, bem no fundo do coração, que ainda lhe ficava neste mundo de miserias—uma irmã, uma amiga, uma camarada fiel, para o amar estremecidamente como a outra o amára durante a vida inteira.

E assim estivemos muito tempo, estreados nos braços um do outro, a chorarmos ambos, sem achar nenhum de nós uma palavra, d'elle para mim, ou de mim para elle.

Ia, no emtanto, naquella occasião, decidir-se entre nós dous o facto mais extraordinario de toda a nossa existencia...



XXIII

Elle afinal fez-me tomar uma cadeira e assentou-se perto de mim. Nunca lhe tinha visto a physionomia que lhe vi nesse momento: Ella dizia ao mesmo tempo todos os velhos, interminaveis desgostos do seu passado roto e sem fundo, e todo o desespero do seu presente restricto e sem sahida. Num relance veio-me ao espirito a synthese da sua longa existencia de sessenta e tantos annos — um rosario de lutos: Mulher, filhos e genros foram todos pouco a pouco cahindo em torno da sua velha dôr sobrevivente, até que a ultima da familia, aquella retardataria irmã que o extremecia, lhe fugia tambem agora, depois de uma toseghosa e gemebunda existencia de hectica !

— Acabou-se tudo!... murmurou o infeliz, como se seguisse o rapido vôo do meu pensamento.

Tomei-lhe as mãos.

— Não... disse-lhe em segredo, que minhas lagrimas tornavam mais abafado e intimo, ainda lhe resta uma amiga, uma irmã, uma companheira...

Elle levou á bocca as minhas mãos, que se orvalharam nas suas barbas húmidas de de pranto.

— Mas como hei de viver agora?... proseguio. Como hei de viver sozinho aqui, neste frio hospital abandonado, donde vi sahirem, um a um, para o cemiterio, todos os entes que me pertenciam!... Diga, minha amiga, diga-me como hei de supportar esta miseria?— E cobrio o rosto com o lenço, soluçando mais forte.— Ah destino injusto e perverso!... levar-me a morte os outros todos e deixar-me a mim, o mais velho e o mais necessitado de morrer! O que fico eu fazendo aqui?... O que fico fazendo?...

A sua agonia retalhava-me o coração. Chamei-lhe a encanecida cabeça para o meu

collo de amiga, e assim ficamos longo tempo, calados ambos.

As moscas, accordadas essa noite com a presença de um cadaver na casa, zumbiam alegres no silencio do quarto.

Cezar desviou-se do meu collo e deixou-se ficar cabisbaixo, com as suas mãos nas minhas. Compreendi que nesse instante o meu pensamento ia caminhando ao lado do delle, em silencio, como dous velhos e tristes companheiros inseparaveis; e por fim o nosso pensamento foi se derretendo em palavras, apenas balbuciadas. Cezar começou a fallar em voz muito baixa, soturnamente, como se temesse accordar a irmã, que dormia lá na sala, no seu leito frio. Fallava em segredo, com o rosto quasi unido ao meu, numa surda conspiração contra a vida. Era o residuo do seu pobre coração, já de muito tempo despedaçado, que vinha agora assim diluido pelas lagrimas.

E elle murmurou, como num sonho:

— Ultimamente, minha Olympia, uma estranha amargura me persegue... a nosso respeito... uma dôr secreta, penosa como um arrependimento tardio... alguma cousa da magoa de não ter colhido a felicidade, no bom

momento em que ella nos passou cantando diante dos olhos... um irremissivel desgosto de não ter sido em tempo o teu marido ou me ter feito o teu amante...

Abaixei os olhos. Era a primeira vez que fallavamos abertamente do nosso velho amor.

Cezar proseguio no mesmo tom: — Sim, sim, minha amiga... nós nascemos um para o outro!... Foi uma tremenda infelicidade não nos termos encontrado antes dos nossos loucos casamentos... ou não termos então rompido com todas as conveniencias e com todas as convenções—para nos unirmos para sempre; para nos pertencermos, exclusivamente, sem o menor desvio da nossa ternura; e para que enfim pudessemos ser agora, minha amada, inseparaveis companheiros neste fim de vida!...

— Não... respondi, não meu querido amigo, não seria a mesma cousa; não seríamos ainda hoje moralmente e virtualmente consorciados como somos. O casamento ou a concubinage desvirtuariam o espirito do nosso amor, tão puro e tão elevado... O matrimonio carnal é incompativel com a sagrada amisade, com a verdadeira dedicação, porque

vive dos sentidos e não do sentimento... Se tiveramos algum dia unido os nossos corpos, as nossas almas estariam hoje separadas! Se algum dia tiveramos tido em nosso consorcio, que foi tão claro e tão casto, outros laços que não o desta profunda e delicada affeição que nos irmana; hoje, que somos velhos ambos e pois inúteis para a sensualidade, não teriamos—tu em mim a tua consoladora amiga; eu em ti o meu derradeiro amor...

Cezar encarou-me sorprezo :

Como assim?... Pois eu negava o amor dos sentidos ligado ao sentimento do amor?...

— Certamente. Na lingua não ha palavras para exprimir essas duas cousas tão diversas e até tão oppostas:—o amor produzido pelo instincto sensual e o amor produzido pela sympathia e attração moral de dous espiritos, que se procuram e se casam. O grande erro do casamento vulgar, o que o torna insupportavel, é pretender alliar o instincto da procreação com o sentimento do amor ou da amisade, que nada tem a ver com elle e até o repelle. O irracional tambem é como o homem susceptivel de aprego de amisade, nunca porém se preoccupa com isso,

quando trata de cumprir o seu mister procreator. O homem não deve ter communição carnal com a mulher que ama!

Cezar mostrava-se cada vez mais sorprezo.

— E tua filha?... interpellou elle; tua filha não ama e não é amada pelo marido?...

— Ama sensualmente, respondi; mas, para o outro amor, para este que nos ligou até hoje, ella está perfeitamente incompatibilisada com elle. O marido não póde ser nunca o amigo. O esposo do corpo não póde ser ao mesmo tempo o esposo da alma; e nisto estava a razão de ser e a grande força dos confessores primitivos. Mas o padre não era amigo sincero e nem sempre foi leal e foi casto; dahi, a causa unica porque elle não persistio e não ficou para sempre nos casaes junto á mulher e ao lado do marido.

Cezar meditou um instante, e disse depois:

— Tens razão talvez... O que não impede que, apesar de nos amarmos sempre e apesar de termos nascido um para o outro, e apesar dos meus sessenta e cinco annos, e apesar de que sejas agora uma avó de cabellos brancos, não possamos viver juntos, como eu vivi até

hoje com minha irmã, porque não somos casados... E, se aqui te detenho commigo, assim neste gabinete, se te cingi ao meu peito e te guardei um instante nos meus braços já tremulos, é porque ha ahi a pequena distancia de nós um cadaver que tudo justifica; ao contrario nem isso mesmo seria razoavel !... Vê tu que escravidão a nossa !

— E' a convenção social, meu amigo...

— Oh ! o codigo social ! Soffra-se tudo ; supportem-se todas as miserias, mas não se falte nunca aos seus preceitos ! Mas, antes de apparecer esse mesquinho codigo arranjado pelo homem, já um outro existia, imposto pela natureza, muito mais sabio, mais justo e mais generoso ; e esse mesmo homem que reclama, sob pena dos maiores castigos, o bom cumprimento do seu codigo, calcá aos pés, a cada momento, as leis do outro, sem receber por isso, dos seus semelhantes, a menor punição ! De sorte que eu, tendo uma amiga a quem extremeço, com quem poderia arrastar menos tristemente o sudario da minha velhice, não hei de valer-me da companhia della, nem usar livremente da sua casta amisade, porque o tal codigo social não m'o permite ! E' caso

para lamentar não seres tu homem, ou não ser eu mulher !

— Não, Cezar, nada aproveitariamos com ser do mesmo sexo... Nunca houve equilibrio perfeito de qualquer amor senão entre pessoas de sexo differente. O amor que te tenho, apesar de ideal, nunca poderia eu senti-lo por outra mulher, fosse esta minha mãe, minha irmã ou minha filha...

— Mas, meu Deus ! isso é a negação das tuas theorias sobre o casamento...

— Não... Porque ?...

— Segundo o que acabas de dizer, duas pessoas de sexo differente pódem então, sem incompatibilidade, viver eternamente juntas...

— De certo, desde que se amem castamente, como nós dous nos amamos, e não tenham entre si a menor approximação carnal. O que incompatibilisa moralmente os conjuges é o amor physico. Se dous amigos de sexo differente pudessem, na plenitude da mocidade, realizar um consorcio naquellas condições, e vivessem juntos sem a menor preocupação dos sentidos, seriam eternamente felizes e cada vez mais se amariam, porque para elles a convivencia constante, ao contrario do

que succede aos que se unem pelo sexo, longe de enfraquecer-lhes o amor, havia de ir crystallizando-o lentamente, até fazel-o attingir o supremo estado de pureza, inquebrantavel e limpido como um diamante. Seria esse o unico casamento eterno!

— E os filhos?...

— Que filhos? Acaso figuraste semelhante hypothese, quando ha vinte annos te úniste ternamente a essa tua pobre irmã, que acaba de morrer, deixando-te a alma viuva do seu amor?...

— Eu a amava, justamente porque ella era minha irmã...

— E nós somos irmãos, justamente porque nos amamos. E assim deve ser entre todos os homens e todas as mulheres que se amam.

— Oh! seria isso a extincção da especie... a não ser que, em tal casamento, a cada um dos consortes assistisse o direito de ir buscar fóra do casal, onde melhor o levassem os seus appetites carnaes, a satisfação do instincto procreador!...

— E porque não? O instincto materialissimo da procreação nada tem que ver com o amor, isto é, com o verdadeiro sentimento

de humanidade elevado ao seu mais alto gráo de commoção. A femea é para o macho—produzem ; a mulher é para o homem—amam-se. Entre os que se ajuntam instinctivamente, não póde existir amor, só ha sensualidade ! E' o caso de minha filha e meu genro ; é o contrario do nosso caso !

— Então, para que fazer questão de sexo?...

— Porque, repito, entre duas pessoas do mesmo sexo, a não ser no caso particular do amor materno, que é um desdobramento do amor-proprio, só póde haver ligeiras relações de estima e sympathia. Amor, verdadeiramente amor, só póde existir entre o homem e a mulher ; só entre estes se fará inteira confiança de parte a parte, inteiro equilibrio de espiritos e de corações. A sexualidade physica reflectindo-se no moral é tão poderosa que se estende até aos paes com relação aos proprios filhos, ou vice versa. A filha ama sempre mais o pae do que a mãe, e o filho mais a mãe do que o pae. Póde-se affirmar que não é só o corpo que tem sexo, a alma tambem o tem, e só a alma de uma mulher póde comprehender a alma de um homem e só por esta póde ser

comprehendida. Ha muita cousa que um homem não confia ao espirito de outro homem, nem uma mulher ao de outra mulher. Eu, por exemplo, em caso nenhum teria jamais revelado a outra pessoa do meu sexo tudo o que até hoje te relatei da minha vida intima e dos meus mais intimos pensamentos; e tu, meu velho amigo, juro que tambem não serias capaz nunca de pôr a alma nua defronte de nenhum homem, como tantas e tantas vezes a exhibiste defronte dos meus olhos. Porque? porque sempre nos amamos sinceramente, e muito, tanto quanto é possivel, sem nunca todavia depravarmos o nosso amor humano com a rasteira preocupação de nossos instinctos bestiaes! Se o tiveramos feito, não te poderia eu fallar agora deste modo, nem tu me ouviriãa serio e de boa fé, como me estás ouvindo: Rir-nos-iamos um do outro; achar-nos-iamos ridiculos!... Os individuos, sujeitados e unidos pela sensualidade, quando se acham a sós os dous, só pôdem fallar com empenho dos interesses do proprio instincto que os unio, seja dos interesses do goso sexual, ou seja dos interesses dos filhos; no mais, as pouças e frias palavras que trocam

entre si são concernentes a cousas chatas, caseiras e materiaes como o mesmo amor que os liga. E nós, desde o primeiro dia em que nos conhecemos até hoje, conservamos um para o outro a mesma linha de elevação moral, o mesmo respeito e a mesma poesia no amor !

Calei-me, e só então notamos que o dia acabava de invadir o gabinete por uma larga janella envidraçada.

Cezar ergueu-se, e eu tambem. Elle, livido com aquella noute de insomnia e de lagrimas, parecia um espectro.

Adiantou-se lentamente para mim, extendendo-me as mãos tremulas.

— Se assim é... disse-me commovido e supplicante: não nos separemos mais !... Vivamos juntos este resto de vida, unidos por esse elevado amor de que me fallas !... Posto nossas almas ha muito se esposaram, casem-nos, já que assim o quer a sociedade; e que eu te possa ter ao meu lado, e que eu te falle e te veja todos os dias, a qualquer instante ; e que eu possa contar contigo, minha amiga, perto do meu leito, quando este pobre corpo morrer de todo !

Abaixei a cabeça.

Depois de longa pausa, tartamudeei muito triste :

— Ninguém nos comprehenderia... Seriamos cobertos de ridiculo, por todos, por minha familia até, por minha filha !

— Não ! insistio elle. Não acontecerá assim : Já todos se habituaram a ver em ti um espirito superior, emancipado de preconceitos mesquinhos. Casar-nos-emos para poder viver perto um do outro, mas separados de corpo, como dous irmãos. Lembra-te de que hoje tua familia é o meu unico herdeiro e eu preciso justificar publicamente esse facto. Não me abandones aqui com as minhas saudades, sem ter eu um coração onde aqueça esta velha alma tua amiga ! Casando-me commigo, minha querida irmã, não é só uma companhia que trarei para meu lado ; Palmyra será tambem minha filha e Leandro será meu filho... E eu terei o direito de amal-os e de importunal-os um pouco com as minhas rabugices de velho... E terei, para se rir de mim, para puxar-me as barbas e trepar-me pelas pernas, o teu netinho, Olympia ! Elle, o diabrete, vendo-me todos os dias a teu lado e habituando-se a brincar commigo, acabará por

amar-me, como se com effeito fosse neto de nós dous... E só a idéa de que lhe ouvirei ainda chamar-me «Vovô»! só com esta idéa... vês tu, minha filha?... correm-me já as lagrimas pelo rosto!

Approximei-me delle, para cingil-o nos meus braços.

— Descansa, respondi-lhe. Não ficarás abandonado, meu bom amigo! Mesmo nestes pesados dias de nojo serei desde já a tua companheira. Logo mais voltarei com Palmyra, para passarmos tres dias comtigo. Leandro ficará lá em casa durante esse tempo.

Cezar amparou-se de mim, soluçando. Entre as suas lagrimas só uma palavra comprehendí das que me disse: «Obrigado! Obrigado!» Depois tomou-me a cabeça entre as mãos e beijou-me na testa. Eu lhe respondi com um beijo igual.

Foi o primeiro beijo que trocamos em toda a nossa longa vida de amor.

Ao sahir do gabinete, dirigi-me logo para a sala em que estava o cadaver. Em volta delle pareceu-me tudo ainda mais triste com

aquella deslavada luz do amanhecer. As raras pessoas que ficaram a guardar a morta dormiam nas suas cadeiras, com a cabeça pendida sobre o peito. As velas choravam sempre, e mais sinistras achei agora as suas lagrimas. O corpo, já completamente rijo, fazia mais frio o ambiente, e um ligeiro fedôr humido evolava-se delle.



XXIV

Quando, pela manhã, cheguei á casa, sentia-me muito mal disposta. Era sem duvida a reacção de todas aquellas canceiras accumuladas ultimamente. — Mas tudo isso passaria com algumas horas de absoluto repouso — Recolhi-me ao quarto, quasi sem forças para despir-me. Despedi a creada, recommendando-lhe que me não chamasse enquanto eu estivesse na cama.

Deitei-me, e comecei a pensar, á espera do somno : Teria eu animo de realisar a boa acção que vinha de prometter ao meu amigo ?... Teria a coragem de affrontar com o ridiculo, que por ventura iria despertar aquelle casamento feito entre dous velhos ?... Comprenderiam essa ligação moral; esse esposorio de

duas almas amigas, que se estremecem e se buscam, atravez de uma existencia inteira; e afinal se abraçam, não para a satisfação do amor, mas para afugentar o medo que, separadas e sozinhas, sentiria cada uma no frio resto do seu caminho já ensombrado pela morte?...

Não, com certeza, ninguem comprehenderia! Não obstante, esse casamento, singular embora, era perfeitamente logico e era essencialmente humano! Em que e porque o amor e os reclamos da alma valem e merecem menos que as sensuaes necessidades do corpo?... Acaso a solidariedade da carne, instincto de todo animal, é mais digna que a solidariedade do espirito, privilegio exclusivo do homem?... Pois tão facilmente acceitavam todos e comprehendiam a conveniencia de um companheiro para os nossos sentidos inconscientes, e não comprehenderiam a razão de um companheiro para o nosso espirito, que é a parte racional do ser humano, o que o sobreleva dos brutos e o que o aproxima de Deus?...

Não, ninguem comprehenderia!.. Entretanto, aquelle casamento seria de grande utilidade, nem só para o meu velho amigo, como

para mim propria. Cansada já, precisava ter mais perto o meu auxiliar na obra da felicidade matrimonial de Palmyra; precisava de um substituto immediato para as faltas, que eu seguro iria fazer agora no meu posto de vigia. De resto, e talvez principalmente, a expectativa de ter Cezar a meu lado neste ultimo quartel da vida, enchia-me o coração de uma ineffavel esperança de completa felicidade moral.

Mas, que diria meu genro?... que pensaria minha filha?...

Oh! para esses ficaria tudo, mais tarde, explicado neste manuscripto, que em tempo lhes chegaria ás mãos! E, quanto aos mais—já muito fazia eu em dar-lhes a publica satisfação do casamento!

Sim! estava resolvido—Cezar viria acabar seus dias a meu lado!

E comecei a pensar na disposição da casa para accommodal-o convenientemente, e até em nosso futuro modo de viver.

Havia um aposento magnifico para elle, e o meu quarto de trabalho, que era vasto, passaria a ser commum entre nós dous. Seria o nosso ponto principal de convivencia: Em-

quanto Cezar ahi estivesse occupado lá com os seus trabalhos, estaria eu costurando, lendo ou escrevendo; e isso não impediria que minha filha continuasse a passar nessa mesma sala, as horas que costumava passar commigo.

E via já o meu velho camarada, ao almoço e ao jantar, assentado ao lado de meu neto, a rirem-se os dous um com o outro, a brincarem, como duas creanças. E via-o depois passeando commosco, nas bellas manhãs de Petropolis, levando-me pelo braço, feliz com aquella familia toda inteira e completa, que eu lhe dava, como um presente de bodas, para consolação do resto da sua existencia. E via-o á noute, na sala, de cabeça coberta e lenço ao pescoço, jogando commigo antes do chá; emquanto Palmyra ao piano acompanhava o enamorado e choroso bandolim do marido. E via-o afinal estendido no seu leito extremo, já prestes a deixar a vida, guardando as minhas mãos nas suas, e entregando-me o ultimo suspiro da sua alma irmã da minha, tão generosa, tão amavel e tão pura.

Mas o somno não vinha e a minha indisposição crescia vivamente. Dolorosos calafrios obrigavam-me a encolher-me toda debaixo dos

cobertores. Sentia doer-me o lado direito da cintura, a bocca secca, o estomago anciado. Comprehendí que não podia dormir. Tacteei o tympano, vibrei-o e pedi á creada uma chavena de chá bem quente. Ao tomar os primeiros goles, vomitei logo, e senti dôres no estomago.

Quando minha filha, alvoroçada com a noticia do meu incommodo, me procurou afflicta, eu ardia em febre e não podia conter os gemidos. Meu genro veio também pouco depois, todo de luto, já preparado para o enterro de D. Etelvina, que seria á tarde. Apesar do soffrimento, fallei-lhes no abandono em que ia ficar o nosso Dr. Cezar e no estado de desconsolo em que eu o deixára ao lado do cadaver da irmã, ultimo parente que lhe fugia para debaixo da terra.

Leandro prometteu-me que lhe faria uma visita logo em seguida ao almoço e ficaria com elle até ás horas do sahimento. Pedi-lhe mais que, depois do enterro, o não deixasse sozinho naquelle casarão triste e solitario; que, em meu nome, o persuadissem de vir para junto de nós, ao menos por esses primeiros dias; e lhe dissesse que eu não podia lá ir

com Palmyra, como promettera e tencionava, mas que viesse elle; entregasse a casa aos serventes e trouxesse de companhia o seu velho creado Antonio. Era isso o bastante.

Recebidas estas disposições, Leandro sahio do quarto, e minha filha começou a tratar de mim, convencida, como eu, de que era passageiro o mal. Não valia a pena chamar medico; Cezar viria á tarde ou á noute e daria as providencias necessarias. A despeito da minha crescente indisposição, perguntei a Palmyra que tal lhe parecia a idéa de convidarmos o meu velho amigo para ficar morando indefinidamente comnosco. Ella não se abalou com o alvitre, como esperava eu.

— Alli, disse, todos queriam e estimavam tanto o Dr. Cezar, que este era para a familia menos um estranho que um parente.

Recommendei-lhe então fallasse a esse respeito com Leandro e dêsse-me depois sincera conta da impressão que semelhante idéa produzisse no animo d'elle.

— Ora! respondeu minha filha. Leandro é de véras amigo do velho Cezar. Mamãe bem sabe que elle o estima e respeita como a um

pae! Ha de sem duvida ficar satisfeito com a noticia...

— Sim, mas falla-lhe, porque talvez não fiquem as cousas neste ponto.

O peor é que o meu padecimento augmentava, e do meio para o fim do dia, tão mal me achei e tão pouco accôrdo dei de mim, que não posso agora render copia exacta do que se passou. Cahi em modorra de febre; creio que delirei. Sei apenas que Cezar veio logo ao fechar da noute; que me receitou; deu-me a tomar os remedios e não me abandonou até ao momento em que, já tarde, Palmyra o constrangeu a recolher-se ao quarto que lhe destinavamos.

E eu, que o tinha chamado para alivial-o das suas penas, recebia agora delle os desvellos de amigo e os cuidados de medico e de enfermeiro. O que suppunhamos febrê passageira era nada menos que uma inflammacão de figado. A molestia caracterizou-se nessa mesma noute com a alteracão na glandula, e o Dr. Cezar fez logo o seu diagnostico: «Hepatite intersticial, proveniente de impaludismo.»

E tive de guardar o leito no dia seguinte

e nos outros immediatos, mostrando-se Cezar ao meu lado de uma sollicitudo sem igual.

Mas, ao fim da primeira semana, reconheciamos já que a nossa posição era falsa. Desde que constou a minha enfermidade, começaram as visitas, algumas de mera cerimonia, outras de verdadeira estima; e o meu pobre amigo confessava-se constrangido alli, á vista dos estranhos. Além disso, era natural que elle, sem estar de todo transferido lá para casa, sentisse falta dos seus velhos habitos; homem, como sempre foi, dado methodicamente a longos estudos e a trabalhos scientificos. Não me animava comtudo a propôr-lhe a mudança absoluta, sem a justificativa do casamento. E a situação, dentro em pouco, complicou-se ainda mais, pela contingencia em qué me vi de ter, para segurança da cura, de aproveitar, ainda no primeiro periodo da molestia, a estação das agoas de Caxambú.

Foi assim que se resolveu em familia, e logo se apressou, o nosso singular casamento.

Como ainda não podia eu sahir á rua, tivemos de solicitar uma licença da Egreja.

para realisal-o em casa. Não foi difficil, e a formalidade religiosa durou pouco tempo, sem grande escandalo na visinhança.

As pessoas de nossa amisade receberam a comunicação do facto nos seguintes termos :

«Olympia da Camara e o Dr. Cezar Velloso participam a V. Exa. que contrahiram o direito de passar juntos a sua velhice, apresentando-se legalmente pelos vinculos conjugaes.»

Não sei se a novidade foi muito commentada lá fóra, nos varios grupos das nossas relações ; não m'o disseram, nem eu tão pouco a ninguem o perguntei. Quanto a lá por casa —Ah ! isso foi differente : O senhor meu genro não procurou sequer disfarçar o riso que o facto lhe provocava ! O leviano, sem attingir o alcance do meu proceder, só nelle via o ridiculo casamento de dous velhos. Perdoei-lhe, não obstante, ainda essa descortezia, porque ella não era obra da maldade do seu coração, mas só da sua inferioridade moral.

Palmyra, essa não rio logo, pelo menos em minha presença ; ficou a scismar, sem animo de interpelar-me, e dahi por diante evitava até de entrar em conversa commigo sobre este

assumpto. Mas, com Cezar, já não foi tão generosa, porque um dia a sorpreendi a faceciar contra o padrasto a respeito do caso. Elle, não sei o que tinha dito, que ella, com aquelles seus modos de rapariga travessa, pois nunca os perdeu de todo, tomou-lhe as lunetas, armou-as no nariz e começou a arremedar os meus gestos e a minha voz, exclamandô comicamente, com o dedo no ar e a cabecinha empertigada :

— Casaram-se?... Está muito bem ! mas não consinto que fiquem juntos muitos dias seguidos... Não ! não ! a felicidade conjugal, meu caro Dr. Cezar, é nisto que se bazêa ! E se duvida, vou já buscar-lhe a Biblia !...

Cezar pôz-se a rir, e eu não pude deixar de fazer o mesmo. Ella, ao dar commigo, que a espreitava, ficou desapontada e corrida : desprende as lunetas do nariz, entregou-as ao dono ; e o diabrete veio correndo atirar-se-me ao pescoço e pedir-me com os seus beijos o beijo do meu perdão.

Todavia, eu continuava doente. Realisou-se a mudança definitiva de Cezar lá para casa,

e dahi a dous dias arribamos todos para Caxambú. Fui bem prostrada.

No fim de um mez de agoas estava de pé, mas comprehendí que me havia empolgado a molestia que terá de matar-me. Alguma cousa se modificou no meu ser physico, alguma cousa em mim se quebrou para sempre. Reconheci que um novo marco divisorio se firmára na minha existencia, separando o ultimo periodo vivido de um novo periodo que começava. Este deve ser naturalmente o ultimo, porque em minha familia nunca vamos além dos sessenta annos.

Agora, porém, que me importava a idéa de morrer, se estava tudo bem disposto para garantir a felicidade dos entes queridos que eu deixava no mundo ?

Depois de tres mezes de Caxambú voltamos á nossa casa de Laranjeiras, e de novo entrou definitivamente nos seus eixos a nossa vida domestica, mais completa agora com a presença de Cezar. Pouco a pouco, á vista da attitude que guardavamos, eu e meu esposo, Leandro foi comprehendendo a nossa verdadeira situação. Deixou de rir; e, tanto elle como Palmyra, começaram a envolver o

meu veneravel companheiro na mesma atmospheria de carinhoso respeito em que ella sempre teve e em que aquelle ultimamente me firmava.

A minha alliança com Cezar era a de dous velhos irmãos amovaveis ; e o exemplo do nosso mutuo respeito, da inalteravel delicadeza de palavras e maneiras que mantinhamos um pelo outro, e principalmente a acção constante daquella nossa profunda amisadé, casta, sagrada e puramente espirital, não tardaram a dar de si os fructos que eu presupunha, reflectindo-se directamente no animo de minha filha e de meu genro. Foi para elles tão efficaz e poderoso o effeito desse exemplo de amor impolluto, que no fim de alguns mezes se tornava de todo desnecessaria a minha intervenção para obrigar-os a cumprir o regimen de vida que eu lhes impuzera, sem haver, não obstante, desfallecimento de amor sensual por parte de nenhum dos dous. Ou porque tivessem afinal se habituado ás periodicas separações de leito, ou porque comprehendessem já o seu valor e efficacia ; ou fosse emfim que o alto exemplo da nossa calma ternura lhes apurasse o espirito e lhes aperfeiçoasse o co-

ração, o certo é que elles iam agora, sem esforço, naturalmente, vivendo como lhes ensinára eu a viver, e confessavam-se felizes ; e, pela primeira vez, mostravam-se gratos ao meu maternal desvelo.

Com a convivencia Leandro foi cada vez mais se fazendo filho de Cezar ; afinal, muitas vezes, nos seus regulares affastamentos do thalamo, meu genro dormia no mesmo quarto com o padraсто, e Palmyra e meu neto dormiam commigo. E iam-se assim os dias passando, sem a mais ligeira nuvem de desharmonia, sem o menor attricto de caracteres, nem sombras de descontentamento, porque, ao contrario do que em geral succede nas familias ainda mesmo pouco numerosas, não formavamos pequenos grupos conspiradores ; não havia segredos entre todos nós, nem por consequente podia haver resentimento.

A liberdade moral e physica de cada um era completa, sem dispertar nos outros o vislumbre de uma offensiva suspeita. Leandro entrava e sahia de nossa casa livremente ; ora dormia, ora não dormia perto da mulher, e deixava de apparecer-lhe nos dias que lhe

convinha, sem que isso nella despertasse ciumes ou enfados de despeito.

Sem o preclaro exemplo da minha comovida e amorosa castidade, não sei se poderia, apesar do empenho que puz em dirigir a felicidade de Palmyra, ter evitado entre ella e o marido as ridiculas contendas e as enervantes miserias do matrimonio. E com effeito — que bella licção de amor e que virtuoso exemplo de ventura não era esse casal de velhos, assim vivendo unidos só pelo coração e pelo espirito, sem jámais se fatigarem da presença um do outro, sem nunca precisar nenhum dos dois fingir nos seus sorrisos e nas suas palavras de ternura !... Ah ! tinhamos sempre o que conversar, porque bem pouco fallavamos de nós mesmos, o que equivale a fallar dos nossos instinctos ou dos nossos interesses materiaes. Podiamos penetrar desassombradamente em todos os assumptos, discutir os pontos mais elevados da moral e da razão, porque não nos tinhamos jámais incompatibilisado intellectualmente pelas grosseiras animalidades do corpo. Podiamos olhar-nos bem de face um para o outro, sem cotar ou sem rir, porque eramos igualmente puros aos

nossos olhos, porque nunca entre nós esvoaçou a aza do mais fugitivo menoscabo, e porque tínhamos sido sempre, na mocidade, e eramos e continuavamos a sel-o na velhice, os mesmos amigos castos, os mesmos irmãos amorosos, cujas idéas e cujas revelações de gestos e palavras jámais foram postas entre nós ao serviço da luxuria e das vergonhosas e inconfessaveis immundicias da carne !

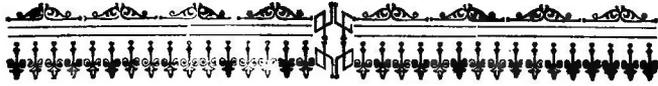
Oh ! juro que eu era, como esposa, ainda mais feliz que minha filha, para cuja felicidade trabalhei eficazmente durante toda a minha vida de mulher.

Sim, fui e sou feliz, apesar da molestia que me vae minando a existencia. Sou agora, neste momento em que escrevo estas palavras, a mais venturosa das mães, a mais enternecida das avós e a mais bemaventurada das esposas. Enquanto escrevo isto, sinto perto, bem perto de mim, o meu amigo amado, que ahi está a dous passos, descansando numa poltrona, a fumar o seu charuto em quanto lê um jornal. Ouço-lhe com volupia o fraco e curto resfolegar de velho, afinado pela minha respiração de enferma e pela debil respiração do meu netinho. Sinto, pensando nisto, invadirem

minha alma a paz e o amor que cercam os meus gemidos e os meus cabellos brancos... Sei que Palmyra é feliz e sei que ella me ama; sei que meu genro me fará justiça e me amará um dia tanto quanto minha filha; sei que morrerei abençoada por elles e...

Mas não posso continuar a escrever: Ce-
zar acaba de levantar-se e vir ter commigo.
Tomou-me a mão esquerda e disse-me com
authoridade de medico:

— Bem! por hoje basta! Qualquer abuso
de trabalho, minha amiga, pôde prostrar-te
de cama... Vamos antes dar um passeio pela
chacara... A tarde está magnifica!



XXV

São passados nada menos de um anno e dous mezes depois que escrevi as ultimas palavras que ahi ficam para traz ; só agora pude voltar ao meu manuscripto e talvez, quem sabe ? para me despedir d'elle, porque é já côm bastante custo que ainda lanço no papel estas linhas, tremulas e pallidas como a propria mão que as traça.

Como estou desfeita e abatida !

Depois das enganadoras melhoras grangeadas com os ares e agoas de Caxambú, o mal accordou de novo, para seguir victoriosamente o seu negro curso. O meu terrivel fígado, apezar dos cuidados medicos, augmentou sempre durante o segundo periodo da molestia ; e agora, já no terceiro, sinto que me ma-

tará este depauperamento geral de forças e esta cruel ascite, que me dá o absurdo aspecto de uma tísica em ultimo gráu e grávida.

Todavia, durante esse tempo fizemos uma excursão pela Europa; já de volta ao Rio de Janeiro, operei a minha hydropesia abdominal, e só hoje consigo, ainda sem deixar a cama, tentar sobre a mesa de cabeceira esta pagina difficil... Ai! dóe-me todo o lado direito; dóem-me o pulmões e sinto falta de ar!

Mas é preciso arrastar-me até ao fim das minhas revelações... Vamos: Palmyra está pejada de novo; o marido, sem que ninguem lhe fallasse nisso, declarou já que iria aos Estados-Unidos durante o resguardo puerperal. Recommendei-lhe que não deixasse de visitar Salt Lake City, capital do territorio de Utah e procurasse, como o Affonso Celso, conversar com os proselytos e sectarios de José Smith, patriarcha dos mormons. A convicção philosophica dessa tribu de homens fortes póde preparar-lhe o espirito para a metade da existencia que lhe falta viver ainda com a mulher.

Meu esposo gosa da melhor saude que é dado gosar a um velho, e seria completamente

feliz se não foram os meus padecimentos. Creio que só aos seus desvellos de amigo e de medico, tenho ainda conseguido viver; pelo menos...

Ai ! senti agora mesmo nos pulmões uma dor aguda ! Não posso continuar a escrever... Bem me dizia Cezar que seria imprudencia dar-me a este trabalho...

E terminava aqui o curioso manuscripto, que Leandro me deu para ler na sua pittoresca vivenda da Tijuca. As ultimas paginas não pareciam escriptas pelo mesmo punho que traçára as primeiras com letra tão firme e corrente. As phrases finais eram quasi intelligiveis.

Devorei-o em duas secções : uma á noute, antes de dormir, até ás duas horas da madrugada seguinte, e a outra entre o almoço e o jantar desse mesmo dia. Mal o terminei, corri ao meu amigo para pedir-lhe os pormenores da morte dessa intelligente e singular senhora, a quem tão mal julgára eu até ahí e por quem, depois daquella leitura, sentia a mais profunda admiração e o mais enternecido respeito ; e eis em substancia o que me narrou Leandro :

D. Oympia, depois que interrompeu com um gemido aquella sua pagina interminada, nunca mais levantou a cabeça dos travesseiros, vindo a fallecer da molestia que a prostrava.

Durou muitos dias a sua agonia mortal. Durante esse tempo, Cezar fez todos os milagres da dedicação e do amor para salvá-a. Jamais amante nenhum foi tão extremoso e digno desse nome; nem jámais noivo de vinte annos chorou com tamanha paixão o desviver da noiva virginal e formosa.

A casta companheira da sua velhice mor-

reu-lhe nos braços e recebeu o seu beijo derradeiro entre as lagrimas dos filhos. Poucos momentos antes de expirar, chamou estes dous para bem junto della e, tomando uma das mãos de Leandro, e tomando uma das mãos de Palmyra, fallou-lhes com a flebil sombra de voz que ainda lhe restava :

— Logo que eu feche os olhos, disse-lhes compassadamente, abram aquella gaveta da minha secretaria, cuja chave está debaixo deste travesseiro, e tirem de lá o manuscrito que fui escrevendo depois que Palmyra se casou. Encontrarão ahi a justificação plena de todos os meus actos e de todas as minhas palavras. Foi por amor de ti, minha filha, que concebi aquellas idéas, e foi para ti, meu genro, que as escrevi. Leiam-no ambos com attenção e procurem seguir a risca os preceitos que lá se acham estabelecidos, porque essa é a minha derradeira e unica vontade, ao deixar este mundo. Se o fizerem, hão de ser eternamente felizes como animaes humanos: terão a felicidade material em que se funda a vida organica da nossa especie; mas, se quizerem desfrutar a outra felicidade, a melhor, a mais alta e mais perfeita; essa, que nenhum

dos dous conhece ainda ; essa, que eu gosei longe e ao lado deste meu actual esposo ; essa, em que se bazêa e garante a vida moral—tenha cada um de vocês dous o seu amigo, o amado do seu espirito, o eleito da sua intelligencia, porque todo o homem, como toda a mulher, precisa tanto de um companheiro para a sua carne, como de um companheiro para a sua alma ! A vida é o amor, e o amor não é só a procreação. Christo não deixou filhos, mas a semente do seu amor vive e fructifica até hoje no coração dos homens... E' possível que a idéal melancolia do seu beijo immaculado, chorando eternamente atravez dos seculos, seccasse muitos ventres, esterilissasse muitos homens, mas fecundou de immoredoura ternura muitos e muitos corações !... A carne é egoista—temam o despotismo da carne ! A carne é irmã degenerada—é o Caim da alma ! Affastem um do outro esses dous irmãos irreconciliaveis, para que o idéal não caia assassinado pela besta ! Vá cada um de vocês dous, meus filhos, buscar o esposo da sua alma, fóra e bem longe do leito matrimonial, com os olhos bem limpos de luxuria, com a bocca despreoccupada de beijos terrenos,

com o sangue tranquillo e o corpo deslodado das lubrificações carnaes ! Minha filha—toma um amante—para teu espirito ! Meu filho—elége uma amiga —para o teu coração de homem !

E calou-se.

Foram estas as suas ultimas palavras. Depois de balbucial-as, deixou pender a cabeça sobre o collo do esposo, e morreu sem um gemido.

INDICE

CAPS.	PAGS.
I.....	7
II.....	23
III.....	35
IV.....	43
V.....	55
VI.....	67
VII.....	81
VIII.....	99
IX.....	115
X.....	129
XI.....	141
XII.....	157
XIII.....	169
XIV.....	181
XV.....	191
XVI.....	203
XVII.....	213
XVIII.....	233
XIX.....	247
XX.....	265
XXI.....	281
XXII.....	291
XXIII.....	303
XXIV.....	319
XXV.....	335

OBRAS A VENDA NA MESMA CASA

Anjo da Meia Noite, drama.....	24000
Amor e honra, idem.....	18000
Amor com amor se paga, comedia.....	14000
Arthur ou 16 annos depois, drama.....	28000
Beati de Mantilha, comedia.....	18000
Beberrão, scena comica... ..	500
Bom anjo da meia noite, drama.....	28000
Bengala, scena comica... ..	500
Brazil e o Paraguay, scena comica.....	500
Carlos, o artista, drama.....	18000
Cahio o ministerio, comedia.....	18000
Comi o meu amigo, idem.....	18000
Costureira, idem	18000
Chinelas de uma cantora, idem.....	18000
Como os anjos se vingam, drama.....	18000
Con Lemnãdo, idem.....	18000
Caixeiro de taberna, comedia.....	18000
Casar o metter freira, idem.....	18000
Dalila, drama.... ..	28000
Dá cá tabaco compadre, cena comica.....	500
Descuidos, monolgo.....	500
Deilcias do fadinho, scena comica.....	500
Diabo atraz da porta, comedia.....	18000
Dois surdos, idem.....	18000
Duas bengalas, idem.....	18000
Dois mineiros na Corte, idem.....	18000
Dois ou inglez machinista, idem.....	18000
Doibo a quatro n'uma hospedaria, idem.....	18000
Direito por linhas tortas, idem.....	28000
Defeito de familia, idem.....	18000
Duas orphãs, drama.. ..	28000
Engaltados, idem..ta.....	28000
Esperteza de rato comedia.....	28000
Fallar verdade a mentir, idem... ..	18000
Fallar verdade a mentir, idem.....	28000
Gesta dos crancos, idem.....	28000
Fausto idem.....	18000
Gonziga ou a revolução, idem.....	28000
Garpar, o serralheiro, idem.....	18000
Guejra aos Nunes, comedia.....	18000
Hamlet, tragedia.....	28000
Holandez ou pagar o mal, farça.....	18000
Homens do mar, drama.....	28000
Homens e fera idem.....	28000
Altar infernal.. ..	28000
Aristocracia e Povo.....	28000
As duas Orphas.....	28000
29 Honra e Gloria.....	28000
Que arranjo, comedia	18000
Os 30 Botoes.....	18000
Manda quem pode.....	18000

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).